

O Ressurgir das Águas Termais Intervenção no Complexo Termal do Vale dos Cucos

Válter Severino Reis Silva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Mestrado Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto

junho de 2022

Agradecimentos

Aos meus pais, avós, irmã e restante família por sempre terem-me incentivado e impulsionado a seguir os meus objetivos e por todo o apoio na realização dos mesmos.

À minha namorada, por sempre ter estado ao meu lado a apoiar-me em todos momentos e por me ter dado força para eu atingir as minhas metas. Um agradecimento em especial à sua família por todo o apoio prestado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto, por toda a flexibilidade para esclarecimentos de dúvidas e pela supervisão contínua ao longo do desenvolvimento da presente dissertação.

Ao Professor Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes pelas informações técnicas disponibilizadas relativas ao termalismo.

A todos os professores, que acompanharam o meu percurso de aprendizagem e por terem passado o seu conhecimento.

À organização das Termas do Vale dos Cucos expresso o meu agradecimento, por todo o apoio prestado, apoio material, informações relevantes e permitido a visita e levantamento do existente.

A todos os meus amigos.

Muito obrigado.

Resumo

A partir da década de oitenta iniciou-se uma decadência ao nível da utilização dos espaços termais. Este desinteresse pelo termalismo leva ao encerramento de várias estâncias termais, entre as quais a Estância Termal do Vale dos Cucos no ano de 1998.

O ressurgir das águas termais, título da presente dissertação, pretende responder à problemática enunciada. Nos dias de hoje a procura e a intervenção nesta tipologia de espaço sofreu um acréscimo. As estâncias termais surgem novamente como lugares a utilizar seguindo as diretrizes de origem ou com novas funções, adaptadas à procura atual.

A intervenção no Complexo Termal do Vale dos Cucos apresenta uma proposta de reabilitação ao conjunto existente adaptando-o às exigências formais contemporâneas e é adicionado um novo edifício com o objetivo de unificar algumas das funções mais procuradas na atualidade no ramo do termalismo.

Palavras-chave

Termas Vale dos Cucos;Termalismo;Património;Intervenção;Acessibilidades

Abstract

Since the 80's the use of thermal facilities has been declining. This lack of interest in these facilities led to the closure of several thermal centres. Amongst many others, there was the building under focus: "Estância Termal do Vale dos Cucos" which was closed in 1998.

This dissertation, called "The Rebirth of Thermal Waters" has the intention to respond to this issue. On this day and age, there's been a new interest from the public in these spaces. Thermal Centres are once again being used, both for their original purpose, and also with new uses adapted to the new public demands.

The intervention in "Thermal Complex Vale dos Cucos" proposes a rehabilitation of the existing facility, adapting it formally to the contemporary demands and adding a new building with the purpose of unification of the most procured functions in modern thermalism.

Keywords

Termas Vale dos Cucos;Patrimony;Intervention;Accessibility

Índice

1. Introdução	1
1.1. Objetivos.....	1
1.2. Metodologia.....	2
2. Valores e tipos de intervenção no património	3
2.1. Património Arquitetónico	3
2.2. Valores e definições.....	4
2.3. Estratégias de intervenção	5
2.4. Cartas e convenções	7
3. Termalismo em Portugal.....	10
3.1 Conceitos.....	10
3.2 Apontamentos históricos	11
3.3 Turismo Termal.....	14
4. Casos de Estudo.....	16
4.1. Termas de Vals	16
4.2. Termas de São Pedro do Sul.....	20
5. Termas do Vale dos Cucos.....	28
5.1. Enquadramento Geográfico	28
5.2. Caracterização da Envolvente	30
5.3. Descrição das Nascentes	31
5.4. Contextualização Histórica	33
6. Leitura Formal do Existente	37
6.1. Estabelecimento Termal	38
6.2. Hotel.....	41
6.3. Vivendas	43
6.4. Salão	44
6.5. Buvette	46
7. Memória Descritiva	47
7.1. Conceito.....	47
7.2. Programa.....	48
7.3. Características Espaciais.....	51
7.4. Materialidade	53
7.5. Arranjos exteriores.....	54
8. Conclusão	56
Bibliografia.....	57
Anexos	59

Lista de Figuras

Figura 1. Ruínas de Conímbriga. 360portugal. (Ribas, 2017): https://www.youtube.com/watch?v=YImknjpfHqI	12
Figura 2. Localização das Estâncias Termais em Portugal continental. (a partir de Oliveira A., 2013): https://pt.slideshare.net/orla.esteves/recursosubsolo	14
Figura 3. As Termas de Vals e a sua envolvente. (Universidade_de_Hong_Kong, 2014): https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/03/therme-vals-graubunden-switzerland/	16
Figura 4. Vista lateral das Termas de Vals surgindo na encosta. (Fouille, 2018): https://divisare.com/projects/388269-peter-zumthor-morphosis-architects-thom-mayne-fabrice-fouillet-thermes-vals-at-7132-hotel	17
Figura 5. Jogos de luz no interior das Termas de Vals. (Fouille, 2018): https://divisare.com/projects/388269-peter-zumthor-morphosis-architects-thom-mayne-fabrice-fouillet-thermes-vals-at-7132-hotel	18
Figura 6. Planta do piso 0 das Termas de Vals. (Zumthor, 2019): Peter Zumthor Therme Vals. SCHEIDEGGER & SPIESS.....	19
Figura 7. Planta do piso -1 das Termas de Vals. (Zumthor, 2019): Peter Zumthor. Therme Vals. SCHEIDEGGER & SPIESS.....	20
Figura 8. Complexo Termal de São Pedro do Sul e envolvente. (Martins, 2021) : https://www.esev.ipv.pt/dacomunicacao/?p=13330	21
Figura 9. Estudo arqueológico do antigo balneário romano. (Oliveira, 2002, p. 17): Termas de S. Pedro do Sul. Palimage.....	21
Figura 10. Piscina D. Afonso Henriques. (Oliveira, 2002, p. 35): Termas de S. Pedro do Sul. Palimage.....	22
Figura 11. Balneário da Rainha D. Amélia. (Lopes, 2018): https://asfontesdaminhavidablogs.sapo.pt/fonte-na-praca-rainha-d-amelia-sao-84168	23
Figura 12. Planta do piso 0 do Balneário da Rainha D. Amélia. (a partir de Carriço, 2013): Metamorfoses do Espaço Termal. O caso das Termas de S. Pedro do Sul.....	24
Figura 13. Planta do Piso 1 do Balneário da Rainha D. Amélia. (a partir de Carriço, 2013): Metamorfoses do Espaço Termal. O caso das Termas de S. Pedro do Sul.....	24
Figura 14. Balneário D. Afonso Henriques. (Termas-spsul, 2022): https://termas-spsul.com/fr/installations-heures/	25
Figura 15. Piscina interior do Balneário de D. Afonso Henriques. (Termas-spsul, 2022): https://termasdeportugal.pt/rede-termas/termas-s-pedro-do-sul	26

Figura 16. Planta do piso 0 do Balneário de D. Afonso Henriques. (a partir de Carriço, 2013): Metamorfoses do Espaço Termal. O caso das Termas de S. Pedro do Sul.	27
Figura 17. Planta do piso 1 do Balneário de D. Afonso Henriques. (a partir de Carriço, 2013): Metamorfoses do Espaço Termal. O caso das Termas de S. Pedro do Sul.	27
Figura 18. Planta do piso 2 do Balneário de D. Afonso Henriques. (a partir de Carriço, 2013): Metamorfoses do Espaço Termal. O caso das Termas de S. Pedro do Sul.	27
Figura 19. Localização do Complexo Termal do Vale dos Cucos. (GoogleMaps, 2022): https://www.google.com/maps/place/Parque+Natural+das+Termas+dos+Cucos/@39.0457545,-9.5736102,9.45z/data=!4m5!3m4!1soxd1f2da4896075b9:ox353818f680a81132!8m2!3d39.0907829!4d-9.2416836	28
Figura 20. Vista aérea do Complexo Termal em estudo. Helderhugo (Hugo, 2020): https://www.youtube.com/watch?v=j1olLGd1BAk&t=1046s	30
Figura 21. Natureza presente no Complexo Termal do Vale dos Cucos.....	31
Figura 22. Baldes de lamas termais utilizados nas Termas dos Cucos. (Cardoso, 1997): Vale dos Cucos - Coleção quatorze por quatorze (Vol. V). Instituto Português de Fotografia.	32
Figura 23. Vista do Estabelecimento Termal do Vale dos Cucos. (Azevedo & Vasconcelos , 1995, p. 130): Termas Portuguesas. Lisboa: Edições Inapa.	35
Figura 24. Cabines dos banhos de lama. (Cardoso, 1997): Vale dos Cucos - Coleção quatorze por quatorze (Vol. V). Instituto Português de Fotografia.	36
Figura 25. Estabelecimento Termal.	38
Figura 26. Fonte em pedra.	39
Figura 27. Capela de Nossa Senhora da Saúde.....	40
Figura 28. Elevado estado de degradação do Estabelecimento Termal.....	40
Figura 29. Hotel.....	41
Figura 30. Escadaria de acesso ao piso superior do hotel.....	41
Figura 31. Quarto do Hotel.....	42
Figura 32. Um dos medalhões em mármore da Sala dos Bustos.	42
Figura 33. Vivenda D. Maria e a Vivenda D. Feliciana.....	43
Figura 34. Salão.....	44
Figura 35. Vitral do Salão.....	44
Figura 36. Interior do salão.....	45
Figura 37. Espaço para confeção de alimentos.	45
Figura 38. Buvette.	46
Figura 39. Rio Sizandro.....	46
Figura 40. Proposta de intervenção para o Complexo Termal do Vale dos Cucos.	48

Figura 41. Identificação dos edifícios do Complexo Termal.	48
Figura 42. Proposta do novo balneário termal..	50
Figura 43. Identificação dos fluxos..	51
Figura 44. Esquema de arranjos exteriores.	54
Figura 45. Estacionamento proposto.....	54
Figura 46. Proposta para a praça.	55

Capítulo 1

Introdução

A presente dissertação aborda um estudo para a realização de uma proposta de intervenção no Complexo Termal do Vale dos Cucos. A Estância Termal localiza-se na cidade de Torres Vedras e é considerada de interesse público. Na atualidade existe a necessidade de intervir neste lugar, devido ao elevado estado precário das suas instalações.

Todo o investimento em dinamizar a Estância Termal é efetivamente justificado, uma vez que consiste na melhoria da saúde e do bem-estar social, promovendo o turismo na região. Este espaço termal tem a potencialidade de extrair as próprias lamas termais para os tratamentos. Lamentavelmente, devido aos vários obstáculos ditados por toda a evolução histórica, as Termas do Vale dos Cucos têm ficado omissas no contexto atual da cidade, existindo, desta forma, a necessidade da elaboração da presente dissertação.

Existe um conjunto de várias possibilidades, que permitem o investimento para a revitalização do lugar termal, de maneira que este não perca a sua identidade atualizando o mesmo para as necessidades atuais. Deve existir uma consciencialização por parte das várias entidades competentes, para que se evite a degradação e para que não desapareça a sua marca histórica.

1.1. Objetivos

A principal questão que formula o interesse na elaboração da presente dissertação depreende-se como a intervenção arquitetónica pode articular a história do Complexo Termal do Vale dos Cucos às necessidades contemporâneas, com o objetivo de não comprometer a identidade dos elementos existentes.

Para responder a esta problemática será apresentada uma investigação sobre os tipos de intervenção do património arquitetónico e os seus valores, uma análise sobre a relevância que o turismo termal tem em Portugal, o estudo de dois espaços termais de valor arquitetónico e a caracterização do Complexo Termal do Vale dos Cucos.

Por fim, é proposto um projeto de estudo prévio, onde se utiliza o conhecimento adquirido, apresentando uma possível solução de desenvolvimento do lugar, no sentido de enaltecer a identidade do Complexo Termal.

1.2. Metodologia

A presente dissertação, é constituída por um estudo teórico e prático baseado principalmente em fontes bibliográficas e secundárias.

Numa primeira abordagem, é elaborado um estudo sobre os valores e tipos de intervenção do património arquitetónico, explicando cartas e convenções.

Numa segunda abordagem é estudado o turismo termal no caso de Portugal, englobando a sua história e a importância deste tema na sociedade atual.

Numa terceira abordagem é apresentado um estudo de dois exemplos de Estâncias Termais de relevância, as Termas de Vals e as Termas de São Pedro do Sul.

Numa quarta abordagem são expressas várias informações englobando a contextualização histórica da Estância Termal do Vale dos Cucos.

Numa quinta abordagem é exposta a leitura formal dos edifícios existentes do Complexo do Vale dos Cucos.

Por último, introduz-se a componente prática onde é proposto um estudo prévio de intervenção, que pretende dar resposta às problemáticas existentes no Complexo Termal do Vale dos Cucos.

Capítulo 2

Valores e tipos de intervenção no património

O presente capítulo, pretende expor o tema sobre o património arquitetónico, quais os seus valores e tipos de conceitos que se pode utilizar na intervenção do mesmo.

2.1. Património Arquitetónico

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, apresentada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2001, o património deverá ser mantido, preservado e se necessário melhorado de forma a ser transmitido às gerações futuras como fundamento da experiência e vivências humanas, de forma a entender o diálogo de culturas (UNESCO, 2001).

De acordo com o autor, Françoise Choay o conceito de património histórico “designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado”, portanto a sociedade é elemento fundamental na compreensão do património e da sua evolução (Choay, 2014).

Segundo Choay a definição de monumento deriva do termo em latim *monumentum*, que consequentemente deriva de *monere*, ou seja, alusão à lembrança (Choay, 2014). O património pretende assim, descrever ou lembrar memórias passadas e poder integrar ações ou pensamentos presentes, fomentando a memória coletiva (DGPC, 2021).

O património arquitetónico compõe-se de aspetos consequentes da interação da população com o lugar, ao longo do tempo. Desta forma, é um recurso de importância para a preservação da identidade coletiva de forma a transmitir a história para as gerações futuras, com objetivo de atrair diferentes públicos. Assim sendo, é importante que qualquer intervenção feita no património, por mais simples que seja, deverá cumprir determinados parâmetros para que não se perca a leitura do objeto e o seu carácter único (DGPC, 2021).

É com base no património construído que se implementa um património póster, por isso, este não se pode restringir a um determinado tempo, passado ou futuro. O património está por sua vez sempre em constante atualização e enriquecimento (Barranha, 2016).

2.2. Valores e definições

A interpretação de um edifício ou local com valor histórico, arquitetónico e cultural é fundamentada através de vários valores. Valores entendem-se por qualidades e características que diferentes usuários e diferentes sociedades conferem ao património cultural em diversos momentos históricos (Orbaşlı, 2008). Alguns desses valores são explicados em seguida.

Idade: Ao longo dos anos as estruturas históricas sofreram várias alterações e perdas. Geralmente quanto mais antiga é uma estrutura, mais valor é lhe atribuída, dependendo do seu período de construção (Orbaşlı, 2008, p. 40).

Valor arquitetónico: O valor arquitetónico é compreendido de acordo com as qualidades exemplares do desenho, proporção e a contribuição que a arquitetura da construção fez para a qualidade da experiência quotidiana. A contribuição que o edifício apresenta de acordo com o período arquitetónico, seja a obra definitiva de um arquiteto conceituado ou a utilização de técnicas construtivas pioneiras, será também parte do valor arquitetónico (Orbaşlı, 2008, p. 40).

Valor cultural: Os edifícios antigos sustentam informações sobre os aspetos ligados a um determinado período anterior e desta forma é possível entender desde como teria sido o estilo de vida até como seriam utilizadas as técnicas, o artesanato e os materiais na sua construção. Determinados edifícios continuaram a desempenhar um papel importante nas tradições e culturas atuais (Orbaşlı, 2008, p. 41).

Valor artístico: A um edifício histórico, poder-lhe-á ser atribuído um valor artístico, ligado ao seu trabalho artesanal ou às obras que possam integrar o edifício, como por exemplo murais pintados (Orbaşlı, 2008, p. 41).

Valor económico: A vantagem económica mais conceituada no património cultural é o turismo. Desde o final do século XX que o turismo se tornou a principal razão para a conservação do património. Apesar disto, existem valores económicos menos óbvios, havendo desta forma evidências admissíveis que o património contribui para o carácter de uma determinada área, e por consequente, a valorização da propriedade (Orbaşlı, 2008, p. 41).

Valor educacional: Edifícios históricos tal como os lugares têm importância na aprendizagem, pois através das várias mudanças na sua história, modo de vida, as suas relações com a sociedade e técnicas de construção permitem encontrar sabedoria e criar memórias educativas. Esta valorização na educação está relacionada com todo o tipo de

público, independentemente da faixa etária, ou diferenças de pensamentos (Orbaşlı, 2008, p. 41).

Valor histórico: Um edifício ou um lugar, não se manifesta apenas pela evidência física do passado, mas também por ter desempenhado um papel na história e estar vinculado a determinados eventos ao longo do tempo. Muitas vezes, as únicas evidências de eventos de vida no passado estão incorporadas na envolvente da construção (Orbaşlı, 2008, p. 42).

Valor paisagístico: O património edificado corresponde a uma parte integrante da paisagem moldada pelo ser humano ao longo do tempo. Existe em alguns casos uma conjugação entre os edifícios e as paisagens, constituindo um todo articulado entre o edifício e a sua envolvente. Desta forma é importante entender o enquadramento dos edifícios (Orbaşlı, 2008, p. 43).

Valor social: Para uma comunidade local, o significado de lugar histórico como parte de um intercâmbio social contínuo constitui muitas vezes o seu valor social. A comunidade local, pode ter satisfação em utilizar uma praça ou parque independentemente dos valores históricos ou arquitetónicos associados ao espaço (Orbaşlı, 2008, p. 45).

Valor emocional: Os usuários de um determinado espaço ou edifício, podem sentir uma admiração e respeito pelo existente, seja pelas relações artísticas, arquitetónicas ou simplesmente a interação com um determinado objeto (Orbaşlı, 2008, p. 41).

2.3. Estratégias de intervenção

O conceito de intervenção consiste na mudança ou adaptação, incluindo qualquer tipo de alterações e ampliações. A intervenção inclui investigação invasiva de estruturas existentes, escavações arqueológicas e qualquer tipo de objetivos com a finalidade ligada à conservação. As diferentes definições sobre a intervenção sujeitam-se ao nível de impacto aplicado no edifício, podendo o mesmo sofrer vários tipos de intervenção (Orbaşlı, 2008).

As técnicas e tratamentos de intervenção, devem ser expostos com o objetivo de preservar os bens culturais, corrigindo os danos existentes e futuros no objeto. Para evitar que a própria intervenção cause consequências comprometedoras na identidade do edifício, esta deve ser aplicada em último recurso. Deve-se utilizar métodos de intervenção que se harmonizam com o existente, no entanto os novos elementos que são adicionados devem ser facilmente identificados, como elementos novos, não pertencentes à integridade original da composição (Orbaşlı, 2008).

É encontrada uma grande divergência entre os vários significados dos graus de intervenção. Isto ocorre devido à existência de várias formas de descrever os tipos de atividades, mas também às ações numa determinada intervenção (Munoz-Vinas, 2004).

Conservação: Ao surgirem várias organizações internacionais como a ICOMOS, em 1965, seguido pelo aparecimento da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural pela UNESCO em 1972, estabeleceu-se a conservação, como uma preocupação internacional. O movimento permaneceu ligado ao Ocidente, dando importância, sobretudo a valores ocidentais (Orbaşlı, 2008, p. 15).

O processo de conservação envolve compreensão, salvaguarda e se necessário, manutenção, reparação, restauro e adaptação do objeto histórico de forma a preservar o seu significado cultural. A conservação acaba por ser uma decisão arquitetónica, uma questão económica e social que envolve julgamentos equilibrados em relação à história do objeto, às necessidades atuais, meios disponíveis e à sustentabilidade futura (Orbaşlı, 2008, p. 38).

Manutenção: A manutenção compreende uma série de ações que permitem diminuir o ritmo de deterioração de um determinado edifício. Este conceito pretende intervir nos diversos espaços de uma construção assim como nas instalações e equipamentos. Estas ações são efetuadas em períodos programados de acordo com o tipo de construção (Appleton, 2011, p. 494).

Restauro: Este tipo de intervenção compreende processos especializados, com a finalidade de conservação e consolidação de uma determinada construção, como também a preservação ou a restituição em parte ou total da perceção inicial ou à que remete a determinados momentos determinantes da sua história (Appleton, 2011, p. 495).

Reabilitação: A reabilitação constitui um determinado conjunto de obras que têm como finalidade a recuperação de uma construção de forma a resolver problemas construtivos funcionais e de segurança, que ao longo dos tempos se acumulam, assim origina-se uma modernização que permite o melhoramento do desempenho do espaço para as exigências atuais (Appleton, 2011, p. 495).

Renovação: Esta técnica de intervenção, relaciona-se com qualquer tipo de obra que consiste em efetuar de novo e total um edifício num local em que outrora fora construído (Appleton, 2011, p. 454).

Revitalização: Este conceito é próximo da reabilitação, pois funde ações destinadas a melhorar, tanto a nível económico e social, um determinado espaço em decadência com uma identidade marcante (Appleton, 2011, p. 453).

Reconstrução: Determinado tipo de obra que consiste na realização de novo, total ou parcial de um determinado espaço existente no local de implantação ocupado por este. Este tipo de técnica mantém o carácter e os aspetos originais do objeto (Appleton, 2011, p. 453).

Requalificação: Destina-se a ações que contextualizam um determinado local na atualidade (Appleton, 2011, p. 453).

2.4. Cartas e convenções

Com o objetivo de proteger, preservar e conservar o Património, iniciou-se a criação de cartas e convenções internacionais. Entre vários exemplos oficiais, são apresentadas de uma forma breve, pela ordem descrita a Carta de Atenas, a Carta de Veneza, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural e a Convenção de Faro.

A Carta de Atenas foi o primeiro documento internacional que demonstrou os princípios e normas para a conservação e restauração do património arquitetónico. A conferência aconteceu na cidade de Atenas em 1931 e reuniu vários especialistas na proteção e conservação de monumentos de arte e história (González-Varas, 2018, p. 545).

Esta Carta defende que a identidade e ligação histórica de cada edifício têm de ser mantidas, intervindo de acordo com a sua época de construção. Deve-se garantir a continuidade de utilização do edifício, adaptando-o de forma a responder às necessidades contemporâneas, mas sem perder a sua própria personalidade física e cultural. Na materialização é aprovada a inclusão de materiais atuais como por exemplo o betão armado, exceto quando as técnicas tradicionais forem inadequadas. Se os materiais modernos forem utilizados, estes devem permanecer dissimulados. O entorno é respeitado de forma a assegurar a composição da cidade, em particular nas proximidades dos edifícios antigos (González-Varas, 2018).

A atividade internacional, utilizando a Carta de Atenas, foi drasticamente interrompida com o início da Segunda Guerra Mundial entre os anos de 1939 a 1945. Nos anos seguintes à guerra existiu uma forte intensificação de intervenções de forma a reconstruir as cidades devastadas. Com isto funda-se a ONU (Organização das Nações Unidas) da qual se cria a UNESCO (González-Varas, 2018).

A Carta de Veneza surge devido à necessidade de criar um documento internacional sobre a conservação e restauro, que respondesse às novas problemáticas e para atualizar a Carta de Atenas. Desta forma a Carta de Veneza é criada em Veneza em 1964 e publicada a conclusão final no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos que se tornou na fundação ICOMOS. A carta continua até aos dias de hoje universalmente aceite (González-Varas, 2018, p. 547).

A Carta de Veneza, tal como a Carta de Atenas, é dirigida para as intervenções de conservação e restauro de edifícios históricos. Inclui também a preservação da envolvente natural do monumento histórico respeitando a sua identidade (González-Varas, 2018). A Carta foca-se na conservação e restauro de monumentos e sítios, e ao contrário da Carta de Atenas, que afirma que apenas se utilizavam técnicas modernas quando as técnicas tradicionais eram inadequadas, a carta de Veneza recomenda que se deve sempre aplicar técnicas modernas. Os elementos novos que são adicionados devem ter um caráter contemporâneo que marque a época da própria intervenção e ao mesmo tempo têm de respeitar e interligar com todos os elementos da composição. Os elementos adicionados ao conjunto distinguem-se do original, mas não falsificam o monumento intervencionado no seu aspeto artístico e histórico. É necessária uma análise das patologias do edifício tal como um estudo arqueológico e histórico, antes de qualquer tipo de intervenção (Stubbs, 2009).

Ao descrever as principais cartas, foi citada a UNESCO. A UNESCO é uma das organizações internacionais mais ativa e influente no ramo da salvaguarda do património arquitetónico. Uma das contribuições mais destacadas por esta organização terá sido a elaboração de um documento internacional em que se institui o procedimento para efetuar a declaração de determinados bens culturais como o património cultural. Este demonstra o valor que tem na humanidade. Estes princípios foram manifestados no documento internacional nomeado por Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural em 1972 (González-Varas, 2018).

A Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural define três grupos, nomeadamente os bens culturais que se interligam com o património cultural. Estes são, os monumentos, os conjuntos e os lugares. Os monumentos são obras arquitetónicas, de escultura, pintura, monumentais e grupos de elementos que tenham um valor histórico da arte ou da ciência. Os conjuntos são grupos de edificações isoladas ou reunidas em que a sua unidade, desde o ponto de vista da história, da ciência e da arte, oferece um valor universal. Os lugares são obras produzidas pelo homem e pela natureza

incluindo zonas arqueológicas com valor universal desde o ponto de vista estético, histórico, etnológico ou antropológico (González-Varas, 2018).

No ano de 2005 surgiu a Convenção de Faro também conhecida por Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade que foi retificada em 2008. Esta foi estabelecida em Faro. Neste documento é exposto e repensado como o património arquitetónico é tratado na conjuntura da atualidade. Além de ser identificado como espólio de cada estado ou nação, deve proporcionar vantagens económicas e sociais para uma determinada sociedade como meio de serviço (Appleton, 2011, p. 495).

Portugal adotou as várias cartas e convenções divulgadas pelo conselho da Europa e pela UNESCO formadas com o objetivo de proteger o património cultural. A classificação e a proteção do património edificado em Portugal são salvaguardados atualmente pela DGPC (Direção Geral do Património Cultural). Os edifícios de interesse cultural podem ser classificados em três categorias: de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal (DGPC, 2021).

Capítulo 3

Termalismo em Portugal

No presente capítulo é apresentado um estudo sobre o termalismo ao nível do panorama nacional, abordando os seus conceitos, apontamentos históricos e uma breve explicação do papel do turismo neste âmbito.

3.1 Conceitos

O progresso ao nível termal orientou um estudo científico e progressivo ao nível do léxico e classificação termal, pois muitas designações populares eram utilizadas à época. Com a globalização e com a predominante da língua inglesa a questão do léxico e nomenclatura surge com grande importância (Cantista, 2008-2010).

Estabelece-se ligações corretas entre as diversas terminologias nacionais, internacionais e normaliza-se várias práticas termais. Concretamente em Portugal, a preocupação com a terminologia incorpora aspetos científicos e jurídicos. A Lei do termalismo de 2004, referida adiante estabeleceu vários conceitos legais (Decreto-Lei n.º 142/2004 de 11 de junho do Ministério da Saúde, 2004).

As disposições legais que vigoram atualmente em Portugal e aplicáveis ao termalismo fundamentam-se no Decreto de Lei nº 90/90, de 16 de março (Lei dos recursos geológicos), Decreto-Lei nº 86/90, de 16 de março (Diploma regulador da atividade das águas minerais naturais) e o Decreto-Lei nº 142/2004, de 11 de junho (“Lei do Termalismo”) (Cantista, 2008-2010).

Conceitos envoltos no termalismo fundamentam-se através do Decreto-Lei nº 90/90 que descreve as seguintes definições:

Água Mineral Natural: água considerada bacteriologicamente indicada, de circulação profunda, com propriedades físico e químicas estáveis, no qual resultam características terapêuticas favoráveis a práticas ao nível da saúde (Cantista, 2008-2010).

Termalismo: designação fundamentada na utilização da água mineral e outras formas adicionais para diversos fins, terapêuticos, a nível de reabilitação e bem-estar (Cantista, 2008-2010).

Termalista: usuário dos meios e serviços disponíveis num estabelecimento termal (Cantista, 2008-2010).

Termas: lugares onde emergem uma ou mais águas minerais naturais apropriadas para a aplicação do termalismo (Cantista, 2008-2010).

Estância Termal: determinado local geográfico corretamente assinalado no qual se certifica uma ou mais emergências de água mineral natural analisadas ou exploradas por um ou vários estabelecimentos termais, igualmente as condições ambientais e infraestruturas necessárias ao desenvolvimento turístico, fundamentado na cultura, recreio, lazer, e reabilitação física e psíquica garantida através dos serviços adequados (Cantista, 2008-2010).

Balneário ou Estabelecimento Termal: espaço prestador de cuidados ligados à saúde, no qual através do aproveitamento das propriedades terapêuticas das águas minerais naturais se procede à prevenção de doenças, fins terapêuticos e reabilitação (Cantista, 2008-2010).

Hospital Termal: estabelecimento termal com zona de internamento e que executa os requisitos legais adequáveis à denominação de Hospital Termal (Cantista, 2008-2010).

Tratamento Termal: conjunto de aplicações terapêuticas adequadas e praticadas a um termalista, conciliadas com as indicações terapêuticas que seguem as informações reconhecidas à água mineral natural (Cantista, 2008-2010).

3.2 Apontamentos históricos

A utilização das águas termais no território português é muito anterior à própria fundação do país. Os vestígios mais antigos encontrados em Portugal da utilização das águas por povos ancestrais, são encontrados no distrito de Braga (Cantista, 2008-2010).

Os vários povoados, localizados nas proximidades de nascentes e fontes termais receberam a designações como “Caldas”, “Caldelas”, “Termas”, ou até “Banhos”, de acordo com o período histórico em que foram nomeados (Cantista, 2008-2010).

Durante o Império Romano, muitas fontes termais foram aproveitadas e melhoradas, um exemplo disso são os achados arqueológicos nas ruínas de Conímbriga, como é demonstrado na figura 1. Em algumas estâncias termais usadas atualmente pode-se encontrar vestígios arqueológicos dessa época em determinados lugares termais como por exemplo em Caldas da Rainha, Caldas da Saúde, Canavezes, Chaves, Cabaço de Vide,

Caldelas, S. Vicente, S. Jorge, S. Pedro do Sul, Monchique, Aregos, entre outros (Cantista, 2008-2010).



Figura 1. Ruínas de Conímbriga (Ribas, 2017).

A evolução dos estabelecimentos termais em Portugal e a sua utilização está bastante ligada à cultura romana. Esta cultura marca a utilização das águas devido a uma crescente vertente de carácter social juntando-se à anterior componente sendo esta, a utilização para a saúde, originada na cultura grega (Cantista, 2008-2010).

No século V o território português é invadido por Bárbaros do Norte e por Árabes, e neste processo os edifícios termais são destruídos. No entanto, a utilização de tratamentos termais no contexto médico na cultura árabe era bastante recorrente. Desta forma, foram implementadas novas termas como é o exemplo das Termas de Alçarias e as Termas de Alfama (Cantista, 2008-2010).

Ao ser fundado o Reino de Portugal, foi-se reconhecendo a importância e o valor do termalismo, dando origem a novas estâncias termais e à melhoria das existentes (Cantista, 2008-2010).

O uso social das águas termais conservou uma dupla vertente de saúde e de recreação. Apesar disto, na Europa Medieval, existiu uma oposição da Igreja Católica diante dos banhos termais. Os banhos passavam a ter um carácter substancialmente profano por confronto a um determinado cariz místico ligado à purificação, semelhante a outras culturas. Desta forma, a utilização frequente de banhos termais chegava-se a considerar até pecado. Contudo, a Igreja evoluiu, passando o próprio clero a organizar peregrinações a lugares de nascentes, chegando até a gerir vários estabelecimentos termais (Cantista, 2008-2010).

Os diversos Reis de Portugal, tiveram uma postura interventiva nas variadas termas do país, compreendidas de acordo com os respetivos contextos históricos e sociais. Estes espaços serviram para dar resposta a situações médicas, como por exemplo, o tratamento de lepra, alojando muitas vezes pessoas indigentes, sobrepondo assim frequentemente a componente social à componente terapêutica (Cantista, 2008-2010).

As distintas posturas socioculturais e religiosas, face à importância dos banhos termais, passaram por nomear estes espaços como “águas santas”, “fontes santas”, “águas da saúde”, entre outros nomes idênticos. Em torno destes lugares, criam-se lugares de culto, hospitais, balneários, albergues, entre outros (Cantista, 2008-2010).

É devido a este interesse que no final do século XV a rainha D. Leonor, com envolvimento na saúde, higiene e no bem-estar da população, funda o balneário das Caldas da Rainha sendo este o primeiro Hospital Termal de Portugal (Cantista, 2008-2010).

No século XVIII, surge a redescoberta e a tendência da utilização dos espaços termais pela aristocracia europeia principalmente a francesa. Desta forma a corte instala-se em determinados lugares termais, usufruindo destes por certo período (Cantista, 2008-2010).

O termalismo ganha uma verdadeira relevância em Portugal, nos séculos XIX e XX, tal como acontece no resto da Europa, sendo comum o alojamento de famílias inteiras pertencentes à aristocracia e à burguesia em espaços termais durante o período de final de verão. Contudo, com os avanços científicos e com alguma influência das guerras, surge a era terapêutica farmacológica. Desta forma, o desinteresse pela utilização termal aumenta surgindo um maior interesse e procura pelas praias (Cantista, 2008-2010).

Com a revolução de 1974, as empresas termais entram em dificuldades financeiras, mas o Estado tenta manter estes setores em funcionamento comparticipando os tratamentos e até mesmo a estadia. O panorama mudou na década de oitenta devido ao corte no apoio do Estado à comparticipação de práticas termais. Isto leva a problemas financeiros e à degradação de várias estâncias termais do país. Surge um desinteresse progressivo pela população mais nova na utilização dos espaços termais, sendo os principais utilizadores os mais idosos (Cantista, 2008-2010).

No entanto nos últimos anos surgiram novas mentalidades e a importância das águas termais na medicina, tal como o aumento do interesse pela vertente turística e lúdica destes espaços termais. Iniciou-se uma renovação em vários balneários termais, tal como a melhoria significativa da oferta hoteleira. Gerou-se assim uma maior procura pelo termalismo (Cantista, 2008-2010).

3.3 Turismo Termal

Mais do que um fenómeno económico, o turismo é igualmente um fenómeno social na atualidade. Ao longo do tempo, a curiosidade, por parte da sociedade, em conhecer novos lugares aumentou. Desta forma houve um aparecimento de novos espaços e formas de utilizar o tempo livre (Silva & Carvalho, 2012).

Nas últimas décadas, o turismo de uma forma geral tem-se manifestado como uma indústria de experiências, em que se proporciona ao utilizador um estímulo emocional devido às qualidades materiais e imateriais. O turista moderno procura durante a sua viagem satisfazer múltiplas necessidades (Silva & Carvalho, 2012).

O turismo ligado à saúde e bem-estar é um dos tipos de turismo que se tem tornado um fenómeno global, devido a uma elevada procura. No caso de Portugal, esta oferta turística está ligada aos espaços termais (Silva & Carvalho, 2012). Os principais lugares termais portugueses estão identificados na figura 2.

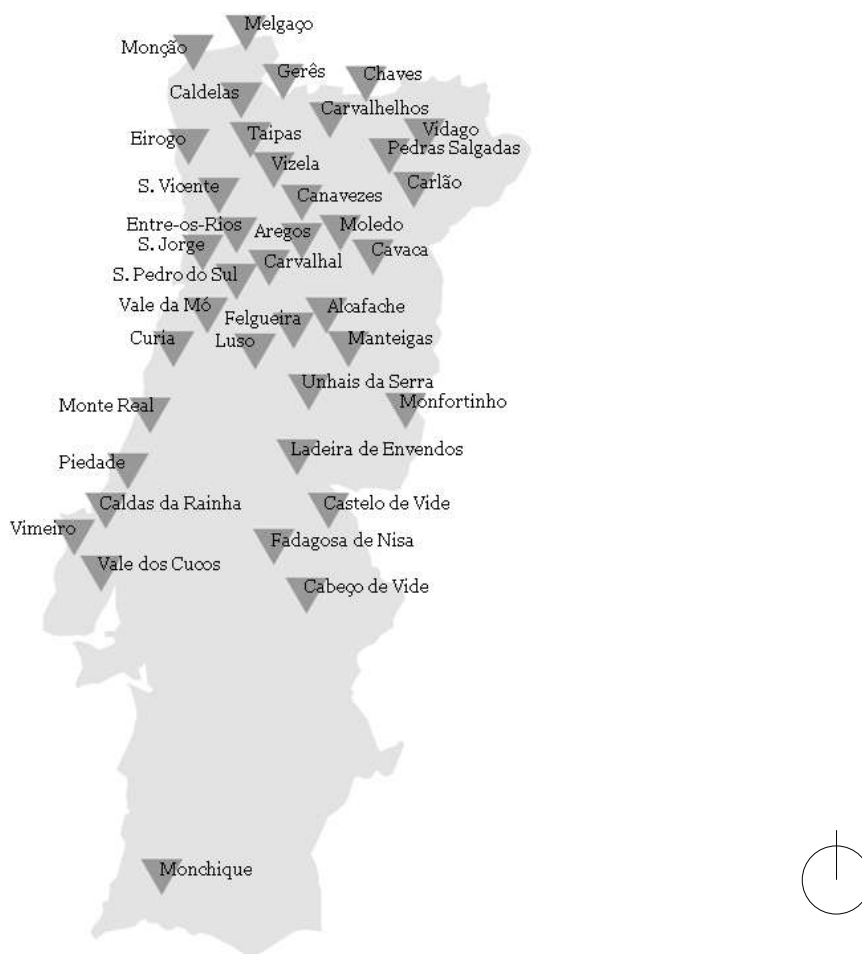


Figura 2. Localização das Estâncias Termais em Portugal continental (a partir de Oliveira A., 2013).

As características ambientais e patrimoniais existentes em lugares termais, torna estes espaços apropriados para utilização turística. Assim, estes espaços, normalmente compostos por um equipamento balnear, de alojamento, cultural, recreativo, comercial e ambiental, não são identificados apenas como centros terapêuticos de cura e prevenção, mas também como centros de saúde e bem-estar, físico, psíquico, de lazer, recreio e atividade social (Silva & Carvalho, 2012).

O turismo termal tem-se assumido de uma forma relevante no contexto do turismo moderno constituindo uma opção alternativa ao modelo tradicional de sol e praia (Silva & Carvalho, 2012).

O termalismo nos dias de hoje é considerado uma atividade milenar que está em constante renovação, que tem evoluído e acompanhado as tendências e necessidades do presente oferecendo desta forma uma oferta diversificada (Silva & Carvalho, 2012).

Contudo, uma das principais problemáticas existentes atualmente nos espaços termais, é a dificuldade em captar investimento para a melhoria dos mesmos, no entanto, quando este investimento é conseguido, estas áreas termais tornam-se potencializadoras do desenvolvimento oferecendo mais oportunidades de emprego (Silva & Carvalho, 2012).

Capítulo 4

Casos de Estudo

Este capítulo pretende transmitir uma breve análise sobre dois espaços termais de relevância, sendo um caso de estudo internacional, as Termas de Vals e outro caso de estudo nacional as Termas de São Pedro do Sul.

Relativamente às Termas de Vals existe a procura ao nível conceptual, com o objetivo de compreender toda a composição programática. Enquanto nas Termas de São Pedro do Sul pretende-se estudar a relação das várias preexistências com as adaptações atuais e como estas são exploradas.

Ambos os projetos assumem diretrizes distintas, o primeiro mais conceptual e o segundo mais clássico, mas pretende-se entender em ambos as estratégias de intervenção abordadas, desde o programa, materiais e técnicas construtivas implementadas.

4.1. Termas de Vals

As Termas de Vals localizam-se na vila de Vals na Suíça a 1252m de altitude no interior dos Alpes. A vila situa-se num vale, integrando-se com o entorno da paisagem e com as suas casas tradicionais construídas sobretudo de madeira com coberturas revestidas com pedra local (Pereira, 2013). Na figura 3 é possível ser entendida a relação do edifício termal com a envolvente.



Figura 3. As Termas de Vals e a sua envolvente (Universidade_de_Hong_Kong, 2014).

O que desenvolveu a vila foi a exploração de água da empresa nomeada por “Valser wasser” que engarrafava a água e a vendia por toda a Suíça (Pereira, 2013). Nos anos 60 foi contruído um complexo hoteleiro constituído por cinco edifícios, contendo 270 quartos. Em maio de 1994 foi demolida uma antiga piscina externa datada da década de 1960 e o edifício termal foi inaugurado a 14 de dezembro de 1996 (Zumthor, 2019, p. 178).

Existia uma preocupação em termos da oferta de serviços, era necessário um lugar termal. Os habitantes de Vals, tinham interesse em banhos que se adequassem a eles e ao lugar. O projeto foi entregue ao arquiteto Peter Zumthor (Zumthor, 2019, p. 180).

Para Peter Zumthor, esboçar e pesquisar através de modelos arquitetónicos era fundamental para resolver questões de composição. Ele entendia este projeto como a interação entre a massa e o vazio, o ritmo, a repetição e a variação entre estas. Deste modo a analogia a uma partitura de música é inspiração para o arquiteto (Zumthor, 2019, p. 38).

A primeira ideia projetual, consiste num grande monólito crescendo na encosta como uma única massa de pedra. A parte posterior do edifício, remonta para blocos sobrepostos relacionados com vazios, que aparenta ter saído da montanha. Na vista do vale, o edifício assume uma forma geometricamente estruturada, um monólito inserido na encosta. A vista de cobertura apresenta uma imagem de mosaico precisamente montado, envolto com a vegetação do vale (Zumthor, 2019, p. 44). Isto é perceptível na seguinte figura 4.



Figura 4. Vista lateral das Termas de Vals surgindo na encosta (Fouille, 2018).

A atmosfera pretendida pelo arquiteto desenvolve-se através de grandes pilares, pisos de pedra e uma cobertura em balanço. Entre blocos criam-se lugares como piscinas de água, banhos quentes e frios, túneis, quedas de água. O vazio desempenhou um papel substancial na formação dos blocos. A relação entre o cheio e o vazio, desempenha um papel fundamental na composição do espaço. Durante a fase projetual desenvolveu-se regras geométricas para a configuração dos blocos e o esquisso livre obedeceu a determinadas premissas (Zumthor, 2019, p. 62).

Com o objetivo de não perturbar a visibilidade dos clientes do hotel, existiu a necessidade do edifício não ser construído em altura, isto fez com que este se relacionasse com a topografia e geologia do local de uma forma harmoniosa (Pereira, 2013).

O desenho geométrico assinala a presença do edifício, uma vez que o arquiteto optou por aproveitar o declive do terreno e soterrar uma parte do edifício. Não existe um acesso direto para as termas sendo necessário percorrer um corredor no subsolo que liga o edifício termal ao hotel (Pereira, 2013).

O projeto vive da relação entre a luz e a sombra. A luz entra pelas claraboias e é percebida como iluminação das paredes e do pavimento que traça o curso do sol (Zumthor, 2019, p. 66). Esta informação é evidente na seguinte figura 5.



Figura 5. Jogos de luz no interior das Termas de Vals (Fouille, 2018).

Os vários compartimentos são entendidos como blocos ocios ou vazios que asseguram uma composição arquitetónica, oferecendo dois tipos de espaço: o espaço sinuoso e o espaço interconectado entre os blocos. Entre os blocos existe um espaço que conecta tudo à medida que se percorre o edifício, o vazio e o espaço negativo projetado (Zumthor, 2019, p. 80).

O edifício é composto por várias zonas de banho, entre elas piscinas com águas mornas e frias. Nestes espaços procura-se o contacto com a pedra e a água, no qual a iluminação, as cores, e o som são premissas para o banhista entrar na atmosfera criada pelo arquiteto (Zumthor, 2019, p. 89). A organização espacial do edifício é apresentada na seguinte análise mediante as seguintes plantas (fig. 6 e fig. 7).

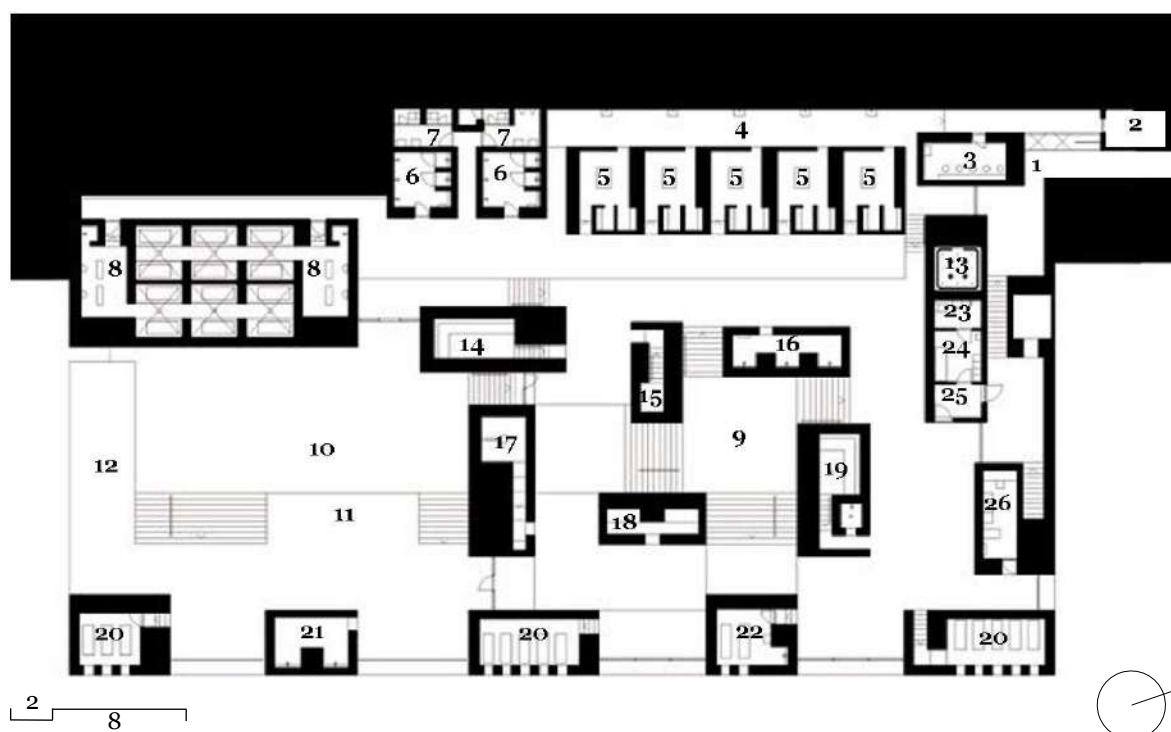


Figura 6. Planta do piso 0 das Termas de Vals (Zumthor, 2019).

- | | | |
|---------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| 1- Ponto de acesso/saída | 10- Piscina externa 30°C - 36°C | 19- Banho de flores 33°C |
| 2- Depósito de limpeza | 11- Plataforma | 20- Áreas de descanso |
| 3- Sala de maquilhagem | 12- Terraço | 21- Chuveiro, acesso exterior |
| 4- Bebedouros | 13- Banho de som | 22- Sala de massagem |
| 5- Vestiários | 14- Banho quente 42°C | 23- I.S. mobilidade reduzida |
| 6- Chuveiros | 15- Banho frio 14°C | 24- Sala de primeiros socorros |
| 7- Instalações sanitárias | 16- Chuveiros | 25- Acesso mobilidade reduzida |
| 8- Banho turco | 17- Bebedouro de pedra | 26- Sala de funcionários |
| 9- Piscina interior 32°C | 18- Pedra sonora | |

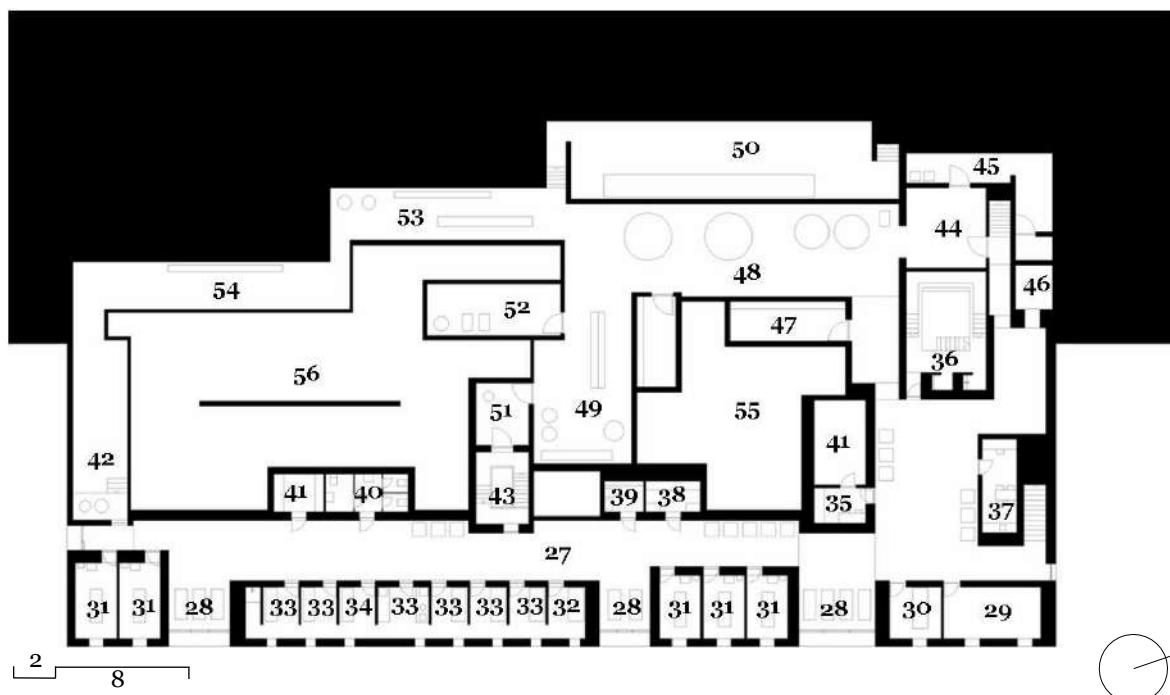


Figura 7. Planta do piso -1 das Termas de Vals (Zumthor, 2019).

27- Áreas de espera	37- Sala de funcionários	47- Quadro elétrico
28- Áreas de repouso	38- Lavandaria	48- Tratamento de água
29- Fisioterapia	39- Depósito de limpeza	49- Centro saneamento básico
30- Massagem subaquática	40- Serviços sanitários	50- Sistemas de ar condicionado
31- Massagem	41- Despensa	51- Utilização de ácido carbónico
32- Cama ortopédica	42- Acesso à área técnica	52- Preparação de água quente
33- Tratamento de lamas	43- Escadas	53- Utilização de ozono
34- Banho medicinal	44- Preparação de água de flores	54- Saneamento secundário
35- Tratamentos com vapores	45- Químicos	55- Tanques de água
36- Terapia a 36°	46- Elevador	

4.2. Termas de São Pedro do Sul

As Termas de São Pedro do Sul encontram-se em Portugal, no distrito de Viseu, na freguesia da Várzea, a três quilómetros da vila de São Pedro do Sul, junto ao rio Vouga. A sua antiguidade e riqueza história dita a sua importância ao nível do termalismo em Portugal (Oliveira, 2002, p. 13). Desde o tempo dos romanos que as águas quentes termais são procuradas. Isto é possível comprovar através das diversas marcas deixadas, nomeadamente as primeiras infraestruturas termais construídas (Varela, 2004, p. 97).

No decorrer da evolução histórica o conjunto termal cresceu sendo na atualidade composto pelo Balneário Romano (séc. I d.C.), a Piscina D. Afonso Henriques (séc. XII), o Hospital Real das Caldas de Lafões (séc. XVI), as Termas da Rainha D. Amélia (séc. XIX) e o Balneário D. Afonso Henriques (séc. XX) (Oliveira, 2002). Esta composição de edifícios e a sua relação com a envolvente é visível na figura 8.



Figura 8. Complexo Termal de São Pedro do Sul e envolvente (Martins, 2021).

Através de um estudo arqueológico às ruínas existentes, apresentado na seguinte figura 9, concluiu-se que a primeira fase do Balneário Romano P1 seria uma piscina de águas arrefecidas e descoberta de maiores dimensões com uma profundidade de 1,50m e 20,5m de comprimento por 9m de largura. O interior do edifício continha outra piscina P3 com 1,20 m de profundidade, 7,40m de comprimento por 5,40m de largo. Esta provavelmente foi desativada e substituída pela piscina P2. A piscina P2 mais tarde designada por piscina D. Afonso Henriques com uma profundidade de 1m e 8,20m de comprimento por 4,70m de largo, possuía duas condutas uma de água quente e outra de água fria (Oliveira, 2002).

No interior encontra-se também as ruínas de outra piscina P4 que não se conhece as dimensões exatas, provavelmente um acrescento da primeira fase. Uma outra piscina P5 poderá ter sido originada através da remodelação da piscina P4 (Oliveira, 2002).

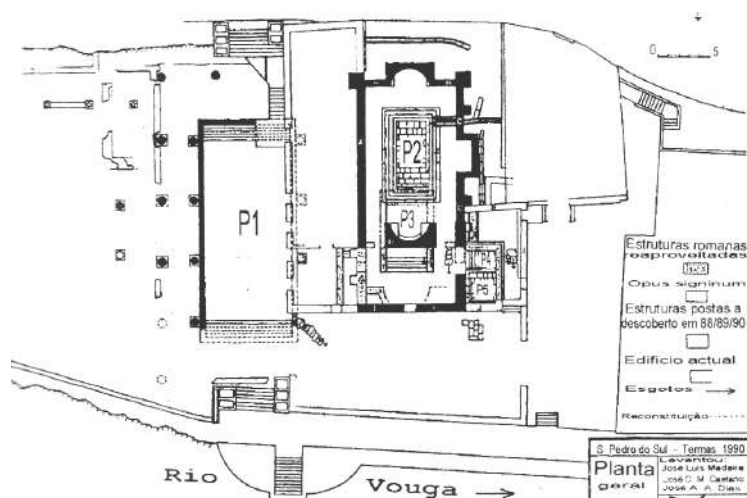


Figura 9. Estudo arqueológico do antigo balneário romano (Oliveira, 2002).

Depois da permanência romana, na Idade Média as águas continuaram a ser procuradas por muitos doentes devido a inúmeras doenças, como a lepra. Estes procuravam alívio para os males (Oliveira, 2002).

Nos registos escritos consta que o rei D. Afonso Henriques era utilizador das termas, este facto mais tarde nomeia algumas das infraestruturas do complexo. O conjunto termal vai continuar a ser utilizado durante séculos depois de D. Afonso Henriques, como o principal centro termal da região atraindo um público vasto incluindo a monarquia portuguesa (Oliveira, 2002). A seguinte figura 10, apresenta as ruínas da piscina de D. Afonso Henriques.



Figura 10. Piscina D. Afonso Henriques (Oliveira, 2002).

O Hospital Real das Caldas de Lafões sofreu várias alterações desde o tempo dos romanos, passando pela Idade Média. Dom Manuel no séc. XVI ordena a ampliação do edificado existente, o que representa uma elevada modificação na estrutura e a nível programático, pois o uso das águas que até ao momento eram livres passaram ao controlo do hospital (Oliveira, 2002).

No séc. XIX, setecentos e vinte cinco anos depois do primeiro rei de Portugal ter utilizado este conjunto termal, D. Amélia foi a última rainha a usufruir das termas de São Pedro do Sul. Desta forma, em sua homenagem nomeou-se o novo balneário (fig. 11) por Termas da Rainha D. Amélia (Oliveira, 2002).



Figura 11. Balneário da Rainha D. Amélia (Lopes, 2018).

O edifício termal da Rainha D. Amélia, projetado em 1884 por António Ferreira e Silva é simétrico, formado por duas alas conectadas por um grandioso vestíbulo, do qual existe uma conexão para os diversos compartimentos de banho espaçosos e bem iluminados. Os banhos eram realizados em banheiras de mármore e azulejo. As inalações eram realizadas num compartimento posterior ao edifício no qual abriram seis orifícios para a adaptação de tubos onde o utilizador aspira os gases provenientes da nascente (Oliveira, 2002).

Em 1914, existiu um aumento dos banhistas das termas devido ao aparecimento da linha férrea do Vale do Vouga. Neste ano existiu a necessidade de ampliar o edifício com a construção de uma ala direita constituída por uma sala de duches, uma sala de inalações, uma sala de pulverizações e espaços destinados a várias técnicas hidrotermais (Oliveira, 2002).

Em setembro de 2001 sofre uma profunda remodelação por parte do arquiteto Pedro Marta e o engenheiro Fernando Albuquerque. Nesta reabilitação desenvolveu-se uma qualificação ao nível dos espaços públicos e das características paisagísticas (Oliveira, 2002).

A intervenção contemplou a criação de um balneário modelo, o restauro e a reabilitação de indicadores formais da tipologia neoclássica, a criação de espaços multiúso nomeadamente uma sala de exposições, uma sala de leitura e um auditório. O diverso espólio termal existente foi disposto no novo núcleo museológico. A nível construtivo e de acessibilidades adequou-se o edifício às necessidades atuais. (Oliveira, 2002) (Ângelo, 2014). Nas seguintes figuras 12 e 13 é realizada a identificação através de plantas dos diversos espaços do balneário termal Rainha D. Amélia.

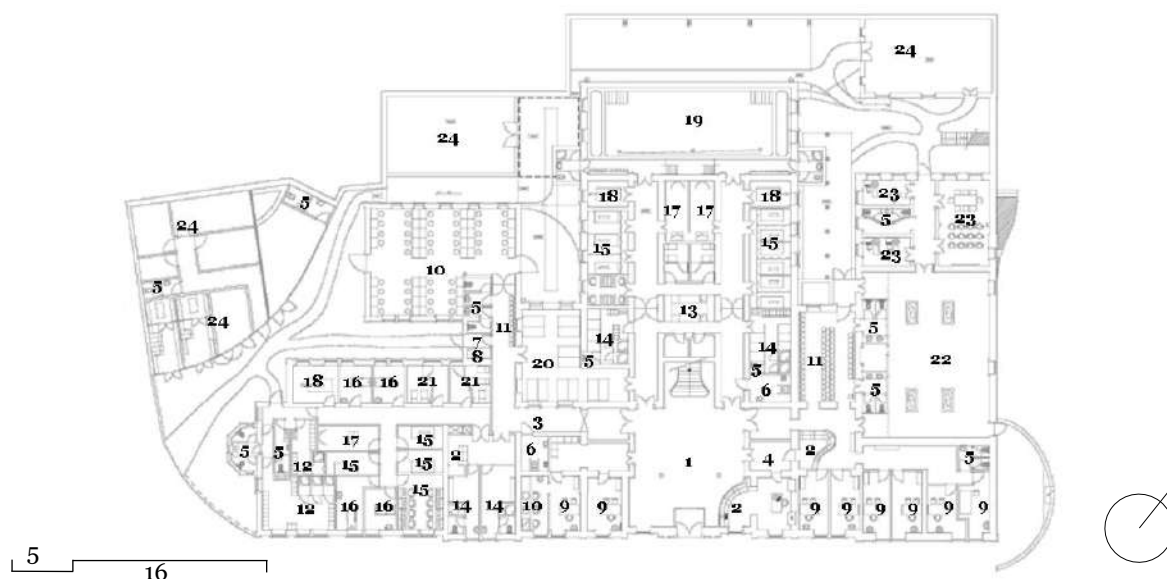


Figura 12. Planta do piso 0 do Balneário da Rainha D. Amélia (a partir de Carriço, 2013).

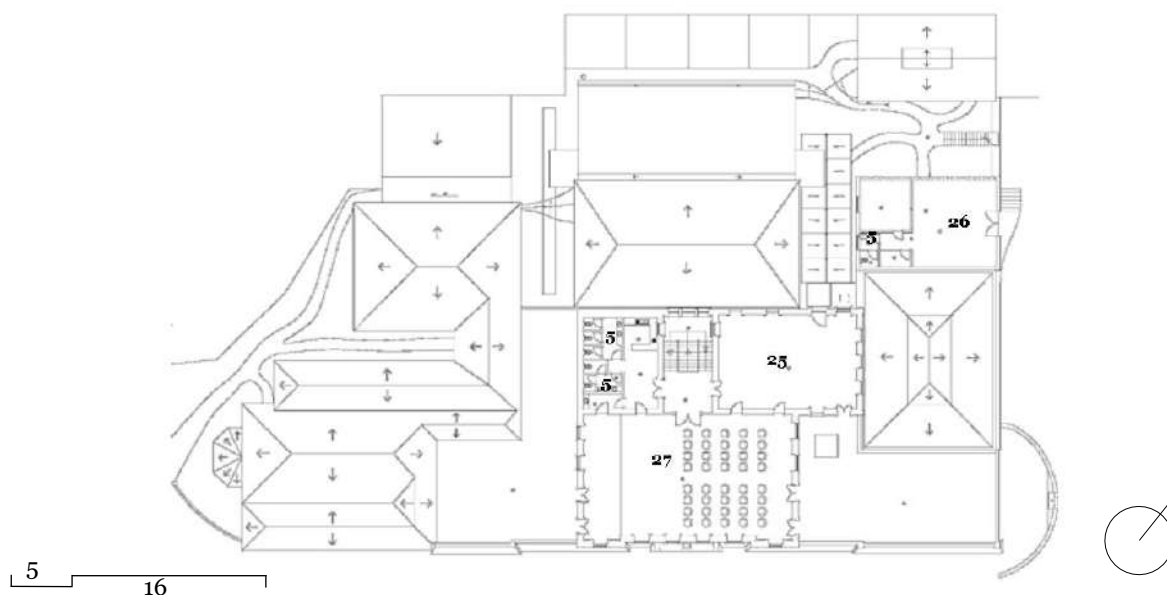


Figura 13. Planta do Piso 1 do Balneário da Rainha D. Amélia (a partir de Carriço, 2013).

- | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|-------------------------|
| 1- Átrio de entrada | 10- Sala de inalação | 19- Piscina |
| 2- Atendimento | 11- Sala de espera | 20- Sala de repouso |
| 3- Corredor público | 12- Vestiários de funcionários | 21- Emanatório |
| 4- Secretaria | 13- Apoio de vestiários | 22- Núcleo museológico |
| 5- Instalações sanitárias | 14- Vestiários de banhistas | 23- Área administrativa |
| 6- I.S. mobilidade reduzida | 15- Tratamentos com vapores | 24- Área técnica |
| 7- Entrada de serviço | 16- Banheiras | 25- Sala multiúso |
| 8- Depósito de sujos | 17- Duche agulheta | 26- Laboratório |
| 9- Gabinete médico | 18- Duche Vichy | 27- Auditório |

Um período controverso em termos financeiros devido à diminuição dos utilizadores, sucedeu-se no séc. XX. Apesar dos vários obstáculos as Termas de São Pedro do Sul continuaram em funcionamento (Oliveira, 2002).

Em 8 de julho de 1987 foi inaugurado um novo balneário termal projetado pelo Arquiteto Januário Godinho. Este vem servir as necessidades impostas, que o balneário Rainha D. Amélia com um século de existência, não conseguia assegurar (Oliveira, 2002).

Desde então o Complexo Termal aplica diversas técnicas como a balneoterapia no qual se destaca o uso de piscinas, de referir a de recuperação, a de hidromassagem e a coletiva destinada a um grupo de trinta banhistas. As banheiras são outra técnica utilizada, mas também os vapores, os duches, a irrigação nasal e a fisioterapia (Oliveira, 2002).

Em 2007 o balneário foi reabilitado e ampliado pelo Arquiteto Manuel Abreu, nomeado posteriormente por Balneário D. Afonso Henriques (fig. 14). O projeto do novo balneário termal desenvolve-se através de um edifício maciço em betão, com 45m de comprimento e dois pisos assentes em uma estrutura de pilotis. No piso térreo, encontram-se vários serviços comuns, espaços funcionais e uma grande piscina que se abre para o rio Vouga. O edifício previa a separação de géneros entre pisos (Ângelo, 2014).



Figura 14. Balneário D. Afonso Henriques (Termas-spsul, 2022).

A sua volumetria pretende estabelecer uma relação de escala com a envolvente. O projeto inicial continha uma zona seca e húmida em cada piso. A zona seca é composta pelo espaço de mecanoterapia e ginásio e a zona húmida por piscinas, salas de banho de imersão, duches, inalações e pulverizações. Quando necessário um dos pisos pode ser encerrado para efeito de manutenção sem afetar o normal funcionamento do edifício (Ângelo, 2014).

O edifício marca um momento de inovação no panorama do termalismo português devido à implementação de medidas diferenciadas dos restantes espaços termais. Destas medidas, pode-se salientar a aplicação de materiais anticorrosivos, a colocação de componentes técnicos de bombagem e de cortinas de ar quente que impede o embaciamento de áreas envidraçadas. (Ângelo, 2014)

Devido ao aumento dos utilizadores e de diretrizes legislativas, existiu a necessidade de intervir de uma forma aprofundada no edifício. A intervenção consistiu por melhorar a sua oferta (Ângelo, 2014).

O piso -1 teve o aumento das técnicas de utilização das piscinas termais, oferecendo uma ampliação do balneário para quatro piscinas (Ângelo, 2014). Na seguinte figura 15, é apresentada uma das piscinas do Balneário de D. Afonso Henriques.



Figura 15. Piscina interior do Balneário de D. Afonso Henriques (Termas-spsul, 2022).

O piso 0 teve o desenvolvimento de um novo compartimento na área da reabilitação física, contendo programas de massagem, cinesioterapia, hidromassagem e reeducação motora. Também no piso 0 houve o aumento da sala de espera, repouso, de receção e a criação de espaços de venda e de produtos termais (Ângelo, 2014).

Criou-se no piso 1 um departamento de primeiros socorros e em ambos os pisos 0 e 1, existiu uma ampliação das salas de espera e melhoramento do espaço para as cabines individuais de hidromassagem, duche, imersão, vaporização e das zonas de tratamento das vias respiratórias (Ângelo, 2014). Nas seguintes plantas (fig. 16, fig. 17 e fig. 18) é apresentada uma análise dos espaços.

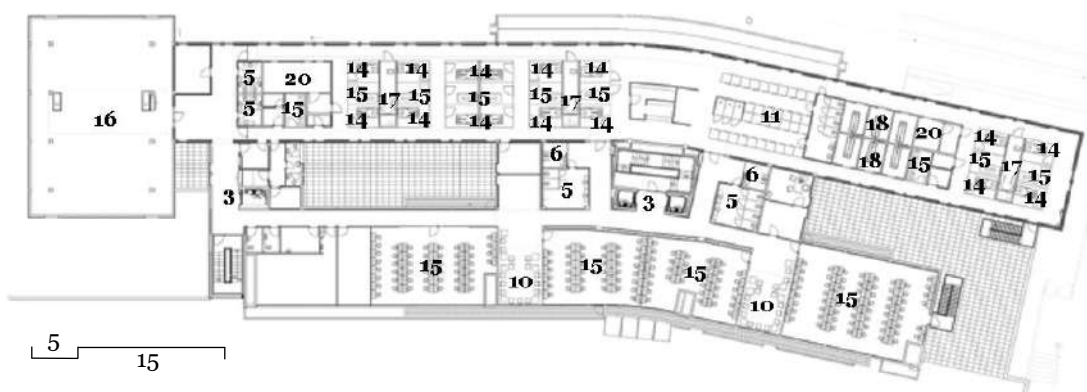


Figura 16. Planta do piso 0 do Balneário de D. Afonso Henriques (a partir de Carriço, 2013).

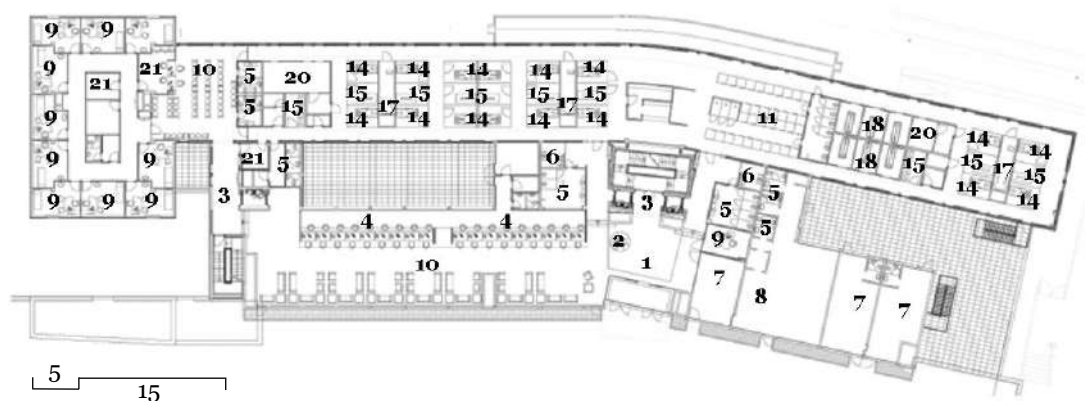


Figura 17. Planta do piso 1 do Balneário de D. Afonso Henriques (a partir de Carriço, 2013).

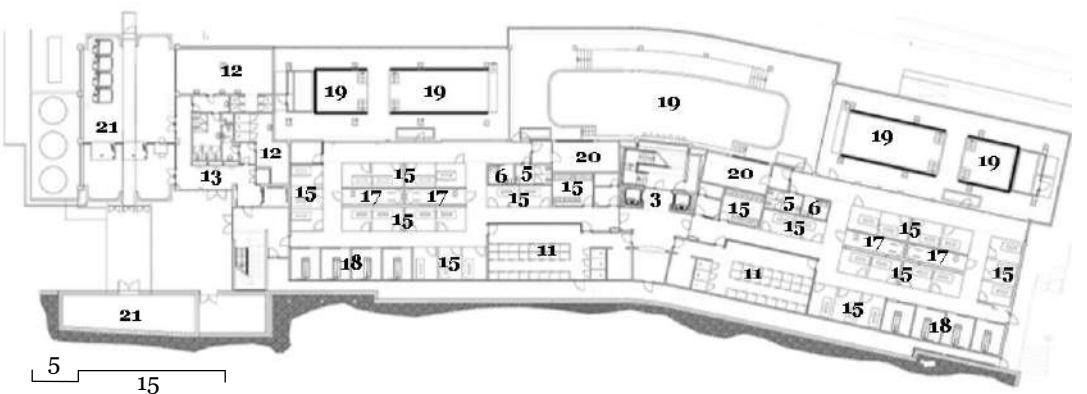


Figura 18. Planta do piso 2 do Balneário de D. Afonso Henriques (a partir de Carriço, 2013).

- | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
| 1- Átrio de entrada | 8- Bar | 15- Tratamentos com vapores |
| 2- Recepção | 9- Gabinete médico | 16- Sala de repouso |
| 3- Átrio dos elevadores | 10- Sala de espera | 17- Duche regional e local |
| 4- Atendimento | 11- Vestiários de banhistas | 18- Duche Vichy |
| 5- Instalações sanitárias | 12- Vestiários de funcionários | 19- Piscina |
| 6- I.S. mobilidade reduzida | 13- Entrada de serviço | 20- Emanatório |
| 7- Loja | 14- Hidromassagem | 21- Área técnica |

Capítulo 5

Termas do Vale dos Cucos

Este capítulo pretende descrever o espaço e os pontos fulcrais em que se inserem as Termas do Vale dos Cucos, tal como a sua contextualização histórica.

5.1. Enquadramento Geográfico

A Estância Termal do Vale dos Cucos, situa-se no centro oeste de Portugal (fig. 19) nas periferias da cidade de Torres Vedras a uma distância de dois quilómetros do centro. A cidade, encontra-se a uma distância de sessenta e oito quilómetros de Lisboa, com a saída da Autoestrada oito, Torres Vedras Sul (Antunes, 2020).

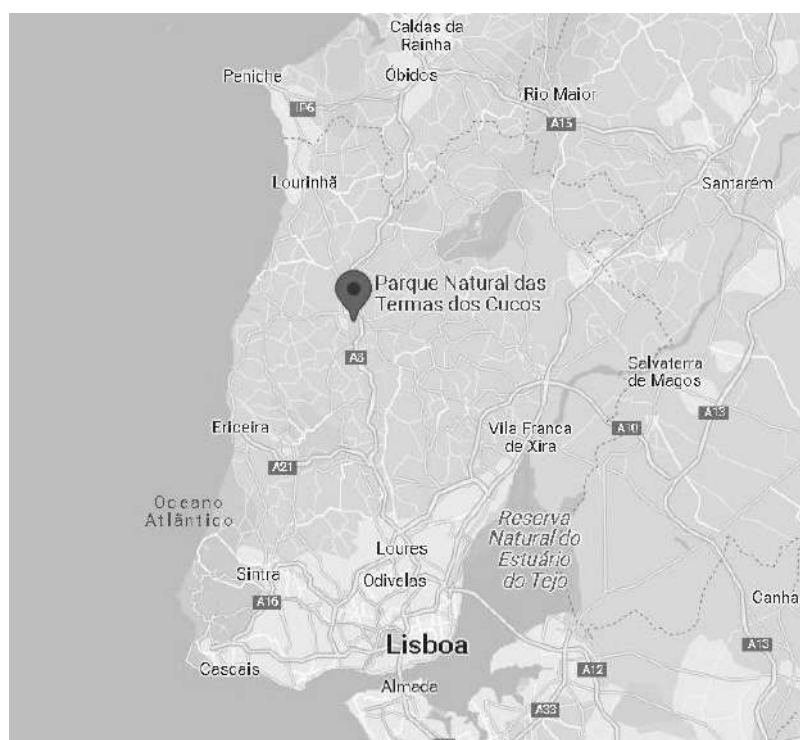


Figura 19. Localização do Complexo Termal do Vale dos Cucos (GoogleMaps, 2022).

A cidade contém um vasto conjunto de testemunhos, possíveis de serem contemplados, desde as suas origens históricas, como por exemplo, o castelo árabe, conventos medievais, igrejas, várias estações arqueológicas ou até as próprias ruas do centro histórico (Antunes, 2020).

Desde os tempos mais remotos que o território de Torres Vedras é povoado. Por este lugar passaram várias comunidades com as mais variadas atividades, que deixaram a sua marca no espaço. A vila de Torres Vedras elevou-se a cidade no ano de 1979, observando-se após esta data um crescimento urbano exponencial (CM.Tvedras, 2020).

Desconhece-se qual o primeiro nome que identificou o lugar, no entanto existe documentos com evidências que existia um povoado com importância na região nomeado por Chretina e acreditasse que terá sido uma das primeiras designações dadas a este lugar. Em alguma data passou a chamar-se de Turres Veteras, com origem na sua primeira fortificação, provavelmente ainda construída no período romano. Depois o nome evoluiu dando início à denominação hoje conhecida de Torres Vedras (CM.Tvedras, 2020).

Torres Vedras permaneceu sob domínio islâmico até 1147, após D. Afonso Henriques ter tomado a região. No reinado de Sancho I entre o ano 1185 e o ano 1211 a vila de Torres Vedras integrou-se na primeira organização municipal. Em 15 de agosto de 1250, D. Afonso, terceiro do nome, cognominado por o Bolonhês, doou a carta de Foral aos homens e vassalos de Torres Vedras (CM.Tvedras, 2020).

Na região de Torres Vedras fundaram-se alguns conventos, em 1226 o Convento de Nossa Senhora da Assunção em Penafirme, em 1366 o convento de Nossa senhora da Graça de Torres Vedras, em 1470 o convento dos frades Franciscanos de Varatojo e em 1570 o convento de Nossa Senhora dos Anjos, fundado pela infanta D. Maria para os frades Arrábidos (CM.Tvedras, 2020).

A vila reuniu o Conselho Régio de D. João I em 1414 e daqui partiram vários aventureiros torrienses ao longo dos séculos seguintes, nos descobrimentos marítimos portugueses (CM.Tvedras, 2020).

A partir do ano de 1809, a vila era conhecida pelo maior sistema defensivo da história, nomeada por linhas de Torres Vedras. Este sistema de proteção foi construído para a defesa efetiva da capital contra as tropas de Napoleão (CM.Tvedras, 2020).

Torres Vedras cresceu, tornando-se um destino turístico principalmente a partir do século XX, pela procura das praias e pelos espaços termais que tiveram uma grande importância no desenvolvimento da região devido às suas qualidades terapêuticas (CM.Tvedras, 2020).

5.2. Caracterização da Envolvente

O Conjunto Termal do Vale dos Cucos (fig. 20), encontra-se a trinta e três metros de altitude acima do nível do mar, na falda da serra da Machêa. Sendo este um espaço hospitaleiro, rodeado de pequenas colinas envolvidas por vários tipos de fauna e flora. As várias colinas limitam uma bacia quase circular abrigando o espaço dos ventos. A temperatura média no verão ronda os vinte cinco graus centígrados consistindo num microclima ameno e temperado (Vieira, 1964, p. 3 e 4).

Os edifícios existentes estão implantados no vale sedimentar, lugar onde outrora passava o rio Sizandro. O rio foi desviado para o atual percurso contornando o monte do Cabrito, com o objetivo de o afastar das nascentes e permitir as construções (Vieira, 1964, p. 24 e 25). Assim, aproveita-se da melhor forma os recursos naturais do lugar. Durante vários anos choupos e freixos marcavam o antigo percurso do rio, onde hoje existe a alameda com cerca de 300 metros de extensão (Antunes, 2020).



Figura 20. Vista aérea do Complexo Termal em estudo (Hugo, 2020).

Este espaço, encontra-se rodeado por serras cobertas de vários tipos de vegetação. Foi o Dr. José Dias Neiva, proprietário e grande impulsionador da Estância Termal, que mandou plantar 2400 árvores na encosta da serra. Estas provenientes de Buçaco, tiveram o objetivo tornar o parque um lugar mais acolhedor (Vieira, 1964, p. 27).

Os elementos naturais ainda hoje são apreciados pelos seus visitantes, que utilizam o espaço para piqueniques e desportos ao ar livre. O jardineiro local Ramiro Fernandes, explica que o entorno dos edifícios é composto principalmente por *Acer campestri*, *Acer negundo*, *Accer pseudo platanus*, *Acer rubra*, *Acácia ratinoides*, *Acácia verticilata*, *Rubinia*

pseudo-acácia, *Abies pectinata*, *Aesculus hippocastanum*, *Abies cephalonica*, *Acácia eynolhilla*, *Acácia leophylla*, *Picea excelsa*, *Pinus austríaca*, *Pinus insignis*, *Pinus sylvestri*, *Ulmus nigra*, *Coryllus avellanus* (Antunes, 2020). A figura 21 apresenta algumas espécies arbóreas existentes no espaço termal.

Segundo o jardineiro do espaço termal, Ramiro Fernandes, diversos tipos de fauna podem ser visíveis na envolvente, salientando alguns como a águia de bonelli, águia de asa redonda, coelho braço, galinha de água, cobra de água, corvo, lagarto comum, perdiz comum, melro comum, peneiro vulgar, peneiro cinzento, raposa, toupeira, pombo das rochas e o cuco canoro (Antunes, 2020).



Figura 21. Natureza presente no Complexo Termal do Vale dos Cucos.

5.3. Descrição das Nascentes

A água que emerge nas nascentes do Parque das Termal do Vale dos Cucos, acontece devido às falhas existentes na área tónica de Matacães. As águas meteóricas ao se infiltrarem através dos calcários do jurássico médio na Serra do Montejunto com 666 metros de altura, descem em camadas impermeáveis até grande profundidade, e desta forma são aquecidas (Vieira, 1964, p. 4).

A água em profundidade, ao atravessar depósitos de sal-gema e outros adquire mineralização e radioatividade, sendo no Vale dos Cucos que esta atinge a superfície a uma temperatura quente ou morna variando conforme a estação do ano, através das várias fontes. A água encontra-se límpida, sem cheiro ou sulfúreo, cristalina e com um sabor salino (Vieira, 1964).

As nascentes existentes no espaço termal são de água e lama possuindo características semelhantes, sendo nomeadas por cloretada, magnésia, bicarbonatada, potássica, sulfatada, cálcica, sódica e radioativa (Vieira, 1964).

Brotam na falha mais importante do vale, as nascentes “Cucos Novos Hipotermal” e “Cucos Novos Mesotermal” que abasteciam o balneário termal. É captada também outra nascente nomeada por “Cucos Moderno” na fenda de uma rocha a grande profundidade que abastece a Buvette. Numa outra falha existe uma nascente nomeada por “Coxos” que no ano de 1952 foi considerada bacteriologicamente pura, destinando-se para o uso popular (Vieira, 1964).

Através dos terrenos do aluvião do Rio Sizandro é possível encontrar as nascentes de lamas termais, “Cucos Velhos” e “Olival”. Estas nascentes, são consideradas contemporâneas comparadas com os fenómenos orogénicos que levaram à produção das falhas, por ter existido um processo de abertura para o seu trajeto até à superfície (Vieira, 1964).

As lamas são consideradas cloretadas radioativas hipertermais porque estão contidas em aluviões argilosos e calcários impregnados na água termal. Apenas nestas condições geológicas existe a possibilidade de se produzir lamas naturais com poder terapêutico através das suas propriedades físicas e químicas (Vieira, 1964).

A lama é plástica com uma coloração escura, outrora recolhida pelo poço de lama e colocada de seguida em tanques de maturação no fim da época balnear. Todas as lamas (fig. 22) têm de ser tratadas antes de serem utilizadas em banhos e cataplasmas (Antunes, 2020).



Figura 22. Baldes de lamas termais utilizados nas Termas dos Cucos (Cardoso, 1997).

Depois de vários estudos feitos sobre as propriedades e a importância das nascentes termais dos Cucos, em 1929 foi reservada oficialmente uma área de 50 hectares para proteção das nascentes existentes (Vieira, 1964, p. 36 e 37).

Existiu a necessidade de construir um novo balneário para dar resposta às necessidades termais atuais. Em 1996 executou-se um novo furo de captação. Devido à falta de investimento, esse balneário nunca foi construído e o espaço termal acabou por encerrar (Antunes, 2020).

5.4. Contextualização Histórica

A primeira evidência de utilização do espaço termal em estudo teria sido pela descoberta em 1959 de uma lápide funerária pertencente a um cemitério romano da região, na primeira metade do século I (Mantas, 1982). Acredita-se que a utilização dos banhos terapêuticos neste lugar já seria do conhecimento do povo romano, devido à importância cultural que os banhos termais tinham na sociedade romana (Vieira, 1964, p. 7).

Existe a possibilidade de terem passado sobre as ruínas históricas da antiga povoação hispano-romana, bárbaros, germânicos e árabes. Com a conquista de Torres Vedras por D. Afonso Henriques em 1148, formou-se a Aldeia da Machêa. Em 1527 a Aldeia da Machêa foi registada com dezoito vizinhos (Vieira, 1964).

Devido à compra progressiva de várias propriedades existentes na aldeia da Machêa durante o séc. XVII por Domingos Fernandes Monteiro, surgiu a Quinta da Machêa. Seriam construídos nateiros junto à margem do rio onde os doentes se banhavam e permaneciam durante várias horas numa fase primitiva da utilização das lamas termais (Vieira, 1964, p. 6).

Durante o século XVIII, a quinta torna-se propriedade do Dr. António de Matos Pereira. Após o seu falecimento em 1782, foi considerado herdeiro Miguel Lourenço Peres. Foi Miguel Peres que fez os primeiros melhoramentos na captação das águas, no lugar onde existe hoje a estância termal, pois esta incluía uma maior relevância no conhecimento das suas propriedades terapêuticas. Foram construídas três modestas construções em madeira para banhos, que sofriam anualmente destruições devido às cheias do rio Sizandro (Vieira, 1964, p. 11).

Miguel Peres faleceu precocemente transpondo os seus bens para o seu filho José Lourenço Peres. José Peres mandou construir algumas habitações térreas próximas dos banhos para a hospedagem de doentes. Devido aos tempos incertos influenciados pelas

invasões francesas e questões judiciais, José Peres acabou por ficar endividado obrigando-o a vender a Quinta da Machêa junto com as Instalações Termas (Vieira, 1964).

Desperta-se uma consciência cada vez maior por parte da população de Torres Vedras, pela importância do instrumento de cura termal. Servindo como referência do desejo do povo, o progresso económico das Termas das Caldas da Rainha. Todos os futuros proprietários acabam por sentir essa pressão por parte da opinião pública e pelo desejo de melhores instalações termas (Vieira, 1964).

Em 1851 a Quinta da Machêa foi comprada por João Neiva que melhora o espaço termal, criando uma barreira para proteger os balneários termas de madeira das inundações. Criou diversas melhorias no alojamento de doentes, estas aumentaram o interesse do público em geral (Vieira, 1964, p. 21).

Após o falecimento de João Neiva no dia 20 de fevereiro de 1868, o seu sobrinho José Gonçalves Dias Neiva, assume a tarefa de iniciar novos projetos de intervenção com o objetivo de impulsionar as Termas do Vale dos Cucos (Vieira, 1964).

Dada a potencialidade que tinha o lugar e com o aparecimento em 1886 do transporte ferroviário da linha do Oeste, permitindo com facilidade o acesso a banhistas de fora de Torres Vedras, José Dias Neiva acaba por investir num plano grandioso traçado e orientado por António Jorge Freire, com o nome “Vila Neiva dos Cucos” (Vieira, 1964).

O plano criado por António Jorge Freire consistia em quarenta moradias que marginavam a Avenida das Termas, uma albergaria composta por algumas casas modestas, um hotel com trezentos quartos, um hospital termal, uma capela, um mercado, um casino, um percurso com ligação à estação da linha de caminho-de-ferro e ao centro de Torres Vedras. Também foi planeado no alto da Serra da Machêa a instalação de solário para crianças e um pequeno *chalet* no morro dos Cucos para repouso dos doentes. Em termos paisagísticos, foi previsto um parque composto por elementos arbóreos que ligava a praça das termas a um grande lago, que seria situado posteriormente à atual Buvette e as serras em redor seriam bastante arborizadas (Vieira, 1964, p. 26).

Logo no início das obras, o leito do rio Sizandro foi desviado para o atual percurso, com o objetivo de o afastar das nascentes exploradas e permitindo espaço para a urbanização. A construção do Estabelecimento Termal foi iniciada a 26 de novembro de 1890 como uma obra tecnicamente modelar e sóbria. Embora já tivesse sido aberto provisoriamente ao público em 1892 é inaugurado a 15 de maio de 1893. A praça das termas e a avenida das termas foram construídas e vieram do Buçaco árvores para arborizar a encosta da serra

(Vieira, 1964). Na seguinte figura 23 mostra a relação entre a praça e o Estabelecimento Termal.



Figura 23. Vista do Estabelecimento Termal do Vale dos Cucos (Azevedo & Vasconcelos , 1995).

Foram implementados esgotos e em 1893 junto à nascente “Cucos Velhos” captava-se a “Nascente de Lamas”. Das quarenta moradias previstas no plano, apenas duas foram construídas sendo a Vivenda D. Feliciano em 1895 e a Vivenda D. Maria em 1896. O ano de 1896 também foi importante na história do complexo termal, por ter sido o ano da construção do Salão conhecido como Casino (Vieira, 1964, p. 26). (Azevedo & Vasconcelos , 1995, p. 130)

As despesas de toda a construção foram avultadíssimas e desta forma, José Dias Neiva decidiu parar as obras da sonhada vila termal. O casino passou a ser utilizado para refeições e recreio e as duas vivendas passaram a utilizar-se para alojamento de hóspedes. Esta atitude não foi bem compreendida pelo projetista António Jorge Freire, que apresentou uma conta alta de honorários, arrastando-se numa questão judicial (Vieira, 1964).

Entre vários banhistas e visitantes de várias classes sociais que passaram pela Estância Termal do Vale dos Cucos, salientam-se alguns nomes como o Rei D. Manuel II no ano de 1908, Egas Moniz para a sua doença de gota entre 1902 e 1907, e o Presidente da República António José de Almeida em 1920, também doente de gota (Vieira, 1964).

José Gonçalves Dias Neiva morreu em fevereiro de 1929, deixando os seus bens para o seu sobrinho mais íntimo José António Vieira. José Vieira investiu na construção da Buvette e

na captação na fenda da rocha da nascente “Cucos Moderno” para o abastecimento da mesma. Remodelou as cabines dos banhos de lama (fig. 24), localizadas na parte inferior do Estabelecimento Termal com a materialização em mármore de Estremoz. Impulsionou a construção do edifício Hotel e a Capela de Nossa Senhora da Saúde anexada no piso superior do Estabelecimento Termal (Vieira, 1964).



Figura 24. Cabines dos banhos de lama (Cardoso, 1997).

Um dos aspetos problemáticos e económicos da estância termal, é o facto de apenas render quatro meses por ano que seria a altura do verão. Numa tentativa de resolver esta questão, em 1932 numa experiência, utilizou-se os restantes meses do ano como colégio, chamando-se Colégio Liceu dos Cucos. Devido à indisciplina dos alunos, o colégio apenas durou um ano (Vieira, 1964, p. 36).

Após o falecimento de José António Vieira no ano de 1962, tornou-se José António Neiva Vieira, diretor da Estância Termal do Vale dos Cucos e autor da monografia “História das Termas do Vale dos Cucos” em 1964. Em 1987 acontece a sua trágica morte passando os seus bens para os seus filhos, sendo eles os atuais proprietários do espaço termal (Antunes, 2020).

Capítulo 6

Leitura Formal do Existente

De todo o grandioso plano chamado de “Vila Neiva dos Cucos”, desenhado por António Jorge Freire, apenas alguns elementos do conjunto foram erguidos e por isso é relevante realçar a importância do testemunho da existência que foi deixada.

O conjunto termal existente é composto por um estabelecimento termal com ligação ao hotel, uma Buvette, duas moradias denominadas por D. Feliciano e D. Maria, um salão e residências modestas para trabalhadores.

De acordo com a Direção-Geral do Património Cultural, a Estância Termal do Vale dos Cucos é classificada como Monumento de Interesse Público. Desta forma, a proteção e a valorização da Estância Termal representa um valor cultural de importância nacional, mas mostra-se desproporcionado classificar o edificado como de interesse nacional (Mangorrinha, 2000).

Em termos estéticos este conjunto representa uma expressão racionalista, desde o plano como conjunto até ao desenho funcional do Estabelecimento Termal. Ao contrário das moradias D. Feliciano e D. Maria que se expressão através de um neo revivalismo clássico, os restantes edificados como a Buvette, a antiga Pensão e o antigo Casino fazem parte da composição do Complexo Termal, mas não possuem o valor formal do Estabelecimento Termal (Mangorrinha, 2000).

O existente jardim situado no centro do Conjunto Termal, contém uma planta elíptica e é centrado por um pequeno lago envolvido por um conjunto de canteiros com variadas plantas delimitados por relva. Circundando o jardim, existe a continuação da alameda, que distribui o acesso viário ou pedonal aos edifícios do conjunto.

As acessibilidades e a mobilidade reduzida não se encontram pensadas no atual cenário.

6.1. Estabelecimento Termal

Desde a entrada do Complexo que o Estabelecimento Termal (fig. 25) apresenta uma imponente presença no espaço, sendo visível desde a alameda a sua fachada ostentada pela sua simetria com características neoclássicas. As suas paredes lisas compostas por leves frisos e janelas clássicas adornadas com gradeamentos, marcam a métrica do edifício. O edifício é coroado pelo majestoso frontão contendo o nome do espaço termal e as suas seis chaminés posicionadas simetricamente em relação ao seu eixo.



Figura 25. Estabelecimento Termal.

A entrada é localizada no eixo da fachada e acessível por escadas exteriores. A porta está elevada a cerca de um metro e meio do pavimento exterior, permitindo ao espaço inferior a entrada de luz natural através dos vãos existentes. Desta forma o edifício não é acessível a pessoas com mobilidade reduzida.

É perceptível a evolução que o edifício sofreu ao longo da sua história, modificando-se conforme as necessidades. No entanto, a sua organização estrutural é perceptível e inalterada. A composição do edifício dispõe-se por três corpos, um central e dois laterais, contendo quatro patamares com cotas diferentes.

Entrando no edifício no piso 0, encontra-se uma pequena sala de entrada com acesso à receção, dois escritórios e um corredor. O corredor faz a distribuição do visitante pelas várias cabines com banheiras, a sala de duche, ao hotel e aos acessos verticais. Neste piso existem apenas duas pequenas casas de banho. Na zona central de transição de espaços o edifício ostenta uma fonte vertical em pedra (fig. 26).

A distribuição vertical é feita por dois tipos de escadas. Sendo uma imponente escadaria que leva os banhistas ao piso inferior e outra escadaria dissimulada em caracol que liga ao piso superior.



Figura 26. Fonte em pedra.

O piso inferior é composto por dois patamares, estando um à cota -2,50 interligado por escadas de pedra ao outro à cota -3,90. Na cota -2,50 existem zonas de serviço, esterilização de lamas e ligações a áreas técnicas. Também existem algumas cabines com banheira. No piso à cota -3,90, existe um conjunto de cabines com banheiras fixas destinadas a tratamentos de lama (fig. 24).

O piso superior do edifício localizado na cota 5,10, destina-se a uso exclusivo por parte dos proprietários e administração. Existem três escritórios administrativos, zonas onde se localizavam quartos, uma casa de banho, uma sala, uma cozinha e zonas de arrumos. Neste patamar existe uma ligação discreta, que serve de apoio ao segundo piso do hotel.

Ainda no piso superior na mesma cota existe uma pequena capela, cuja entrada principal é feita pelo interior do edifício. Na capela encontram-se os bancos e o altar e os locais onde existiam os santos, como é demonstrado na figura 27. As figuras religiosas foram retiradas com o objetivo de serem salvaguardadas devido ao elevado estado de degradação do espaço.



Figura 27. Capela de Nossa Senhora da Saúde.

Os espaços ostentam belíssimos tetos trabalhados em gesso, pavimentos e revestimentos em mármore, revestimentos em azulejo, guarda-corpos e corrimãos ornamentados em ferro e arcadas em madeira. As portas e janelas clássicas são de madeira. Todos estes elementos encontram-se em degradação elevada como é visível na seguinte figura 28.



Figura 28. Elevado estado de degradação do Estabelecimento Termal.

Anos de abandono são transmitidos no interior do edifício nas paredes e tetos, sinais de humidades e deterioração são encontrados em todas as divisões. Os velhos mobiliários deixados no edifício transmitem o retrato da época social da sua utilização. Apesar disto é perceptível a potencialidade do edifício que fechou no ano de 1998.

6.2. Hotel

O Hotel (fig. 29) foi construído posteriormente ao restante edificado termal uma vez que existia a necessidade de alojamento para os visitantes. Este ficou interligado com a parte posterior do Estabelecimento Termal por dois corredores nos seus dois pisos.



Figura 29. Hotel.

As duas plantas do hotel estão à cota 1,50 e à cota 5,45. Estas contêm características semelhantes. A distribuição nos pisos é feita pelos dois corredores centrais. Estes oferecem aos hóspedes acesso aos quartos, a uma pequena receção, e ao acesso vertical composto por uma escadaria iluminada através de um vão de grande dimensão (fig. 30). Existe um acesso por escadas para o exterior.



Figura 30. Escadaria de acesso ao piso superior do hotel.

Alguns quartos têm na sua composição interior louça sanitária, como é demonstrado na seguinte figura 31.



Figura 31. Quarto do Hotel.

Existe uma sala de transição entre o edifício termal e o hotel, denominada Sala dos Bustos. Esta aparenta um teto ornamentado e três bustos que enaltecem pessoas que marcaram a história do espaço termal. A seguinte figura 32 apresenta um dos bustos presentes na sala.



Figura 32. Um dos medalhões em mármore da Sala dos Bustos.

As suas fachadas são mais modestas que o Estabelecimento Termal, marcando desta forma a diferença e grau de importância. As janelas de cantaria simples com as mesmas dimensões, repetem-se ao longo da fachada. A porta para o exterior marca o seu lugar pela sua dimensão. Esta fachada enquadra-se com o resto da composição construída. O edifício não é acessível a mobilidade reduzida.

6.3. Vivendas

A vivenda D. Feliciano e a vivenda D. Maria (fig. 33) têm estes nomes para homenagear a memória de duas senhoras que tiveram importância na família Neiva. As vivendas são inspiradas nas casas de campo senhoriais inglesas e indicam um revivalismo livre e eclético.



Figura 33. Vivenda D. Maria e a Vivenda D. Feliciano.

É importante realçar que do conjunto que englobava as quarenta vivendas do plano “Vila Neiva dos Cucos” apenas estas duas edificações foram construídas. Os dois edifícios são idênticos na sua composição formal. A vivenda D. Feliciano construída em 1895 e a vivenda D. Maria construída 1896 são o espelho marcado através da alameda. Encontram-se de frente para o Estabelecimento Termal, assinalando a entrada para o Complexo Termal.

As suas fachadas contêm um jogo de materiais através de vários revestimentos como o tijolo e pedra. A cobertura contém pináculos inspirados no estilo romântico.

Devido à falta de lugares para hospedar os visitantes do local termal, estas duas vivendas nos seus três pisos, foram convertidas para pousada e continham 15 quartos cada.

Atualmente é impossível entrar dentro destes dois edifícios, devido ao seu alto estado de degradação. Apesar disto foi possível fazer um levantamento através de depoimentos de quem conheceu os edifícios e do exterior. As paredes estruturantes exteriores dão pistas de como seria a configuração do interior dos edifícios.

6.4. Salão

O Salão (fig. 34) é o único edifício do Conjunto Termal ainda ativo. Foi construído em 1896 e utilizado como Casino até meados do século XX. O espaço era utilizado como restaurante e sala de espetáculos sendo comum a atuação de artistas, como grupos musicais que ofereciam animação aos utilizadores do espaço termal. Um exemplo de uma personalidade de importância a pisar o palco foi a fadista Amália Rodrigues. Nos dias de hoje é pontualmente utilizado para eventos e celebrações, no entanto é inacessível a mobilidade reduzida.



Figura 34. Salão.

Nas suas fachadas é identificável algum vínculo arquitetónico com a linguagem do Estabelecimento Termal devido à sua métrica. Um frontão esculpido marca a entrada principal, as janelas emolduradas pelos arcos de volta perfeita e com vitrais azuis revelam-se no enquadramento geral da fachada, transmitindo para o interior a cor azul (fig.35).

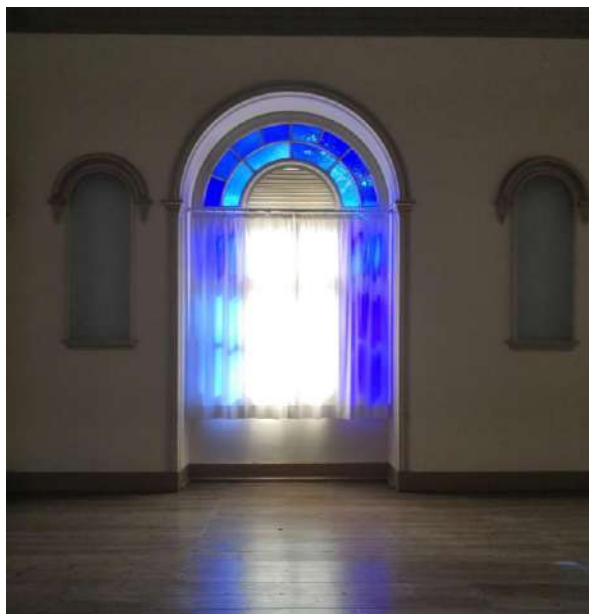


Figura 35. Vitral do Salão.

A planta principal do edifício, é composta por duas salas polivalentes (fig. 36) que se podem abrir e interligar-se. Existe um pequeno palco que atualmente está inativo com camarins e casas de banho. Esta planta contém ainda um espaço para confeção de alimentos, que se encontra próximo do nível da rua (fig. 37).



Figura 36. Interior do salão.



Figura 37. Espaço para confeção de alimentos.

A planta inferior é utilizada como desvão sanitário uma vez que o pé-direito existente é baixo para a sua utilização. A única zona com um pé-direito que permite utilização, no caso para arrumação, é o localizado por baixo do palco. O sótão do edifício é utilizado como arrumos.

6.5. Buvette

A Buvette (fig. 38) é um pequeno edifício implantado no lugar da captação de água da nascente “Cucos Moderno”. A fonte situa-se na cota abaixo do nível térreo acessível por uma escada circular localizada no centro de uma planta quadrangular.



Figura 38. Buvette.

A entrada para o edifício é feita por escadas num alpendre ladeado de colunas e revestido por azulejos. As suas fachadas transmitem uma ligação com os restantes edifícios do complexo termal.

Ao lado deste edifício encontra-se modestas habitações construídas para alojar os funcionários contendo áreas técnicas e arrumos. Na parte posterior destas construções encontra-se o rio Sizandro desviado com as suas barreiras laterais que impedem que as suas águas inundem o Complexo Termal em altura de cheia (fig. 39).



Figura 39. Rio Sizandro.

Capítulo 7

Memória Descritiva

A presente memória descritiva pretende justificar de uma forma sucinta a intervenção e as premissas adotadas durante a realização da componente projetual no Complexo Termal do Vale dos Cucos que desenvolve um exercício de reabilitação e ampliação do mesmo.

Perante as debilidades presentes justificadas no capítulo anterior, adotou-se diretrizes com vista a resolver diversas problemáticas entre estas, as acessibilidades, a revitalização dos edifícios preexistentes e a redefinição programática. Todo o exercício projetual realizado, pretende articular-se com a memória do lugar e atuar na área circundante às preexistências, uma vez que grande parte da área de implantação é conservada com a vegetação preexistente e com a característica avenida de árvores de grande porte.

Esta proposta de investigação pretende também salientar que o Complexo Termal é para usufruto de todo o público em geral principalmente da cidade e arredores, prevendo igualmente utilizadores a nível nacional e internacional.

7.1. Conceito

Com base no estudo realizado no decorrer da dissertação, é possível constatar que a decadência do termalismo em Portugal nos anos oitenta afetou a perenidade de vários estabelecimentos termais incluindo as Termas do Vale dos Cucos. É necessário criar um pensamento revigorante perante este complexo. O título da proposta de investigação espelha o conceito adotado na fase projetual. Pretende-se que o termalismo volte a ressurgir nos Cucos, e que as águas termais possam ser usufruídas pelos utilizadores em espaços articulados com o tema.

É gerado um conjunto (fig. 40) que pretende resolver o programa arquitetónico proposto, revigorando o Complexo Termal do Vale dos Cucos. É necessário gerar uma perspetiva diferente da praça preexistente e gerar espaços em que os utilizadores possam usufruir dos diferentes ambientes, tanto no espaço exterior como no interior.



Figura 40. Proposta de intervenção para o Complexo Termal do Vale dos Cucos.

7.2. Programa

A organização espacial desencadeia-se através de seis edifícios que conversam entre si, formando um conjunto que configura a praça e proporciona uma leitura uníssona do espaço. Dentro deste complexo serão revitalizados o preexistente balneário (I), o antigo hotel (II), as duas vivendas (III), o salão (IV) e a Buvette (V). Será adicionado a este conjunto um novo balneário termal (VI) que pretende colmatar a falta funcional das termas preexistentes. Para a implementação deste novo balneário procede-se à demolição de uma parcela habitacional e de armazenamento desarticulada funcionalmente de forma a conservar somente o limite que estabelece com a praça. É possível demonstrar o conjunto na figura 41.

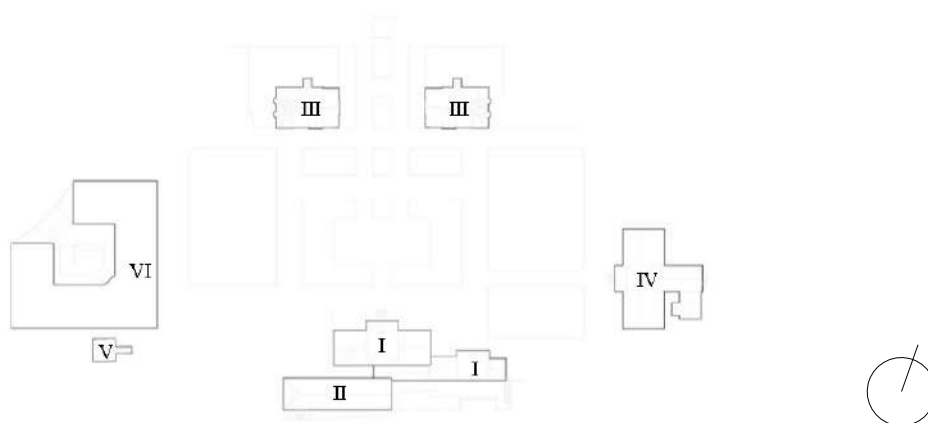


Figura 41. Identificação dos edifícios do Complexo Termal.

É de notar que ao longo da intervenção de forma a ampliar os espaços e potencializar os mesmos, articulando acessibilidades procedeu-se à reconfiguração de algumas zonas muito compartimentadas através da demolição.

O balneário preexistente assume-se para quem chega ao local, composto por três pisos com diferentes cotas. No piso de entrada encontra-se a área pública, com foyer, uma receção com bengaleiro, um escritório, uma loja, uma sala de refeições e bar com cozinha e respetivas despensas, instalações sanitárias e área de arrumos. Com ligação a este ponto desenvolve-se um espaço de apoio a funcionários com uma sala de chegada e distribuição, balneários, instalações sanitárias, zona de coleta de resíduos e áreas técnicas.

Também no piso de entrada encontram-se os acessos verticais para os patamares inferiores e superiores. Nos patamares inferiores é possível encontrar um espaço dedicado ao usufruto das lamas, zona de preparação de lamas, balneários e instalações sanitárias. Esta parte é conservada adaptando-se às exigências atuais, preservando a memória do edifício e oferecendo ao visitante a possibilidade de experimentar um tratamento de lamas como era feito outrora. No patamar superior desenvolve-se a zona administrativa composta por três salas, áreas técnicas e instalações sanitárias. Um dos elementos impactantes é o oratório acedido através deste piso. Existe também neste patamar um acesso por rampa ao piso superior da pousada.

A pousada é acedida através do balneário preexistente, composta por dois pisos de quartos. No total de dez quartos, sendo três adequados para mobilidade condicionada. Todos dispõem de instalação sanitária privativa. No piso térreo encontra-se a Sala dos Bustos, sendo lida como um foyer da pousada, zonas de serviços como lavandaria e engomadoria e zona de arrumos. No piso superior encontra-se uma sala de estar, uma sala de leitura, serviço de quartos e acesso à saída de emergência.

As vivendas são compostas por três pisos de quartos. No total vinte e quatro quartos distribuídos pelos dois edifícios. Todos são compostos por instalação sanitária privativa e acedidos por um corredor central. Ambas as vivendas têm na sua composição programática um foyer, uma pequena sala de leitura e pequenas zonas técnicas e de arrumação. É de referir que estes edifícios apresentam características funcionais e espaciais idênticas e atuam como pousadas.

O salão distribui-se ao longo de três pisos. A entrada do edifício é situada no piso intermédio onde existe uma sala de receção e duas salas polivalentes, instalações sanitárias e um palco apoiado por camarim. No mesmo piso, mas num patamar inferior,

desenvolve-se uma zona de apoio para a confeção de alimentos. O piso inferior e superior são zonas técnicas e de arrumação.

A Buvette é um pequeno edifício, que é mantido sofrendo somente pequenas intervenções de restauro. É preservada a sua função original que se depreende com o acesso a uma das fontes de água.

O novo balneário termal (fig. 42) incorpora um único piso com diferentes pés-direitos de acordo com a função de cada espaço. O visitante é recebido num foyer que incorpora a receção apoiada por zona de funcionários, gabinete médico, acesso a instalações sanitárias e ao restante edifício. É composto por uma zona de balneários, masculino e feminino, com capacidade para vinte cinco pessoas cada. Cada balneário integra oito cabines de duche, sendo uma destinada a mobilidade reduzida. No mesmo piso desenvolve-se um ginásio, área de fisioterapia e massagens, sala de tratamentos com vapores e sala de tratamentos com lamas.

O espaço interno destinado ao uso das águas é formado por sete piscinas com distintas atmosferas, zonas de repouso e bebedouros. O edifício é composto também por cabines que possibilitam diferentes tipos de duche, sauna, banho turco e zonas técnicas que se dividem em quatro zonas diferenciadas. A zona de tratamento de lamas, a zona de tratamento de águas, a zona de sistemas AVAC e arrumos exteriores. Todo o edifício é apoiado através de zonas técnicas e de arrumação. Existe também um pátio exterior composto por duas piscinas, uma de água e outra de lamas e respetivas zonas de descanso e sistemas de duchas exteriores.



Figura 42. Proposta do novo balneário termal.

7.3. Características Espaciais

A narrativa projetual realizada pretende articular-se com a memória do lugar. Neste sentido procura-se manter a métrica existente em relação às próteses adicionadas. O desenho das fachadas permanece quase intacto, somente em situações particulares subtrai-se ou adiciona-se elementos de acordo com as necessidades e relevância arquitetónica. Deste modo, estas serão intervencionadas através do seu restauro. As acessibilidades são resolvidas mediante a adição de rampas e elevadores, permitindo a locomoção vertical de pessoas com mobilidade reduzida cumprindo a legislação em vigor.

Os fluxos são repensados no balneário preexistente e no salão. São adicionados percursos de emergência e percursos distintos entre visitantes e funcionários, como se observa na figura 43.

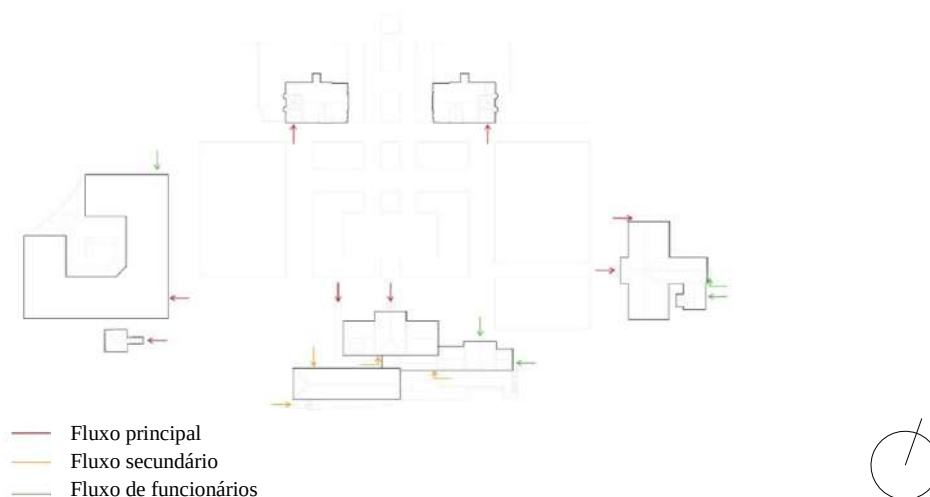


Figura 43. Identificação dos fluxos.

Num raciocínio semelhante ao adotado nas fachadas, no interior dos edifícios preexistentes procedeu-se à remoção de elementos específicos. No balneário preexistente, de modo a obter espaços mais amplos e com cumprimento das acessibilidades, retirou-se algumas massas. Também se procedeu à demolição de uma escada em caracol que conectava a entrada do edifício à zona administrativa e habitacional. Esta encontrava-se adjacente a outro acesso vertical, este sim mantido e reabilitado.

Relativamente à segurança contra incêndios é proposta uma prótese na fachada posterior da pousada, que incorpora um acesso vertical com percurso direto para o exterior. A remoção de elementos não programáticos originou um pequeno pátio de usufruto dos utilizadores com ligação à Sala dos Bustos. Na pousada as áreas públicas como o corredor têm um pé-direito maior em relação às zonas privadas criando uma relação mais intimista,

obtendo assim vários ambientes. Neste edifício como no salão os tetos apresentam vários detalhes que os caracterizam tomando assim uma posição de restauro sobre estes.

O interior das vivendas encontra-se num elevado estado de degradação, impossibilitando a entrada. Desta forma estes espaços foram repensados com base no alinhamento dos vãos e paredes exteriores.

No salão foram redefinidas as instalações sanitárias e os acessos para o palco, possibilitando assim as acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida, e um maior espaço para armazenamento e transporte de objetos.

As coberturas serão mantidas e restauradas, preservando ao máximo a sua forma. Estas são sustentadas através de madeiramento forradas com telha de barro. Abaixo das coberturas passam as infraestruturas como sistemas AVAC.

Pretende-se o restauro dos vãos que serão mantidos. Os vãos adicionados assumem dimensões variadas de acordo com a função programática.

As cérceas que definem o novo balneário e a linguagem que este procura têm o objetivo de articular-se com o conjunto. O conceito do ressurgir enaltece-se na fachada voltada para a praça e para a Buvette contrariamente aos restantes que se encerram para a paisagem e para o pátio interior seguindo uma métrica. O recuo feito do vão em relação às fachadas marca o ponto de entrada. Todo o desenho do edifício é pensado consoante diferentes atmosferas. Na zona de piscinas interiores a luz natural, ou a sua ausência, produzem nos utilizadores diferentes perspetivas. Os corredores são espaços de percurso, introspeção e de deslumbre para o pátio.

As zonas de descanso são espaços de reflexão e de introspeção, onde a água pretende ser um elemento presente, explorada nos diferentes sentidos. Como exemplo, uma das piscinas é mais encerrada para si, e contempla uma queda de água iluminada através da única clarabóia existente no edifício.

Todo o projeto pretende enaltecer os sentidos e criar partido destes, tal como Zumthor incorpora nas Termas de Vals. O som através da queda de água, a visão através da contemplação dos distintos espaços, o paladar através dos bebedouros, o tato mediante o contacto com as águas, e o olfato através dos vapores e das flores que são adicionadas numa piscina específica. Outro dos aspetos fundamentais do edifício na área das piscinas interiores é a utilização das cores mediante as temperaturas, quente e frio.

7.4. Materialidade

As características materiais dos edifícios preexistentes pretendem ir ao encontro das suas origens. É mantida a linguagem de alçados e suas materializações, sendo estes compostos por paredes de alvenaria de pedra e tijolo, rebocadas e pintadas. Relativamente às cores serão mantidas, sendo que no balneário antigo, salão e Buvette prevalece a cor vermelha alizarina e nas duas vivendas a cor amarelo-torrado.

O betão branco será o material predominante nas adições realizadas pelo exterior, no interior poderá também ser utilizado em zonas estruturais. O branco evidencia serenidade e num espaço de cariz termal enquadra-se tanto para o interior como com a relação com a envolvente.

Pelo interior será adicionado reboco térmico às fachadas existentes, sendo todas as zonas isoladas. As divisórias interiores variam entre paredes de alvenaria de tijolo e paredes de gesso cartonado (pladur). Os tetos trabalhos preexistentes serão mantidos e restaurados na maioria, e serão adicionados tetos suspensos de gesso cartonado. Estes permitem a passagem de infraestruturas e transmitem diferentes ambientes através da colocação a alturas distintas.

Os pavimentos interiores são de madeira nas zonas comuns e particulares à exceção da zona de cozinha, despensa e instalações sanitárias em que o piso é de revestimento cerâmico. No caso do novo balneário o piso será em lajetas de pedra mármore branco.

As cantarias dos vãos são compostas maioritariamente por pedra granítica, sendo no caso particular das vivendas, algumas cantarias de tijolo maciço à vista. Os ornamentos são salientados, pela cor branca, pedra granítica ou, particularmente nas vivendas, tijolo maciço à vista.

Os vãos de janelas e portas mantidos serão alvo de restauro. Estes são compostos por caixilhos de madeira pintada em castanho ou branco.

O novo balneário é composto por paredes exteriores de betão branco à vista e pelo interior, nas zonas de piscinas revestido a mármore branco pois o betão é um material muito poroso para ser adicionado. Este é isolado termicamente através de uma camada de XPS adicionada entre fachadas.

7.5. Arranjos exteriores

O exterior será trabalhado em duas grandes áreas como são apresentadas na figura 44. A área (1) compõe a zona de estacionamento com cinquenta e cinco lugares para automóvel sendo quatro deles para mobilidade condicionada e três lugares de estacionamento destinados a autocarros. O estacionamento pretende dialogar com a massa arbórea envolvente, sendo necessária a implementação de árvores entre lugares de estacionamento (fig.45).



Figura 44. Esquema de arranjos exteriores.

O espaço central preexistente é repensado pois este compõe uma área direcionada tanto para os automóveis como para pedestres. Esta narrativa não se articula com as premissas impostas na reabilitação do complexo termal, existindo assim a necessidade de um redesenho. É criada uma praça somente para usufruto dos pedestres, excluindo as vias automóveis. Neste exercício projetual, as vias conectam-se somente ao estacionamento e às zonas de cargas e descargas criadas nos diferentes edifícios.



Figura 45. Estacionamento proposto.

A zona (2), a praça (fig. 46), espaço de receção e distribuição para os diversos edifícios do complexo termal, é composta por lajetas de pedra granítica. O acesso ao balneário preexistente e ao salão é realizado através de uma escadaria ou de uma rampa que pretende seguir os alinhamentos dos edifícios. Este espaço é sujeito a um redesenho que engloba áreas arborizadas. Este pretende relacionar-se com uma fonte de água, elemento central mantido.

A praça para além de um espaço de percurso, é também um espaço de permanência. São criados espaços de descanso onde o visitante pode contemplar todo o entorno do conjunto termal, sempre com uma ligação ao espaço central e aos espelhos de água adicionados. É recolocado um bebedouro no local de nascente de água potável. O desenho dos bancos é um elemento contínuo de betão, articulado com os restantes objetos adicionados. É de referir que as áreas arborizadas são compostas maioritariamente por árvores preexistentes de médio a grande porte, que possibilita locais com sombra para usufruto da comunidade.

De acordo com os factos históricos, em 1996 a Estância ampliou a captação de água termal com a adição de um novo furo. Este encontra-se adjacente ao hotel e pretende exercer as suas funções iniciais, abastecer o novo balneário. De forma a manter esta captação de água termal resguardada de contaminação, implementa-se uma distância num raio de dezasseis metros em relação a elementos arbóreos e construções. Ainda neste espaço, o piso é impermeabilizado de forma a conter a estanquidade necessária devido à contaminação gerada pela circulação de pessoas e animais, com base na orientação das boas regras sobre o perímetro de proteção de águas termais.



Figura 46. Proposta para a praça.

Capítulo 8

Conclusão

Com base no estudo elaborado no decorrer da presente dissertação, é possível concluir que a história e o contexto do lugar deverá sempre articular-se com a intervenção arquitetônica proposta. A identidade dos elementos adicionados face às necessidades contemporâneas interliga-se numa relação direta com a história. Pretende-se não comprometer o existente, mas sim enaltecê-lo e ressurgir um tema, o termalismo e as obras arquitetônicas que o compõem. O complexo termal adota a sua forma original articulada com a proposta arquitetônica idealizada que é sustentada através dos princípios da intervenção.

A análise das distintas estratégias de intervenção, fundamentalmente permite organizar uma hierarquização e um entendimento consoante o património a intervir. O Complexo Termal do Vale dos Cucos necessita de uma profunda atualização e enriquecimento, pois a perenidade do complexo tem vindo a decair. Os temas do património arquitetónico termal e o termalismo, são sem questionamento, premissas a enaltecer neste complexo. Nesta investigação foram tomados princípios que visam revigorar a memória do lugar, tornando-o um espaço arquitetónico com ambientes propícios à prática do termalismo, mas também à vivência dos diferentes espaços. Pretende articular-se com o turismo termal e dinamizar o local.

Os casos de estudo foram peças chave para o entendimento dos programas espaciais das termas e para compreender os ambientes que são gerados através de elementos adicionados nos espaços, como elementos sensoriais.

De forma geral, as questões e os objetivos adotados no início da proposta de investigação, fundamentam-se através dos estudos realizados ao longo desta, mencionados acima.

Concluindo, a presente dissertação pretende dar uma continuidade ao que outrora existiu, o Complexo Termal do Vale dos Cucos, e através da arquitetura possibilitar a perenidade de uma memória.

Bibliografia

- Ângelo, R. A. (2014). *A autenticidade na conservação e salvaguarda do património Arquitectura termal em Portugal: o caso de S. Pedro do Sul*. Lisboa.
- Antunes, T. (2020). Visita a Estância Termal do Vale dos Cucos. (V. Silva, Entrevistador)
- Appleton, J. (2011). *Reabilitação de Edifícios Antigos, Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Edições Orion.
- Azevedo, C., & Vasconcelos, L. (1995). *Termas Portuguesas*. Lisboa: Edições Inapa.
- Barranha, H. (2016). *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal.
- Cantista, A. P. (2008-2010). *O termalismo em Portugal*. Anales de Hidrología Médica .
- Cardoso, J. C. (1997). *Vale dos Cucos - Coleção quatorze por quatorze* (Vol. V). Instituto Português de Fotografia.
- Carriço, A. P. (2013). *METAMORFOSES DO ESPAÇO TERMAL. O CASO DAS TERMAS DE S.PEDRO DO SUL*.
- Choay, F. (2014). *Alegoria do Património*. (T. Castro, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- CM.Tvedras. (2020). *História de Torres Vedras*. Obtido de Cm-tvedras.pt: <http://www.cm-tvedras.pt/municipio/concelho/historia/>
- Decreto-Lei n.º 142/2004 de 11 de junho do Ministério da Saúde, Diário da República n.º 136/2004, Série I-A (11 de 06 de 2004). Obtido de <https://dre.pt>
- DGPC. (2021). *Classificação de Bens Imóveis e fixação de ZEP*. Obtido de Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/classificacao-de-bens-imoveis-e-fixacao-de-zep/>
- González-Varas, I. (2018). *Conservación del Patrimonio Cultural: Teoría, Historia, Principios y Normas*. Manuales Arte Cátedra.
- Icomos. (1993-2010). Icomos New Zealand Charter For The Conservation Of Places Of Cultural Heritage Value.
- Mangorrinha, J. (2017). *Caldas da Rainha - O Mais Antigo Hospital Termal do Mundo*. Caleidoscópio.
- Mantas, V. G. (1982). *Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras - Conimbriga* (Vol. XXI). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Montálban, M. V. (1991). *As Termas*. Editorial Caminho.
- Munoz-Vinas, S. (2004). *Contemporary Theory of Conservation*. Routledge.
- Munoz-Vinas, S. (2014). Salvador Muñoz Viñas na Escola das Artes. *Revista ECR - Estudos de Conservação e Restauro*. Universidade Católica Portuguesa - Porto. Obtido de https://www.youtube.com/watch?v=yJOOgnT_rSE

- Oliveira, A. N. (2002). *Termas de S. Pedro do Sul*. Palimage.
- Orbaşlı, A. (2008). *Architectural conservation: principles and practice*. Oxford: Blackwell Science.
- Ortigão, R. (2019). *Banhos de Caldas e Águas Minerais*. Quetzal Editores.
- Pandora. (2008). *Termas de Portugal*. Pandora Edições.
- Pereira, P. J. (2013). *Termas da Touca - Alpedrinha: Recuperação e ampliação do antigo Balneário*. Covilhã.
- Silva, S., & Carvalho, P. (2012). *Turismo Termal em Portugal: as Perspetivas dos Gestores das Estâncias Termas da Região Centro*. Universidade de Coimbra.
- Stubbs, J. H. (2009). *Time Honore: A Global View of Architectural Conservation*. John Wiley & Sons, Inc.
- Varela, R. (2004). *Termas de Portugal*. Everest Editora.
- Vieira, J. A. (1964). *História das Termas do Vale dos Cucos* (Nº 676 ed.). Separata de "O Médico".
- Viñas, S. M. (2014). Salvador Muñoz Viñas na Escola das Artes. Universidade Católica Portuguesa - Porto. Obtido de https://www.youtube.com/watch?v=yJOOgnT_rSE
- Zumthor, P. (2019). *Peter Zumthor Therme Vals*. SCHEIDEGGER & SPIESS.

Anexos

Painéis Levantamento do preexistente

Painel 1. Planta de implantação

Painel 2. Planta de cobertura (Balneário preexistente)

Painel 3. Planta piso 1 (Balneário preexistente)

Painel 4. Planta piso 0 (Balneário preexistente)

Painel 5. Planta piso -1 (Balneário preexistente)

Painel 6. Perfis AA', BB', CC', DD' (Balneário preexistente)

Painel 7. Perfis EE', FF', GG' (Balneário preexistente)

Painel 8. Perfis HH', II', JJ', KK', LL' (Balneário preexistente)

Painel 9. Planta de cobertura e planta piso 1 (Salão)

Painel 10. Planta piso 0 e planta piso -1 (Salão)

Painel 11. Perfis MM', NN', OO', PP', QQ', RR' (Salão)

Painel 12. Planta de cobertura e piso 2 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 13. Planta piso 1 e piso 0 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 14. Perfis SS', TT', UU', VV' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 15. Perfis WW', XX', YY', ZZ' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 16. Planta de cobertura (Buvette e Anexos preexistentes)

Painel 17. Planta piso 0 (Buvette e Anexos preexistentes)

Painel 18. Perfis A2A2', B2B2', C2C2' (Buvette e Anexos preexistentes)

Painel 19. Perfis D2D2', E2E2', F2F2' (Buvette e Anexos preexistentes)

Painel 20. Perfis G2G2', H2H2' (Buvette e Anexos preexistentes)

Painéis Proposta de intervenção (Vermelhos e Amarelos)

Painel 21. Planta de implantação

Painel 22. Planta de cobertura (Balneário preexistente)

Painel 23. Planta piso 1 (Balneário preexistente)

Painel 24. Planta piso 0 (Balneário preexistente)

Painel 25. Planta piso -1 (Balneário preexistente)

Painel 26. Perfis AA', BB', CC', DD' (Balneário preexistente)

Painel 27. Perfis EE', FF', GG' (Balneário preexistente)

Painel 28. Perfis HH', II', JJ', KK', LL' (Balneário preexistente)

Painel 29. Planta de cobertura e planta piso 1 (Salão)

Painel 30. Planta piso 0 e planta piso -1 (Salão)

Painel 31. Perfis MM', NN', OO', PP', QQ', RR' (Salão)

Painel 32. Planta de cobertura e piso 2 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 33. Planta piso 1 e piso 0 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 34. Perfis SS', TT', UU', VV' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 35. Perfis WW', XX', YY', ZZ' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 36. Planta de cobertura (Novo Balneário e Buvette)

Painel 37. Planta piso 0 (Novo Balneário e Buvette)

Painel 38. Perfis A2A2', B2B2', C2C2' (Novo Balneário e Buvette)

Painel 39. Perfis D2D2', E2E2', F2F2' (Novo Balneário e Buvette)

Painel 40. Perfis G2G2', H2H2' (Novo Balneário e Buvette)

Painéis Proposta de intervenção

Painel 41. Planta de implantação

Painel 42. Planta de cobertura (Balneário preexistente)

Painel 43. Planta piso 1 (Balneário preexistente)

Painel 44. Planta piso 0 (Balneário preexistente)

Painel 45. Planta piso -1 (Balneário preexistente)

Painel 46. Perfis AA', BB', CC', DD' (Balneário preexistente)

Painel 47. Perfis EE', FF', GG' (Balneário preexistente)

Painel 48. Perfis HH', II', JJ', KK', LL' (Balneário preexistente)

Painel 49. Planta de cobertura e planta piso 1 (Salão)

Painel 50. Planta piso 0 e planta piso -1 (Salão)

Painel 51. Perfis MM', NN', OO', PP', QQ', RR' (Salão)

Painel 52. Planta de cobertura e piso 2 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 53. Planta piso 1 e piso 0 (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 54. Perfis SS', TT', UU', VV' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 55. Perfis WW', XX', YY', ZZ' (Vivendas D. Maria e D. Feliciano)

Painel 56. Planta de cobertura (Novo Balneário)

Painel 57. Planta piso 0 (Novo Balneário)

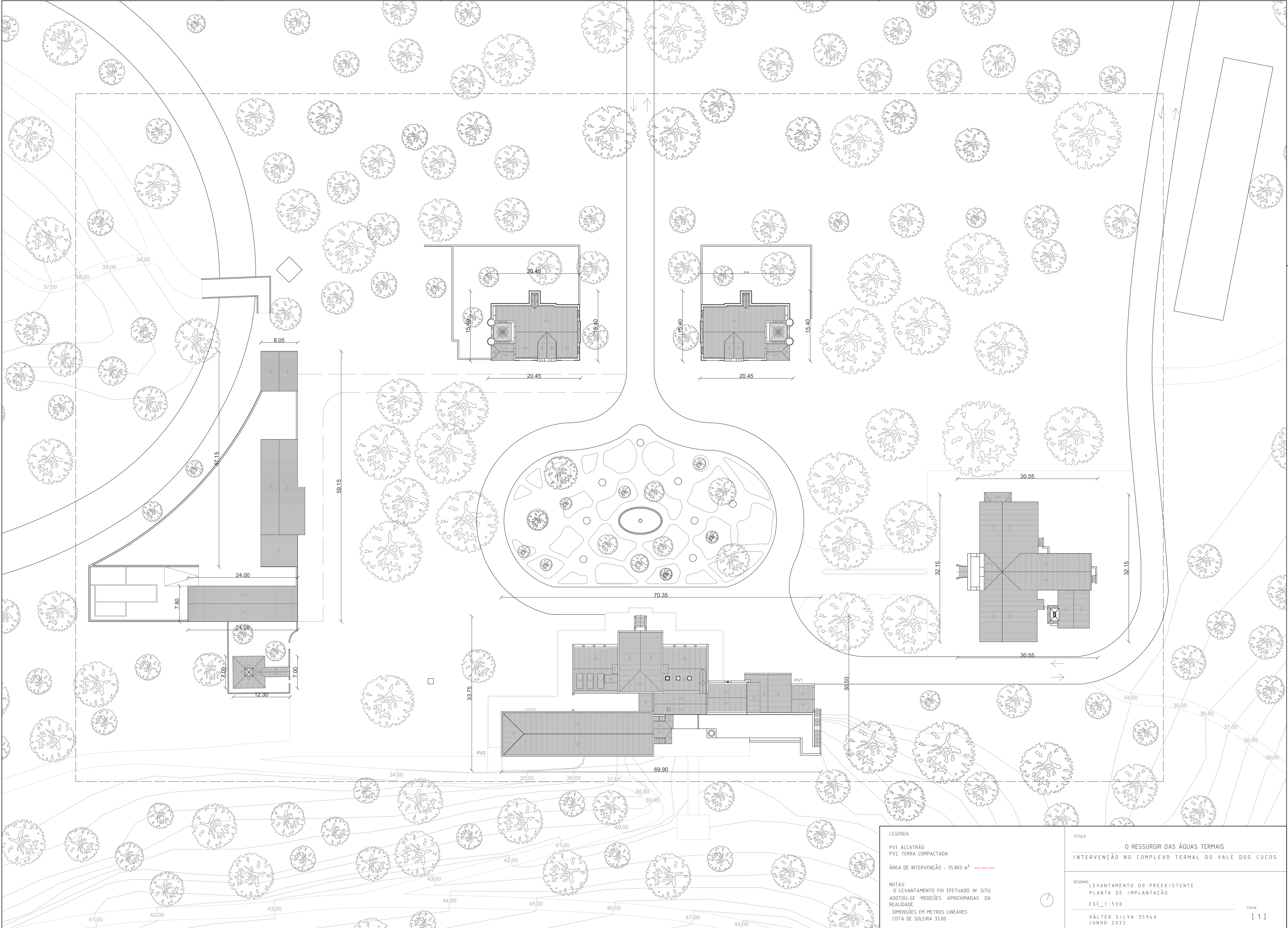
Painel 58. Perfis A2A2', B2B2', C2C2' (Novo Balneário)

Painel 59. Perfis D2D2', E2E2', F2F2' (Novo Balneário)

Painel 60. Perfis G2G2', H2H2' (Novo Balneário)

Painel 61. Pormenores construtivos E, G2

Painel 62. Mapa de vãos mantidos



LEGENDA

PV1. ALCATRÃO
PV2. TERRA COMPACTADA

ÁREA DE INTERVENÇÃO - 35.803 m²

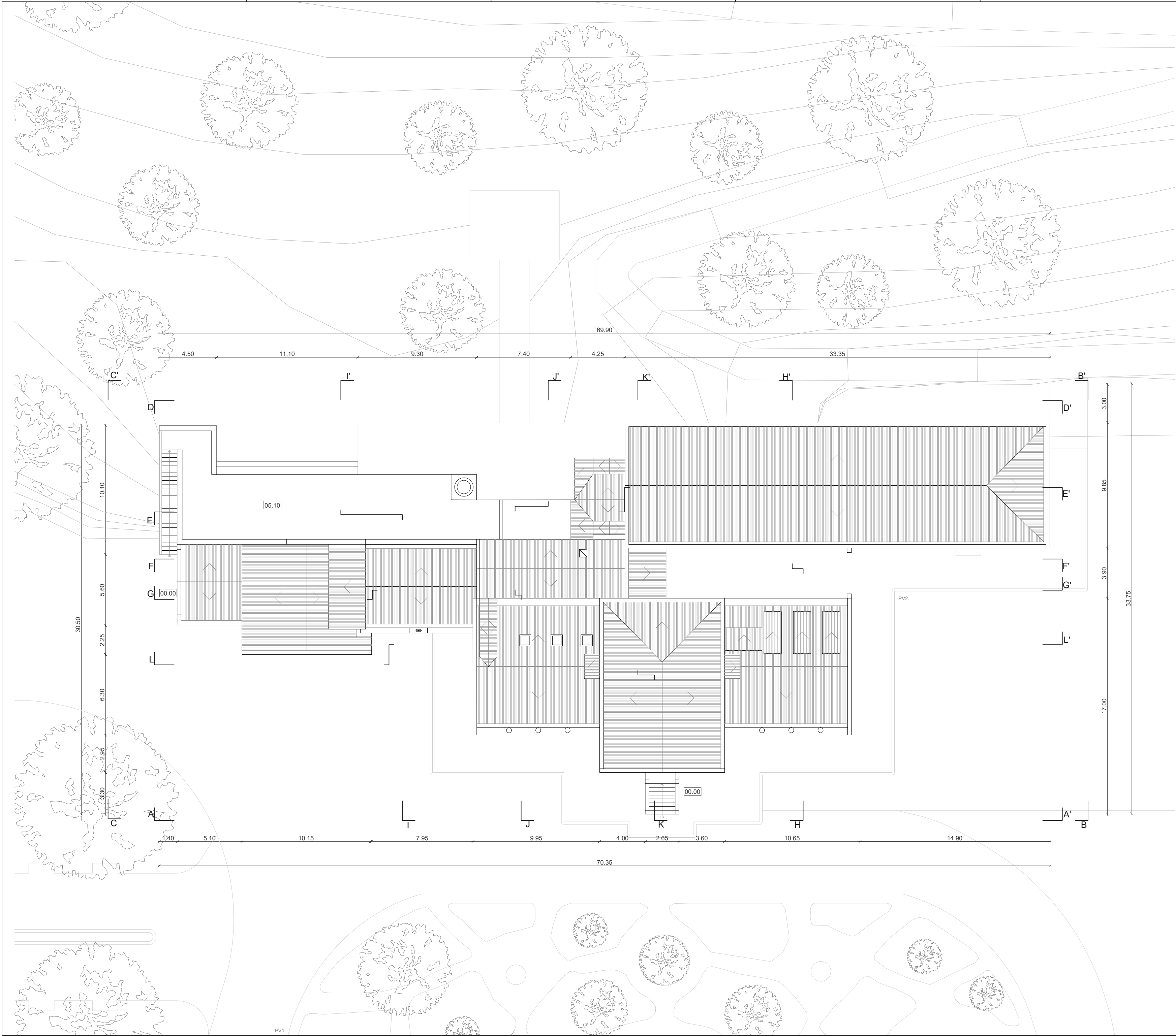
NOTAS:
- O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
- DIMENSÕES EM METROS LINEARES
- COTA DE SOLEIRA 33.00

TÍTULO

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO: LEVANTAMENTO DO PREEXISTENTE
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESC_1:500

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA.

PV1. ALCATRÃO
PV2. TERRA COMPACTADA

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:
. LEVANTAMENTO REALIZADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



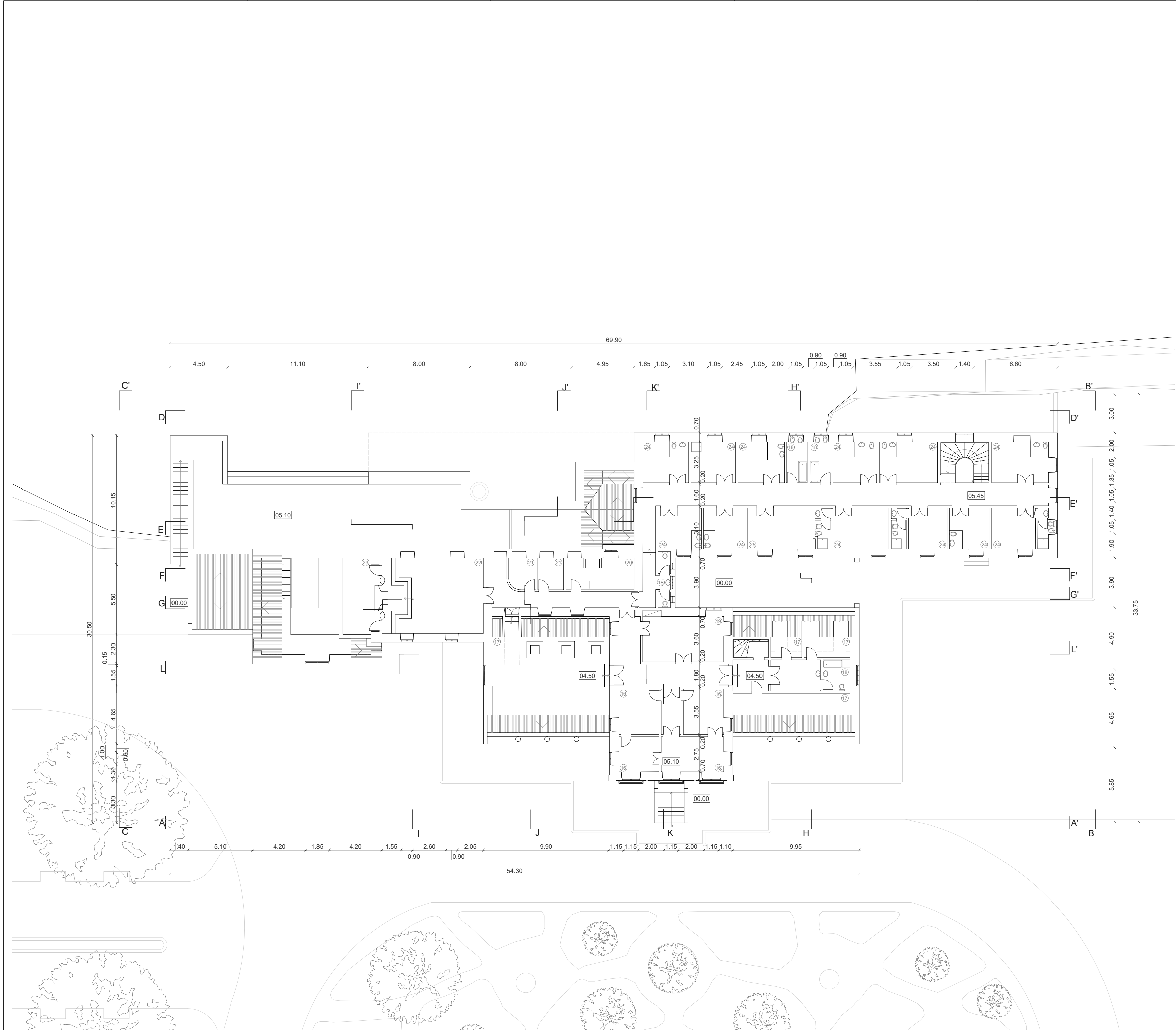
TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PLANTA DE COBERTURA
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[2]



LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

BALNEÁRIO PREEXISTENTE

1. ZONA DE RECEÇÃO
2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
3. SALA DE BANHO TERMAL
4. GABINETE MÉDICO
5. ARRUMOS
6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
7. ZONA DE BANHOS
8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
10. SALA DAS CALDEIRAS
11. ZONA TÉCNICA
12. SALA DOS BUSTOS
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
15. RECEÇÃO HOTEL
16. GABINETE ADMINISTRATIVO
17. ARRUMOS
18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
19. SALA ADMINISTRATIVA
20. COZINHA
21. QUARTO
22. CAPELA
23. SACRISTIA
24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
26. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA
27. CABINES DE TRATAMENTO COM LAMAS
28. SALA DE BANHO TERMAL
29. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚTILS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚTILS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:

. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

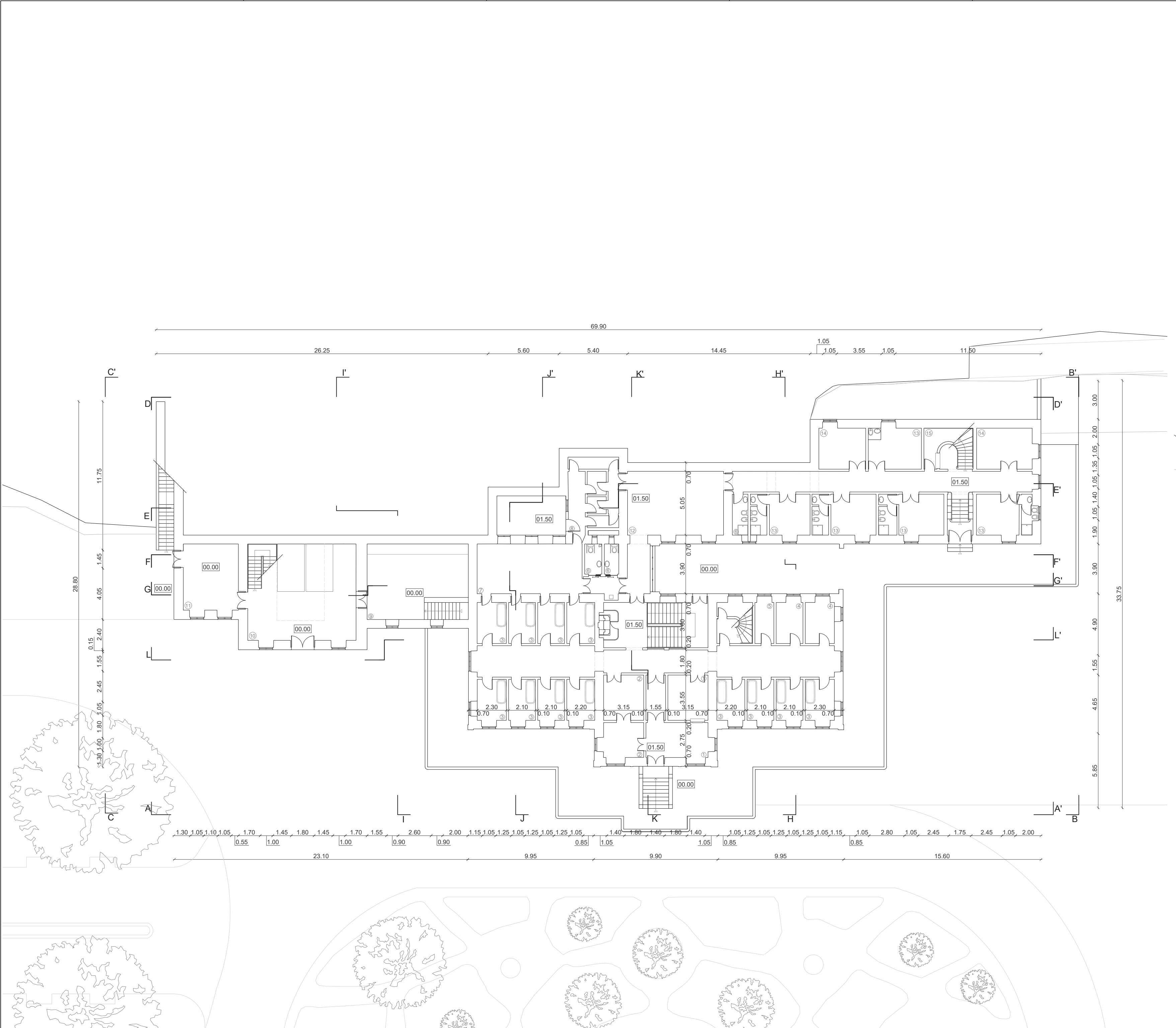
DESENHO:
LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PLANTA PISO 1

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[3]



LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

BALNEÁRIO PREEXISTENTE

1. ZONA DE RECEÇÃO
2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
3. SALA DE BANHO TERMAL
4. GABINETE MÉDICO
5. ARRUMOS
6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
7. ZONA DE BANHOS
8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
10. SALA DAS CALDEIRAS
11. ZONA TÉCNICA
12. SALA DOS BUSTOS
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
15. RECEÇÃO HOTEL
16. GABINETE ADMINISTRATIVO
17. ARRUMOS
18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
19. SALA ADMINISTRATIVA
20. COZINHA
21. QUARTO
22. CAPELA
23. SACRISTIA
24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
26. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA
27. CABINES DE TRATAMENTO COM LAMAS
28. SALA DE BANHO TERMAL
29. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚTIL I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚTIL II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:

O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

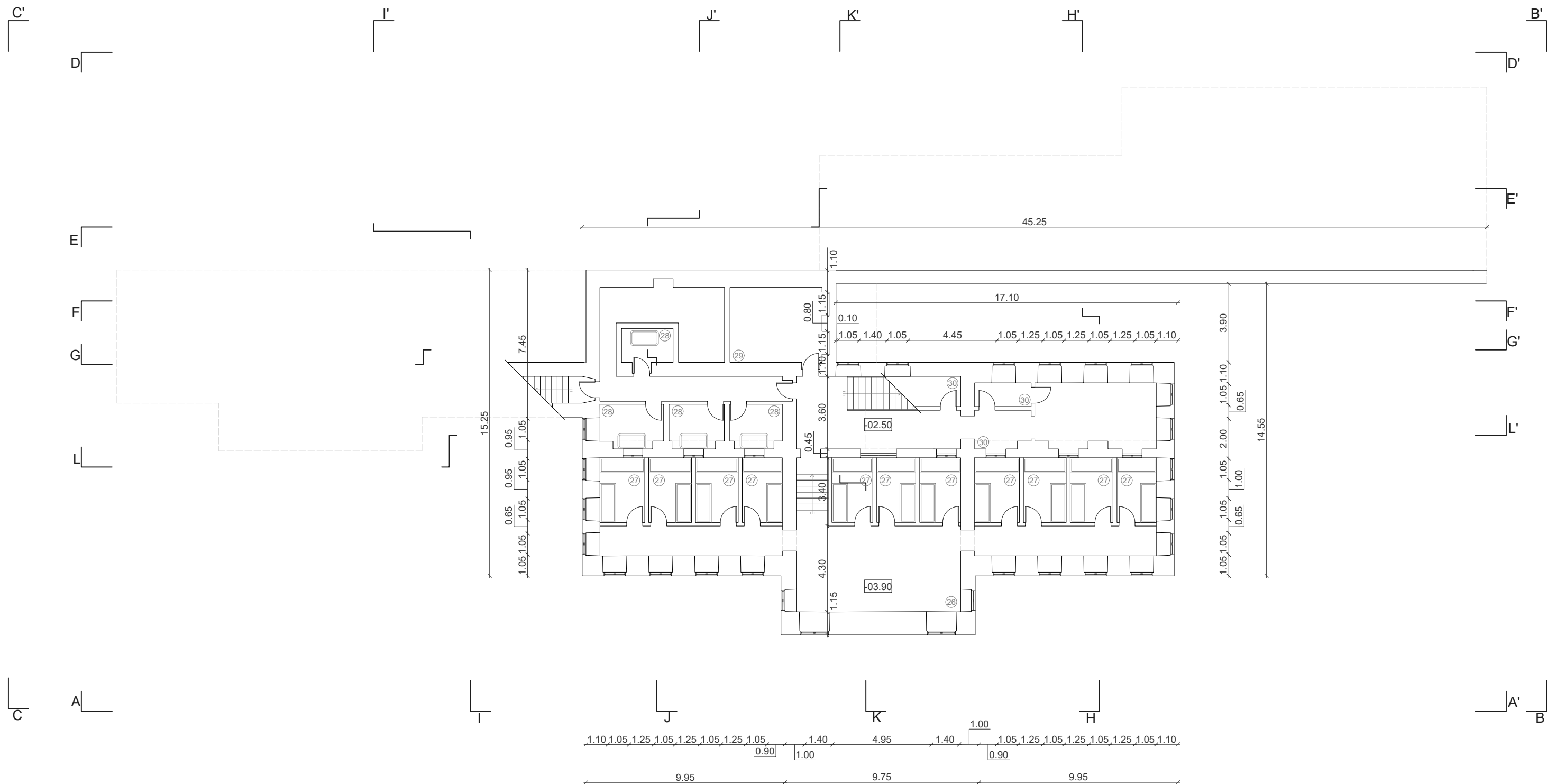
DESENHO: LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PLANTA PISO 0

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4]



LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

BALNEÁRIO PREEXISTENTE

1. ZONA DE RECEÇÃO
2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
3. SALA DE BANHO TERMAL
4. GABINETE MÉDICO
5. ARRUMOS
6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
7. ZONA DE BANHOS
8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
10. SALA DAS CALDEIRAS
11. ZONA TÉCNICA
12. SALA DOS BUSTOS
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
15. RECEÇÃO HOTEL
16. GABINETE ADMINISTRATIVO
17. ARRUMOS
18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
19. SALA ADMINISTRATIVA
20. COZINHA
21. QUARTO
22. CAPELA
23. SACRISTIA
24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
26. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA
27. CABINES DE TRATAMENTO COM LAMAS
28. SALA DE BANHO TERMAL
29. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚSOS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚSOS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:

. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.

LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PLANTA PISO - 1

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[5]



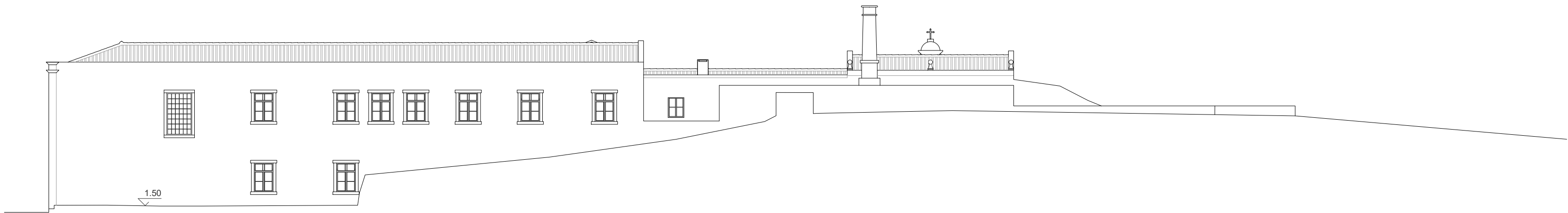
PERFIL AA'



PERFIL BB'

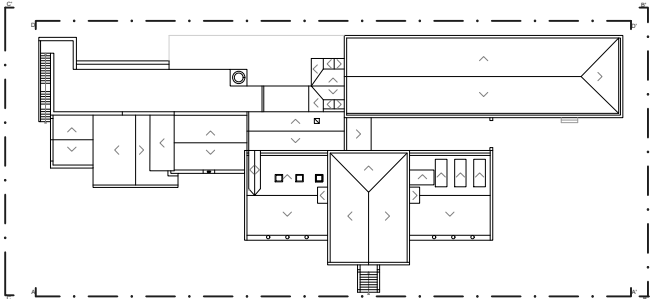


PERFIL CC'



PERFIL DD'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

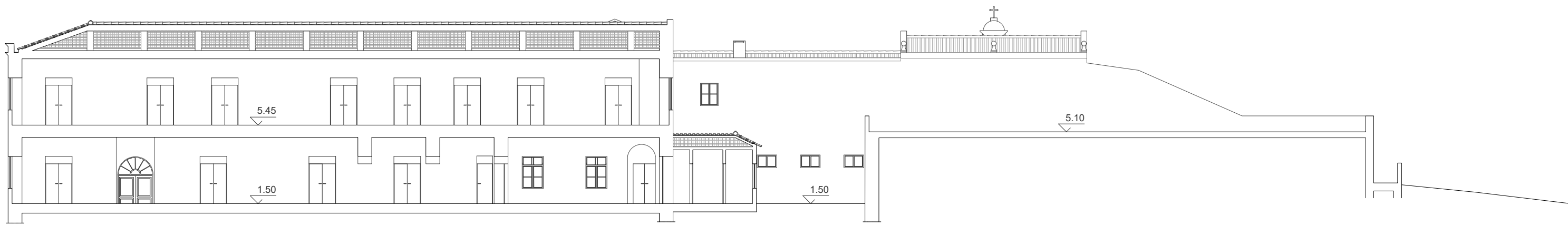
DESENHO.
LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PERFIS AA', BB', CC', DD'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[6]



PERFIL EE'

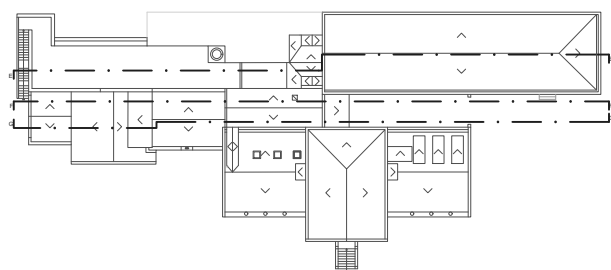


PERFIL FF'



PERFIL GG'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

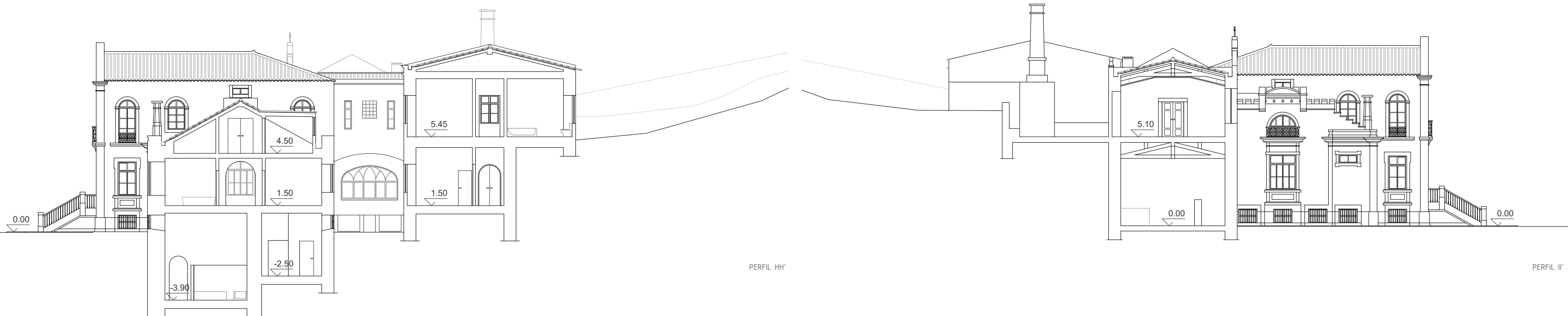
DESENHO:
LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PERFIS EE', FF', GG'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[7]



PERFIL HH'

PERFIL II'



PERFIL JJ'

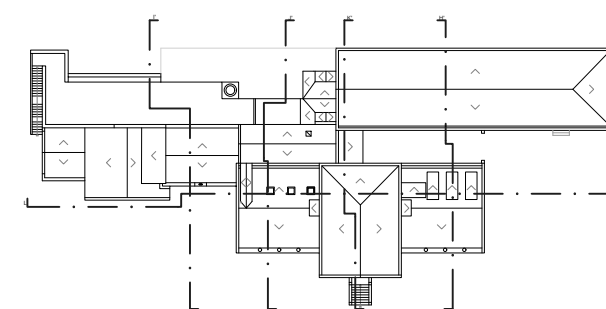


PERFIL KK'



PERFIL LL'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2116 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

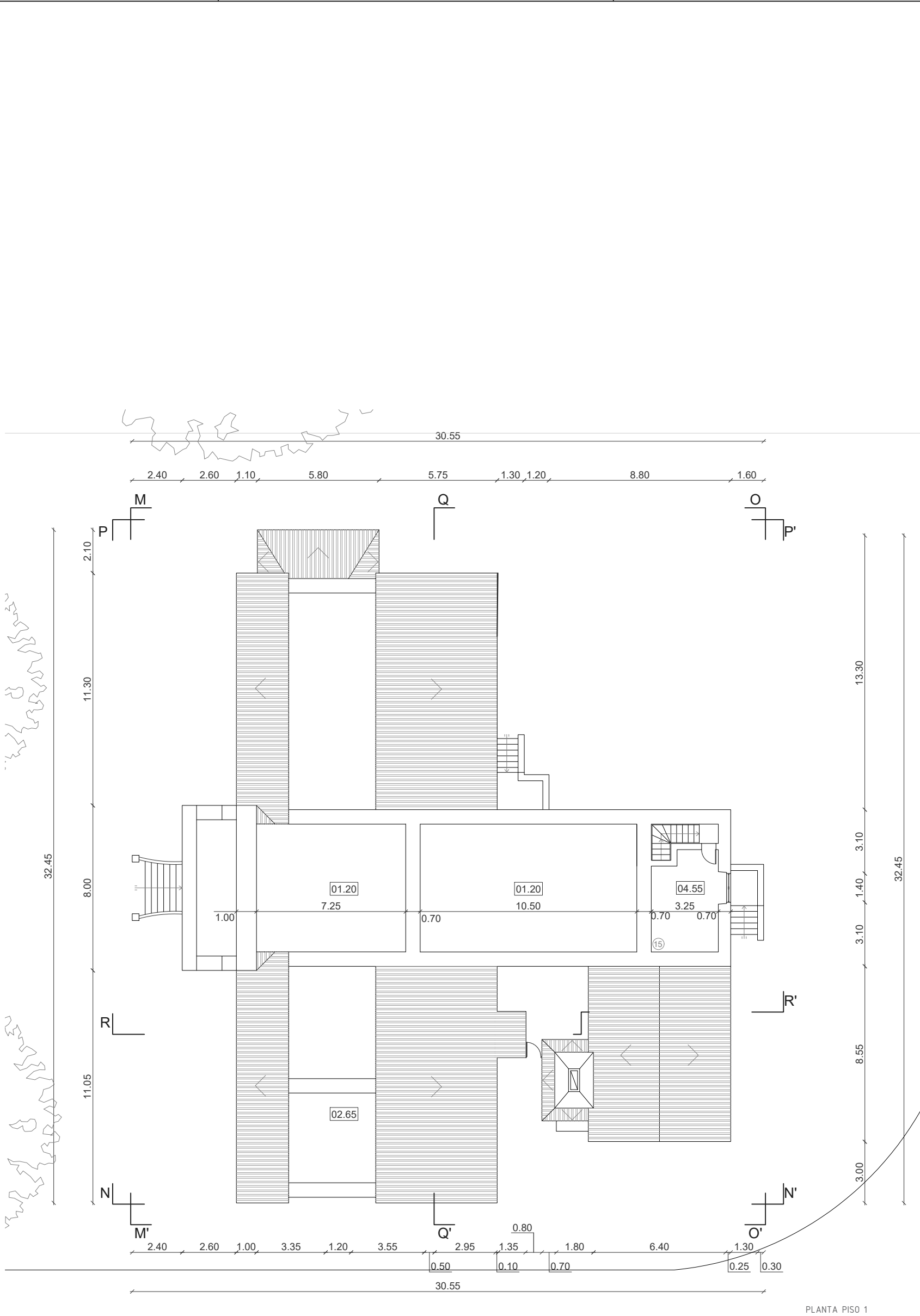
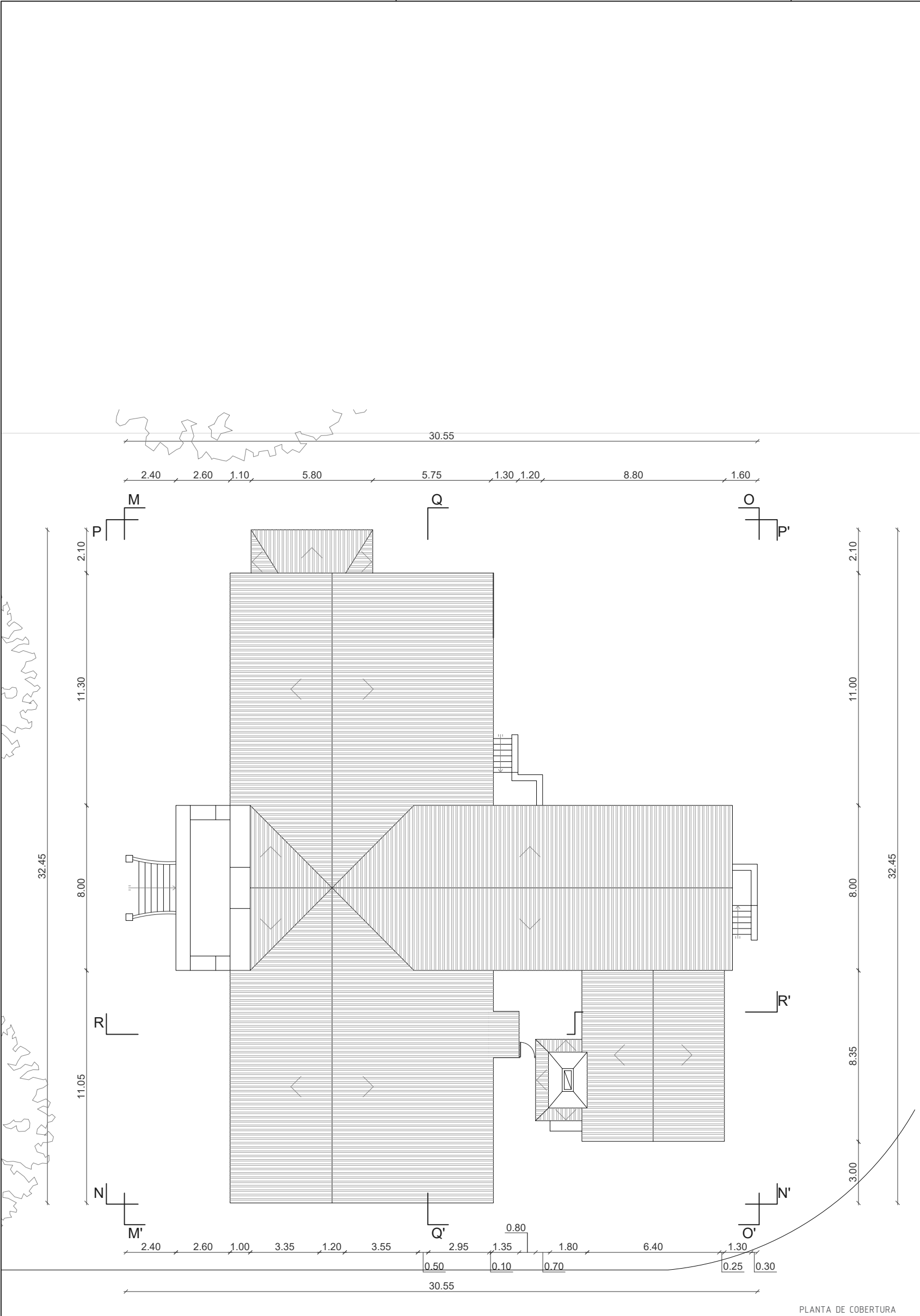
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
LEVANTAMENTO DO BALNEÁRIO PREEXISTENTE
PERFIS HH', II', JJ', KK', LL'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

- BALNEÁRIO PREEXISTENTE
1. ZONA DE RECEÇÃO
 2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
 3. SALA DE BANHO TERMAL
 4. GABINETE MÉDICO
 5. ARRUMOS
 6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7. ZONA DE BANHOS
 8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
 9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
 10. SALA DAS CALDEIRAS
 11. ZONA TÉCNICA
 12. SALA DOS BUSTOS
 13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 15. RECEÇÃO HOTEL
 16. GABINETE ADMINISTRATIVO
 17. ARRUMOS
 18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 19. SALA ADMINISTRATIVA
 20. COZINHA
 21. QUARTO
 22. CAPELA
 23. SACRISTIA
 24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 26. ZONA DE TRANSIÇÃO PARA LAMAS
 27. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
 28. SALA DE BANHO TERMAL
 29. SALA TRATAMENTO COM LAMAS
 30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚSOS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚSOS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

. SALÃO - 626,40 m²

NOTAS:

. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

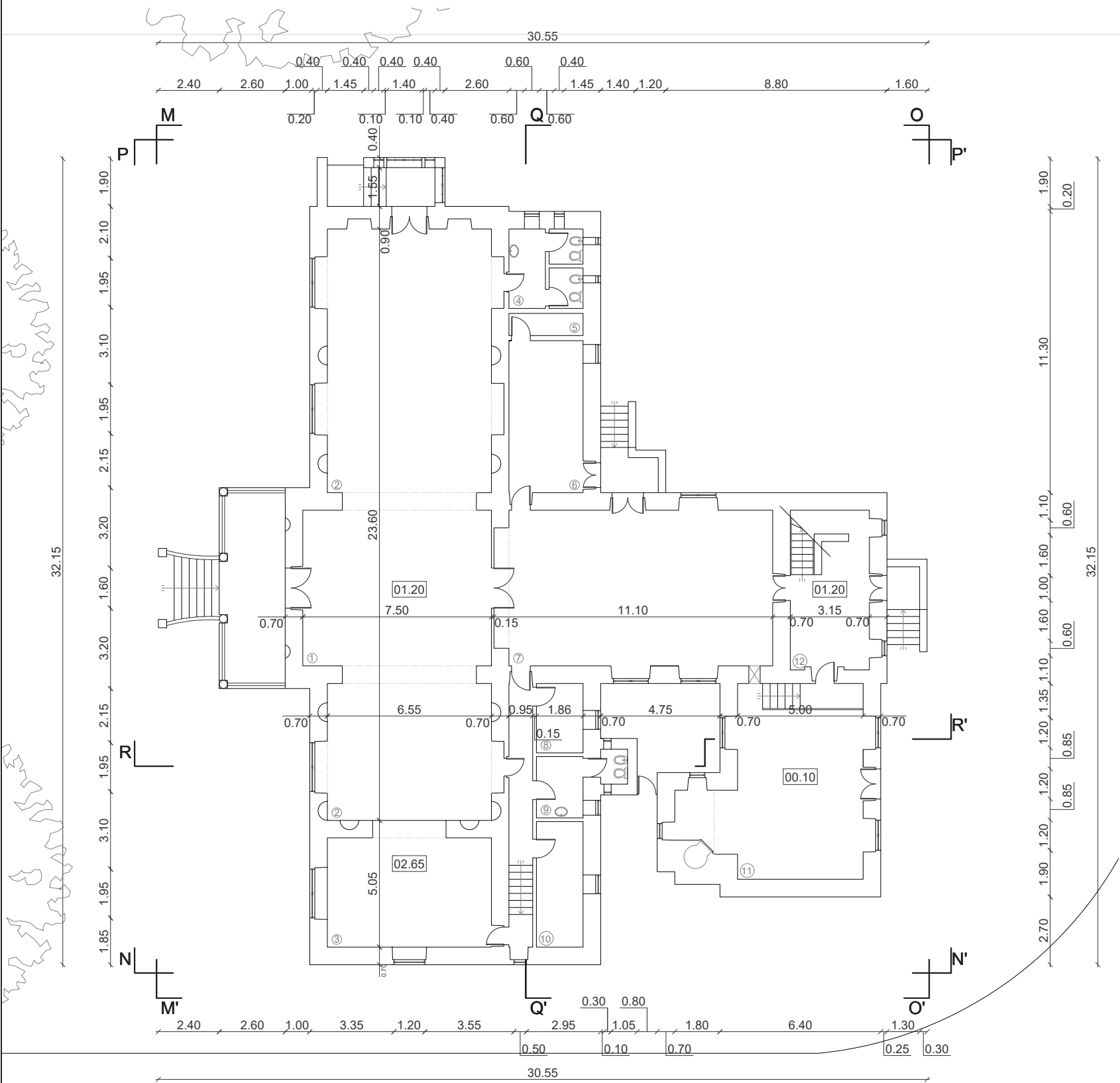
DESENHO:
LEVANTAMENTO DO SALÃO PREEXISTENTE
PLANTA DE COBERTURA E PLANTA PISO 1

ESC_1:200

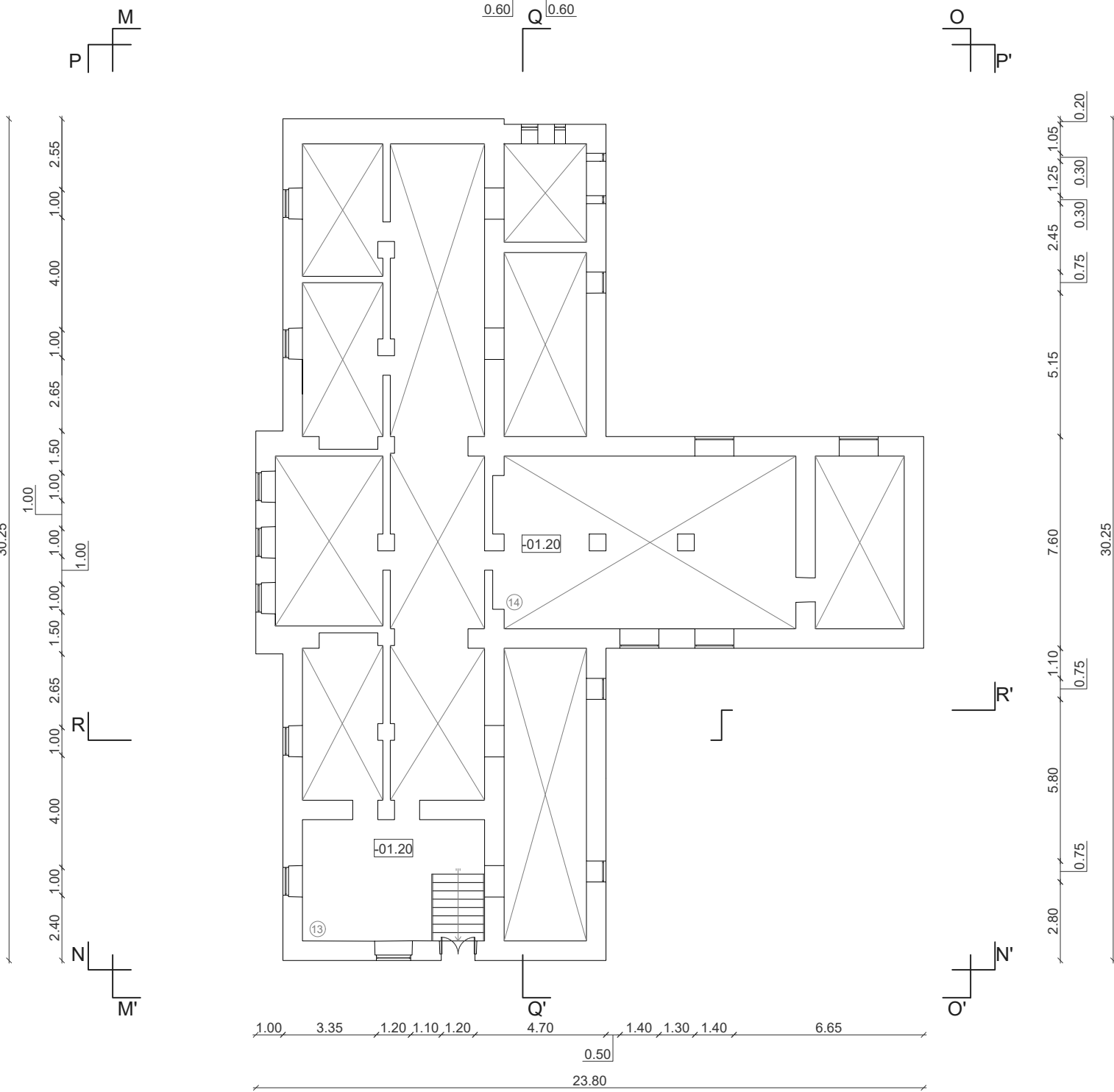
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[9]



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO -1

LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

- BALNEÁRIO PREEXISTENTE
1. ZONA DE RECEÇÃO
 2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
 3. SALA DE BANHO TERMAL
 4. GABINETE MÉDICO
 5. ARRUMOS
 6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7. ZONA DE BANHOS
 8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
 9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
 10. SALA DAS CALDEIRAS
 11. ZONA TÉCNICA
 12. SALA DOS BUSTOS
 13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 15. RECEÇÃO HOTEL
 16. GABINETE ADMINISTRATIVO
 17. ARRUMOS
 18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 19. SALA ADMINISTRATIVA
 20. COZINHA
 21. QUARTO
 22. CAPELA
 23. SACRISTIA
 24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 26. ZONA DE TRANSIÇÃO PARA LAMAS
 27. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
 28. SALA DE BANHO TERMAL
 29. SALA TRATAMENTO COM LAMAS
 30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚSOS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚSOS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

. SALÃO - 626,40 m²

NOTAS:

O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO: LEVANTAMENTO DO SALÃO PREEXISTENTE
PLANTA PISO 0 E PLANTA PISO -1

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[10]



PERFIL MM'



PERFIL PP'



PERFIL NN'



PERFIL QQ'

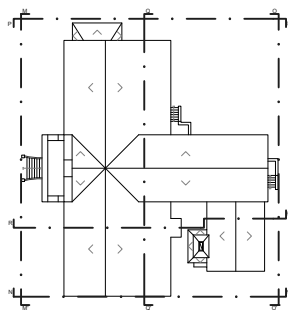


PERFIL OO'



PERFIL RR'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. SALÃO - 626,40 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

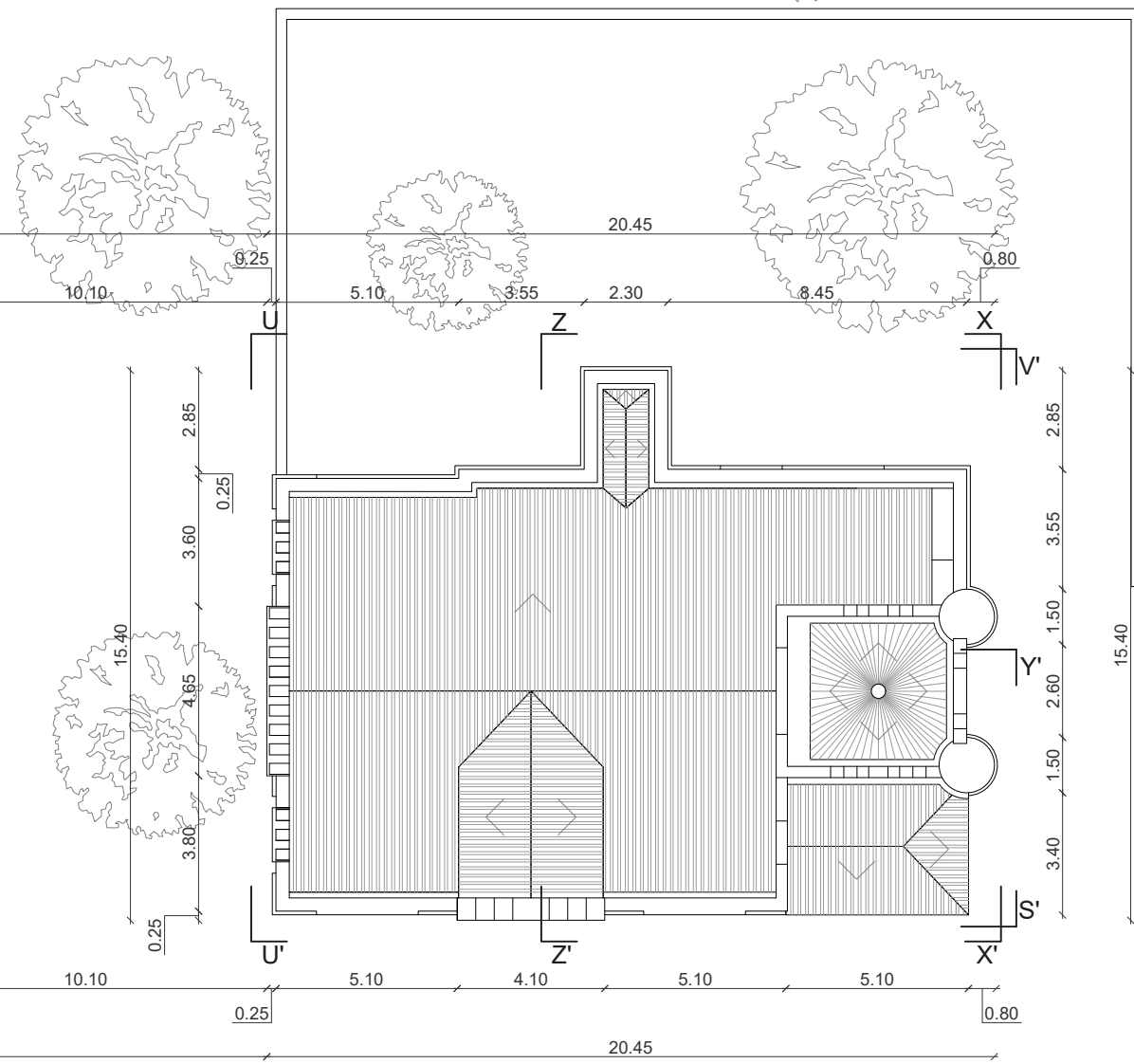
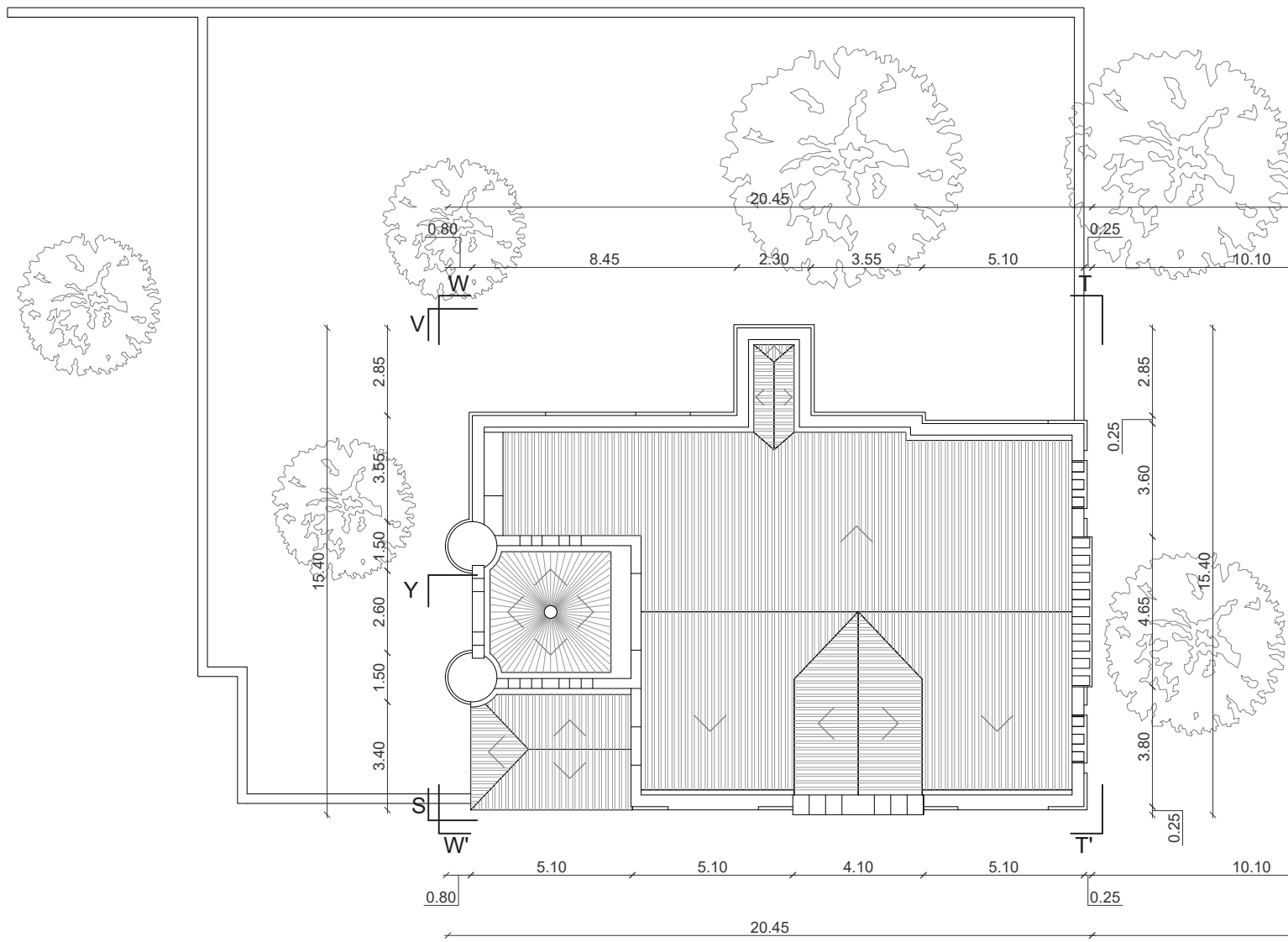
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
LEVANTAMENTO DO SALÃO PREEXISTENTE
PERFIS MM', NN', OO', PP', QQ', RR'
ESC. 1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



PLANTA DE COBERTURA

LEGENDA.

COMPARTIMENTOS

BALNEÁRIO PREEXISTENTE

1. ZONA DE RECEÇÃO
2. GABINETES ADMINISTRATIVOS
3. SALA DE BANHO TERMAL
4. GABINETE MÉDICO
5. ARRUMOS
6. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
7. ZONA DE BANHOS
8. ÁREA DE FUNCIONÁRIOS
9. ZONA TÉCNICA DE ÁGUAS
10. SALA DAS CALDEIRAS
11. ZONA TÉCNICA
12. SALA DOS BUSTOS
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
14. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
15. RECEÇÃO HOTEL
16. GABINETE ADMINISTRATIVO
17. ARRUMOS
18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA
19. SALA ADMINISTRATIVA
20. COZINHA
21. QUARTO
22. CAPELA
23. SACRISTIA
24. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
25. QUARTO SEM INSTALAÇÃO SANITÁRIA
26. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA
27. CABINES DE TRATAMENTO COM LAMAS
28. SALA DE BANHO TERMAL
29. SALA DE TRATAMENTO DAS LAMAS
30. ARRUMOS/ÁREA TÉCNICA

SALÃO

1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚSOS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚSOS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

BUVETTE E ANEXOS PREEXISTENTES

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO INTERIOR DOS COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:

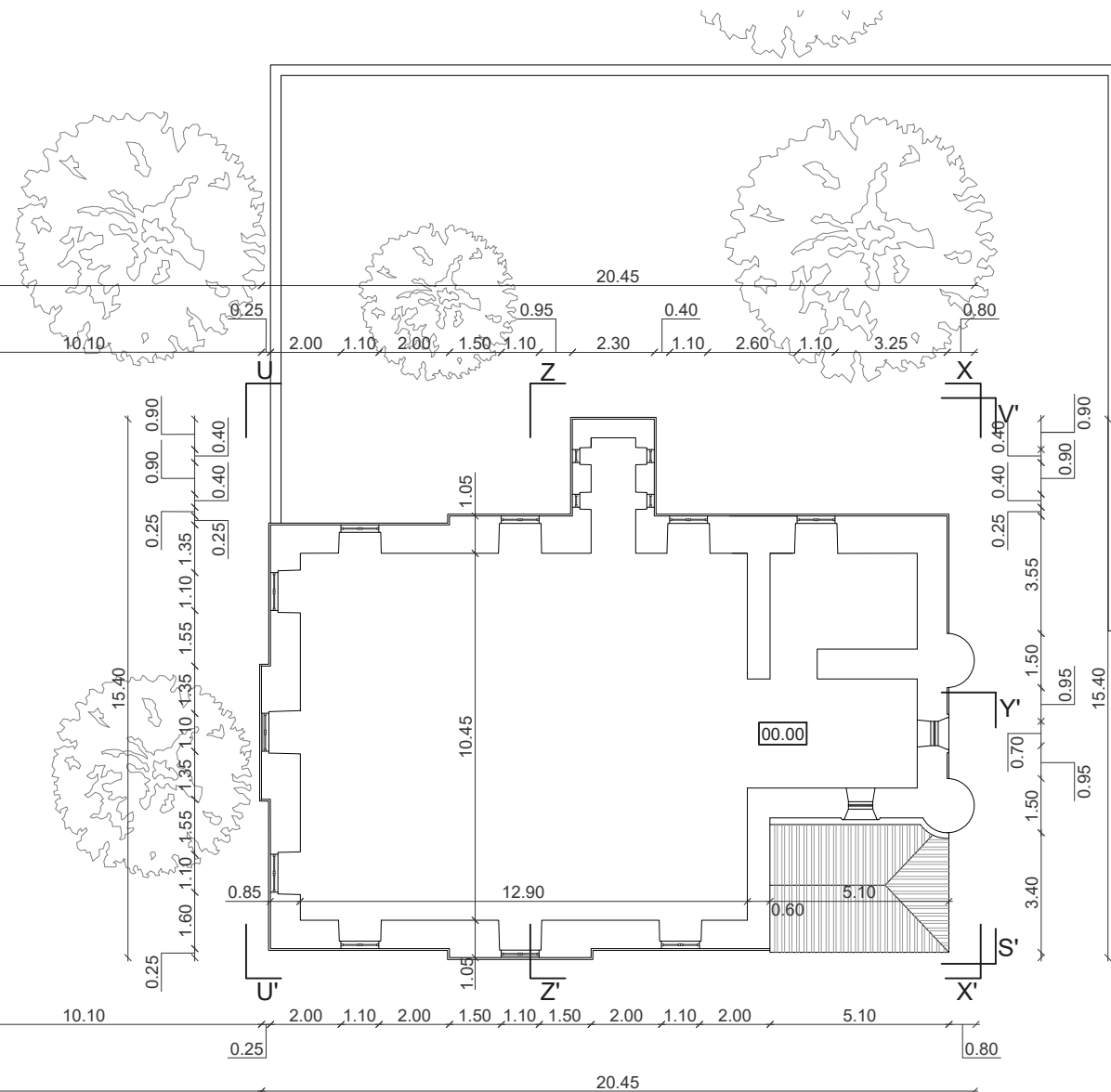
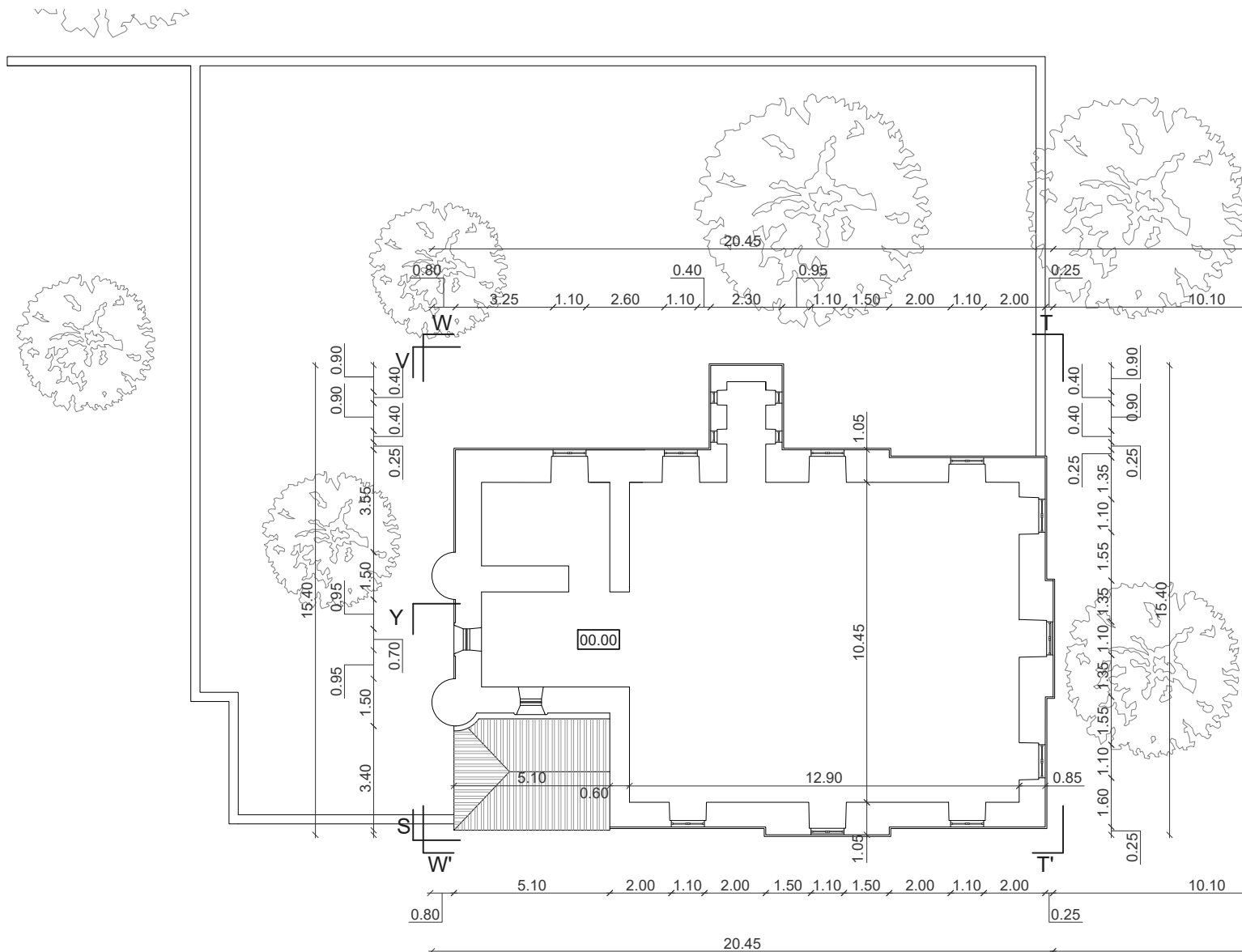
- . VIVENDA D.MARIA - 715 m²
- . VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:

. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



PLANTA PISO 2

TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO

LEVANTAMENTO DAS VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA
PLANTAS DE COBERTURA E PISO 2

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[12]



1. SALA DE RECEÇÃO
2. SALA MULTIÚTILS I
3. PALCO
4. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
5. ARRUMOS
6. SALA DE APOIO
7. SALA MULTIÚTILS II
8. CAMARIM
9. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (PALCO)
10. ÁREA DE APOIO (PALCO)
11. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS
12. ZONA DE TRANSIÇÃO
13. ARRUMOS (PALCO)
14. ZONA DE DESVÃO
15. ARRUMOS

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O LEVANTAMENTO DOS COMPARTIMENTOS DAS VIVENDAS, DEVIDO AO ELEVADO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS.

1. BUVETTE

OBS: NÃO FOI POSSÍVEL EFETUAR O
LEVANTAMENTO INTERIOR DOS
COMPARTIMENTOS DOS ANEXOS.

ÁREA TOTAL:
 . VIVENDA D.MARIA - 715 m²
 . VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



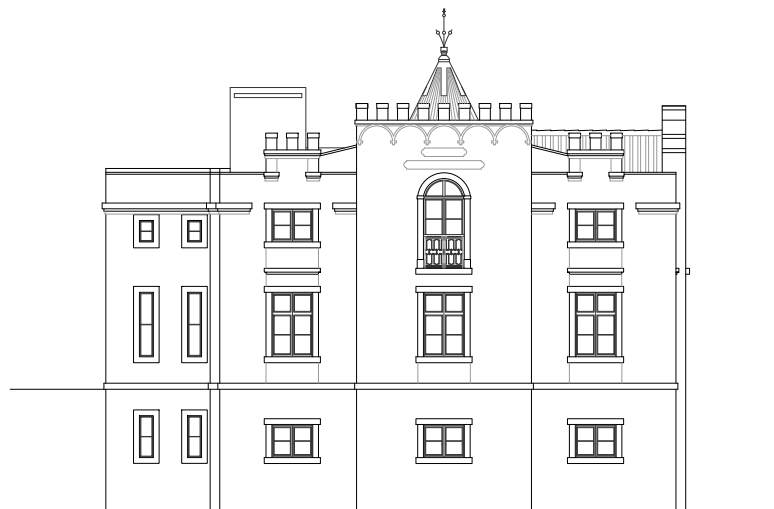
FOLHA.



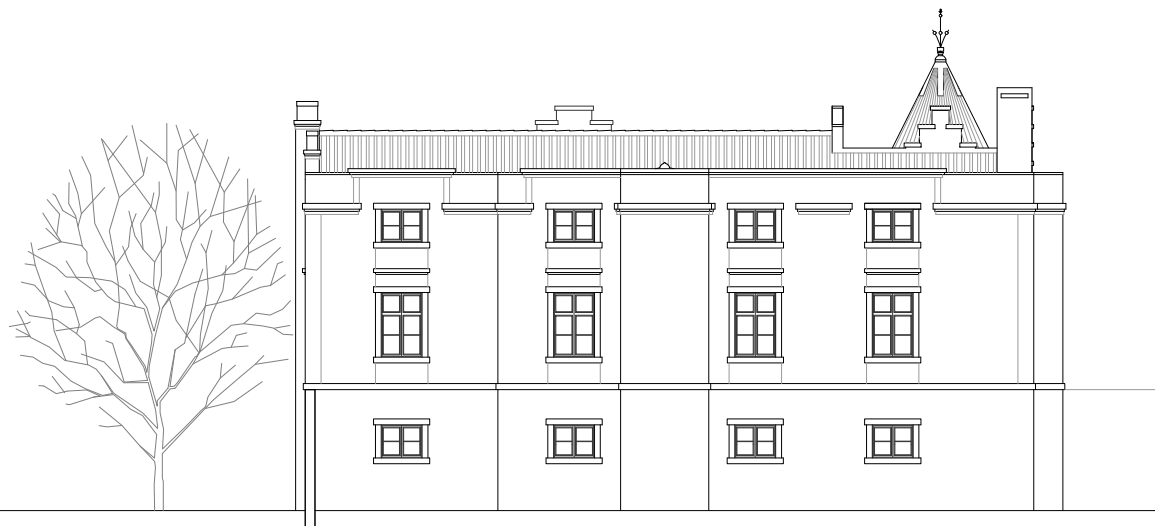
PERFIL SS'



PERFIL TT'

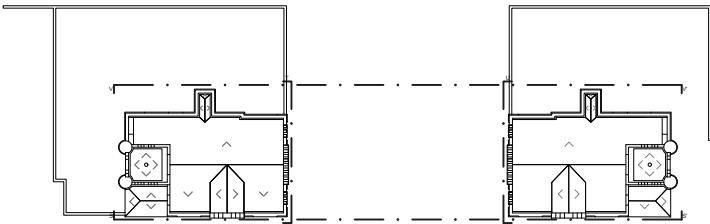


PERFIL UU'



PERFIL VV'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
LEVANTAMENTO DAS VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA
PERFIS SS', TT', UU', VV'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[14]



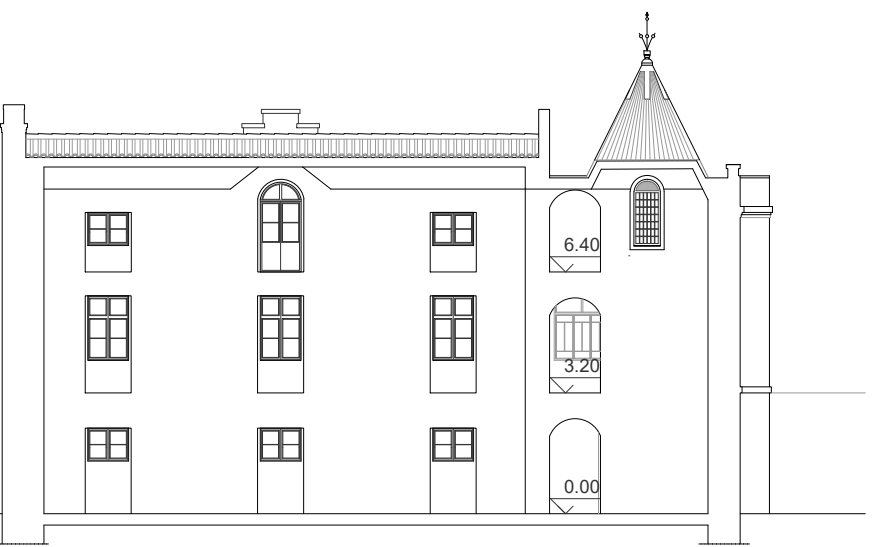
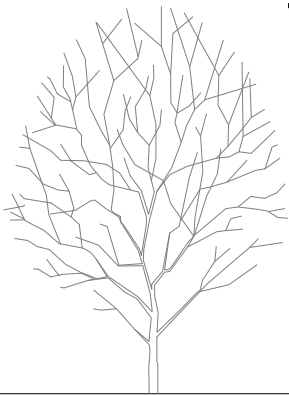
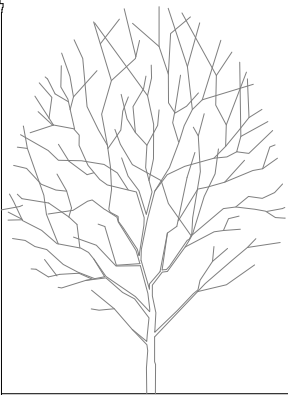
PERFIL WW'



PERFIL XX'

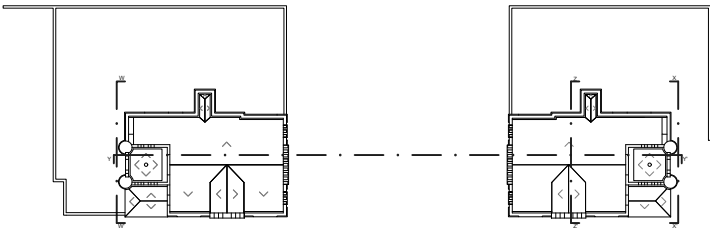


PERFIL YY'



PERFIL ZZ'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

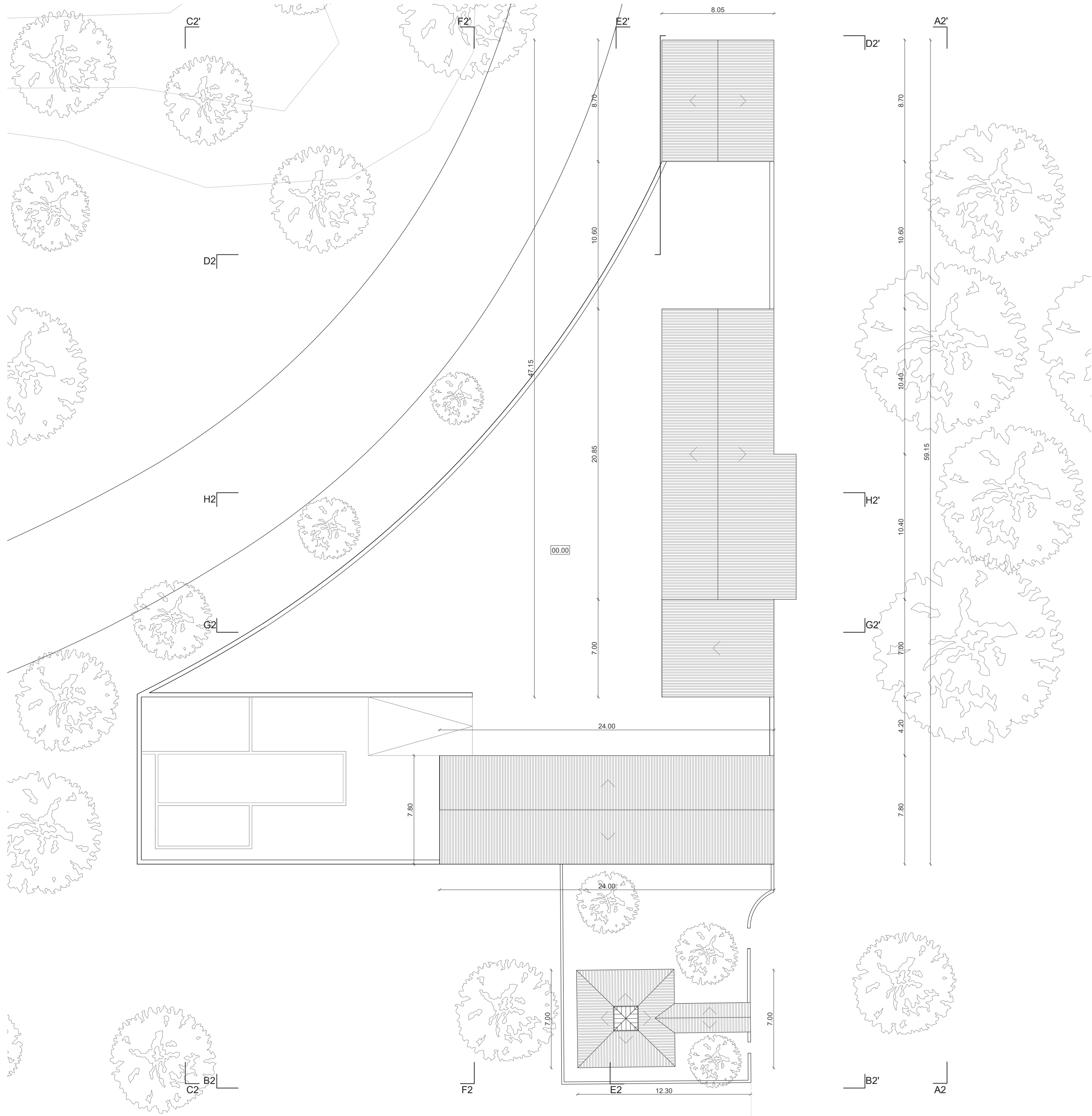
DESENHO. LEVANTAMENTO DAS VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA
PERFIS WW', XX', YY', ZZ'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[15]



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60,45 m²
. ANEXOS - 1500 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
LEVANTAMENTO DA BUVETTE E DOS ANEXOS PREEXISTENTES
PLANTA DE COBERTURA
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

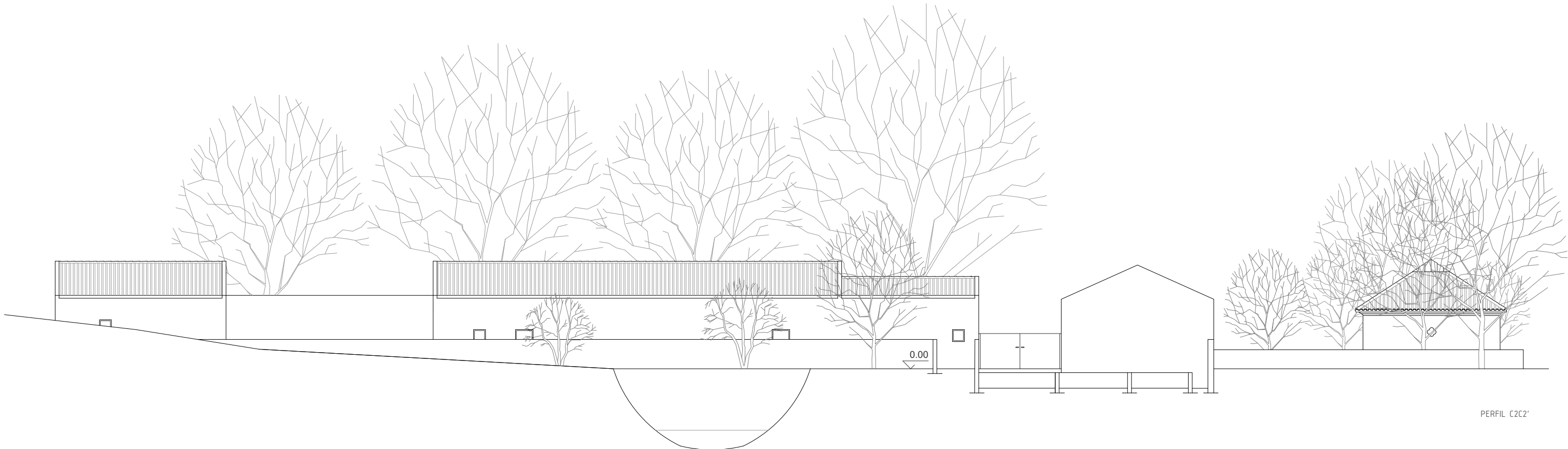
[16]



PERFIL A2A2'

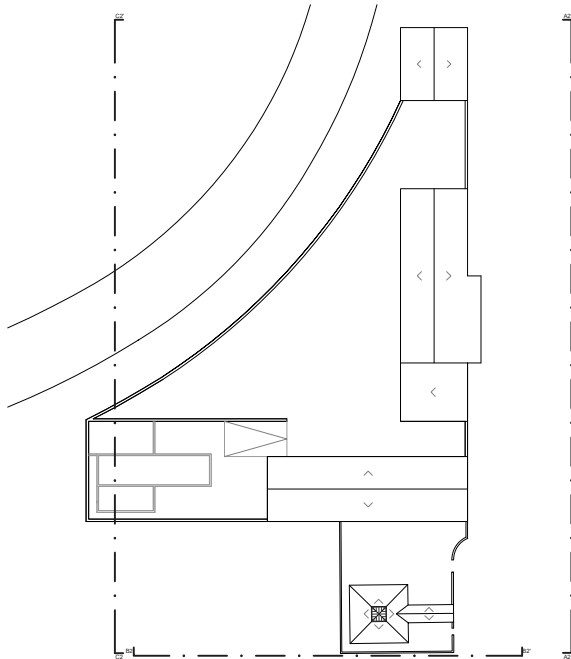


PERFIL B2B2'



PERFIL C2C2'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60,45 m²
. ANEXOS - 1500 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

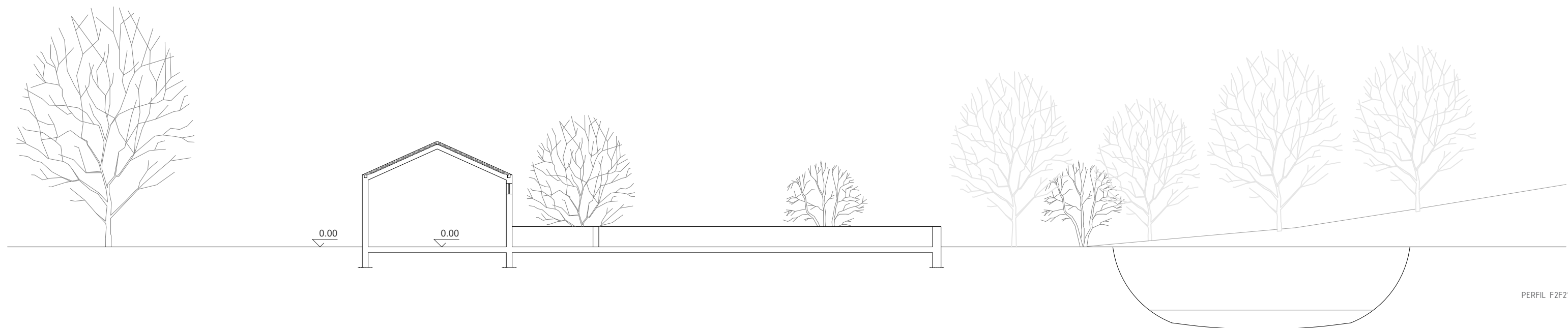
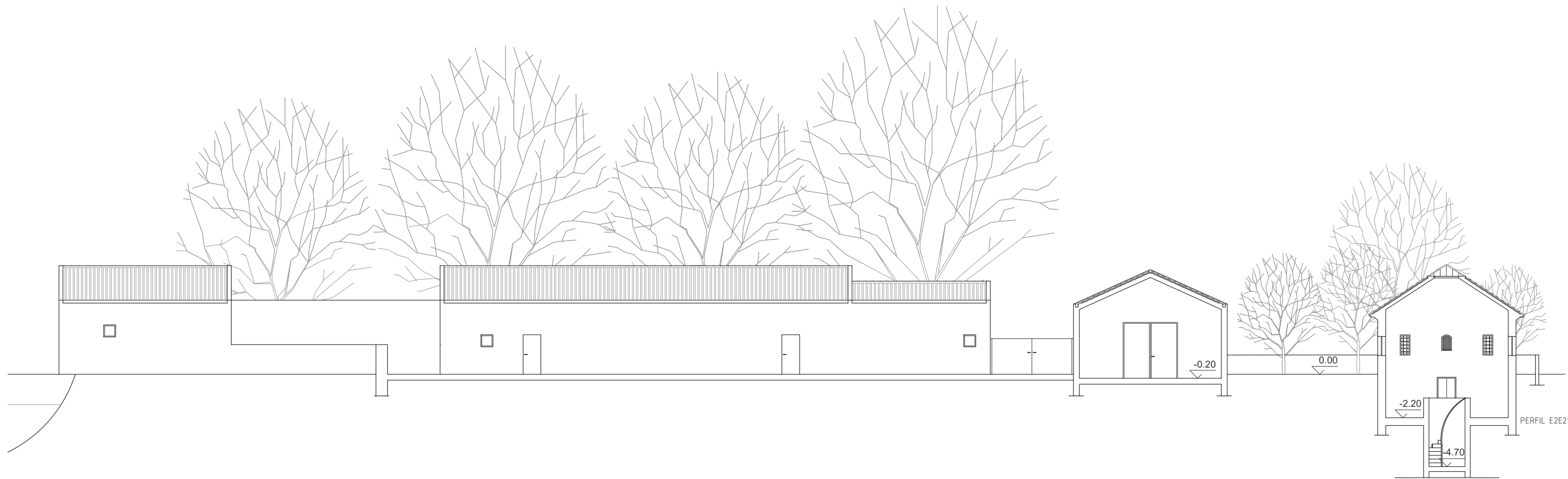
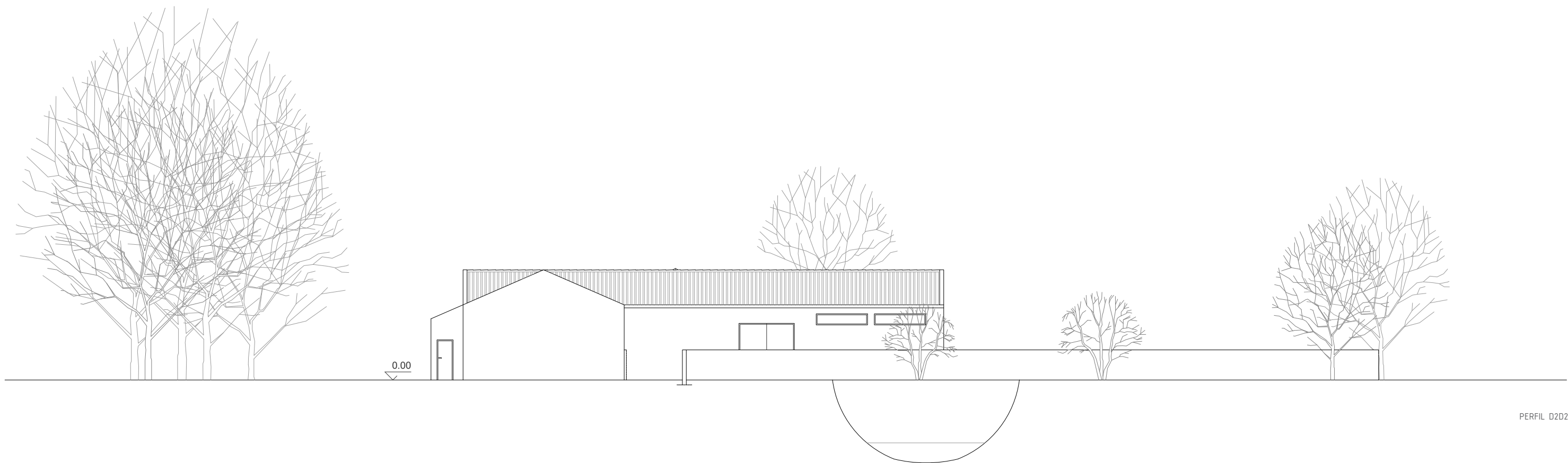
DESENHO.
LEVANTAMENTO DA BUVETTE E DOS ANEXOS PREEXISTENTES
PERFIS A2A2', B2B2', C2C2'

ESC_1:200

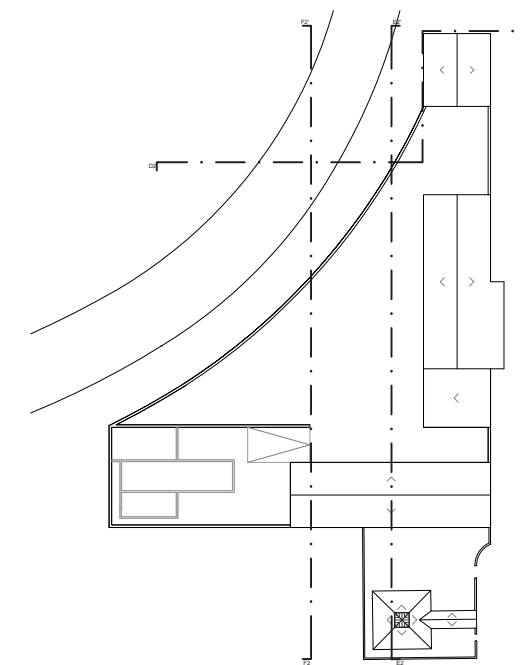
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[18]



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60,45 m²
. ANEXOS - 1500 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.

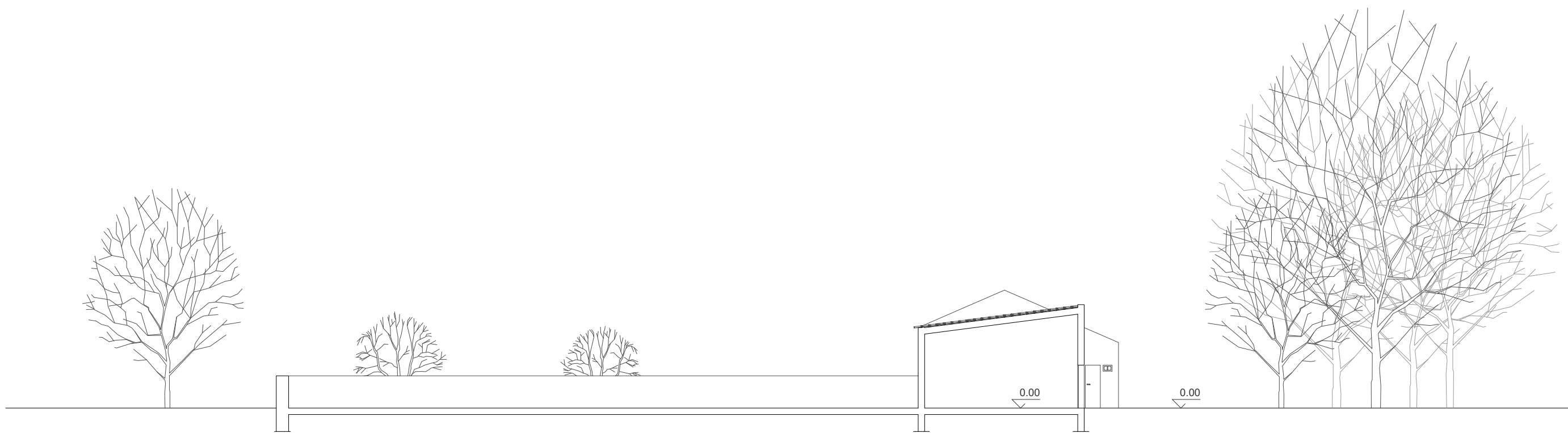
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO, LEVANTAMENTO DA BUVETTE E DOS ANEXOS PREEXISTENTES
PERFIS D2D2', E2E2', F2F2'
ESC_1:200

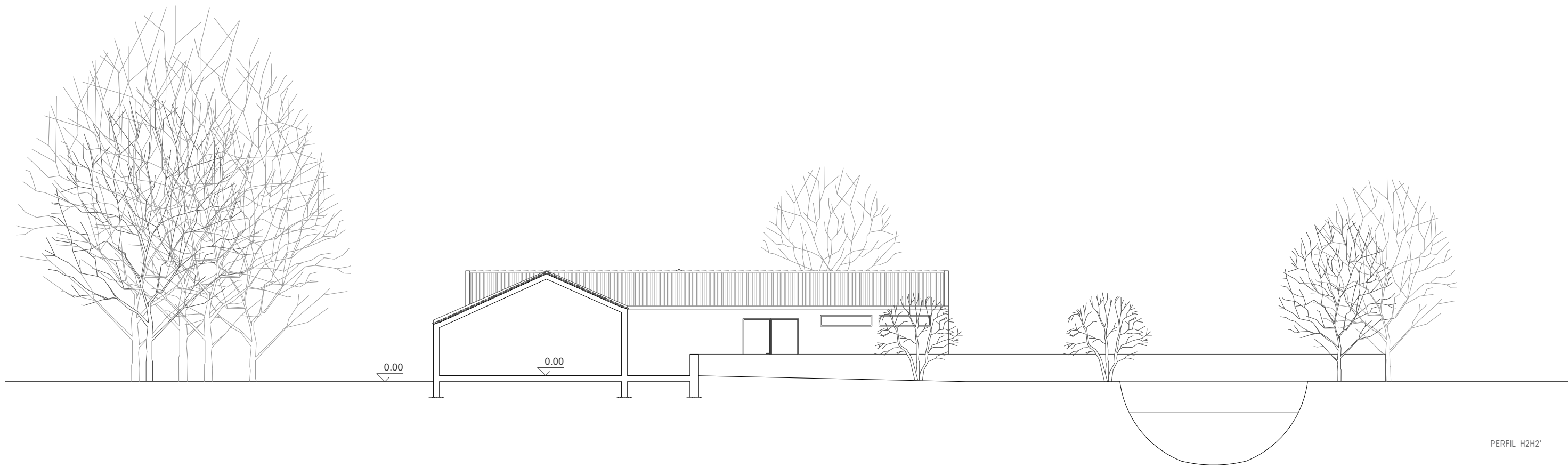
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[19]

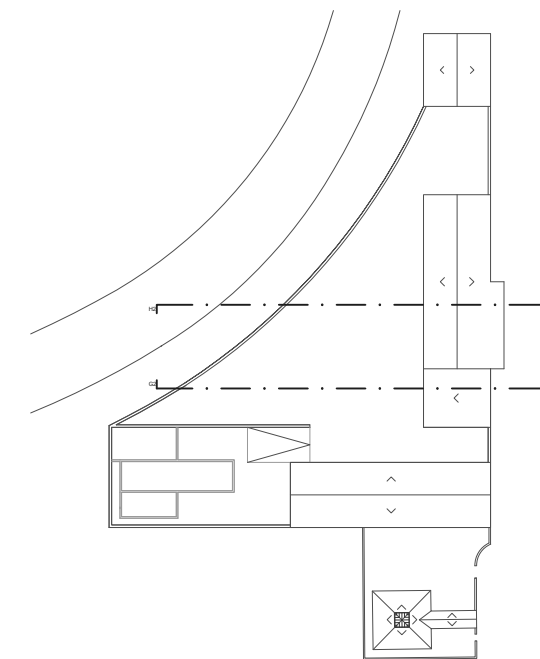


PERFIL G2G2'



PERFIL H2H2'

IDENTIFICAÇÃO DOS cortes.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60,45 m²
. ANEXOS - 1500 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO, LEVANTAMENTO DA BUVETTE E DOS ANEXOS PREEXISTENTES

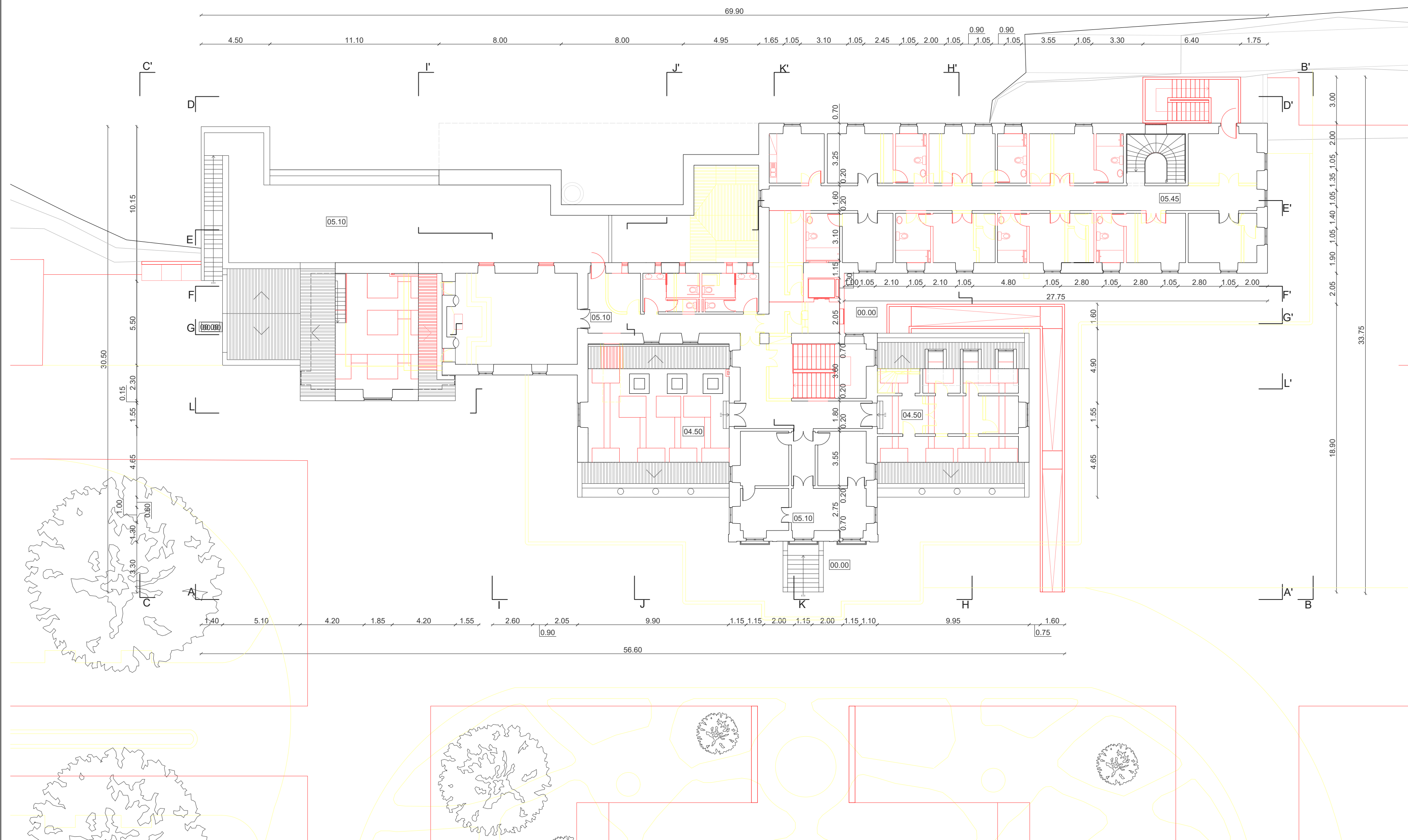
PERFIS G2G2', H2H2'
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[20]





LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
. ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

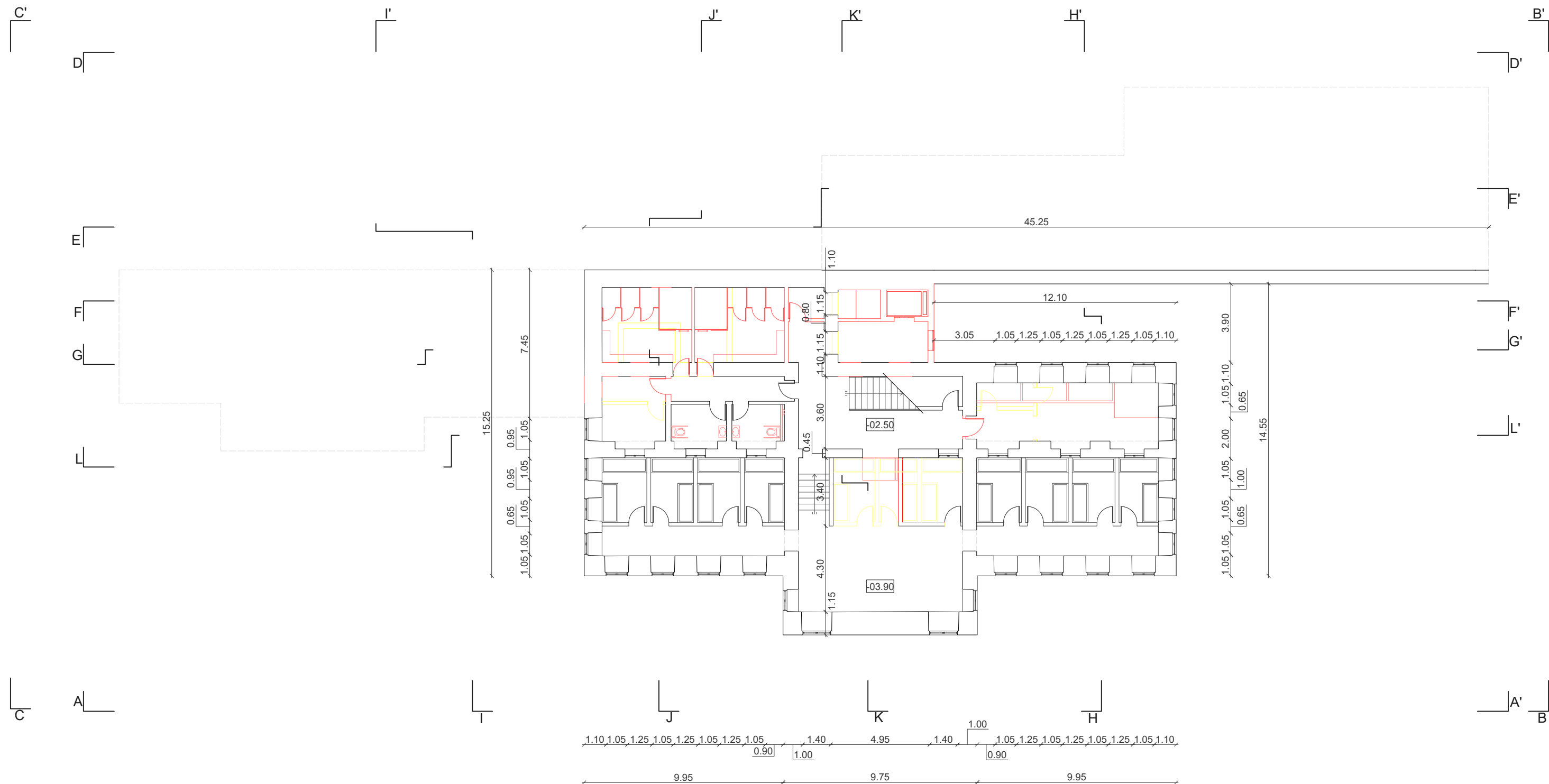
DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA PISO 1 (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[23]



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA PISO -1 (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



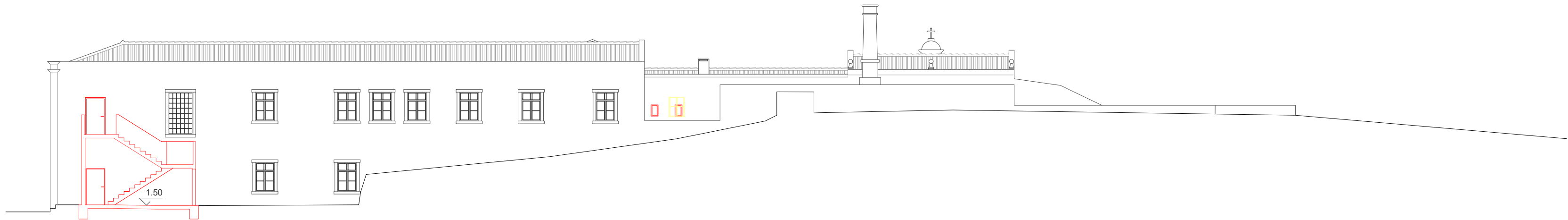
PERFIL AA'



PERFIL BB'

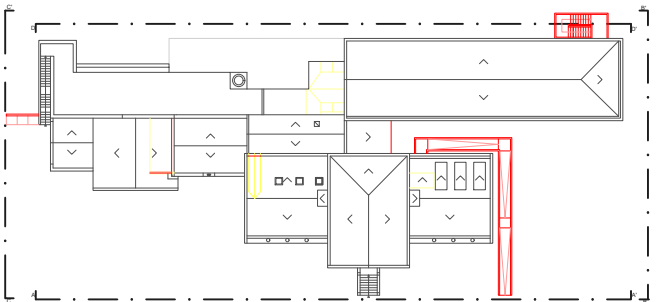


PERFIL CC'



PERFIL DD'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

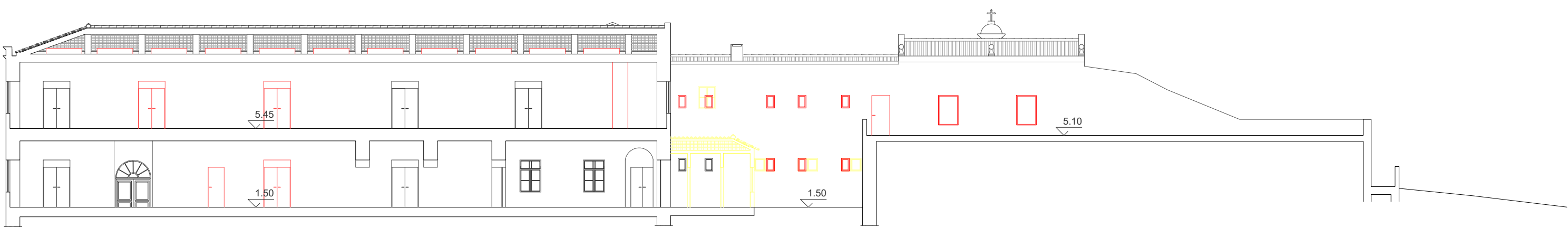
- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

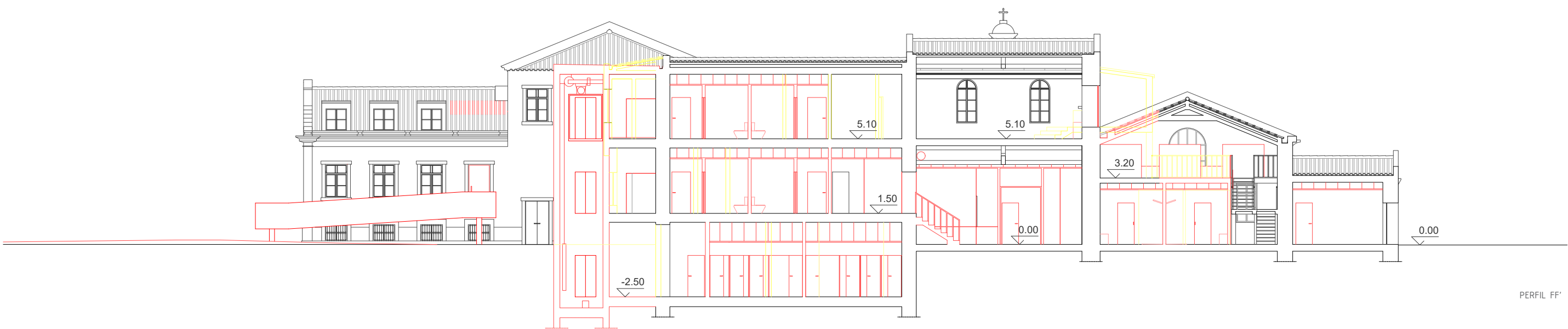
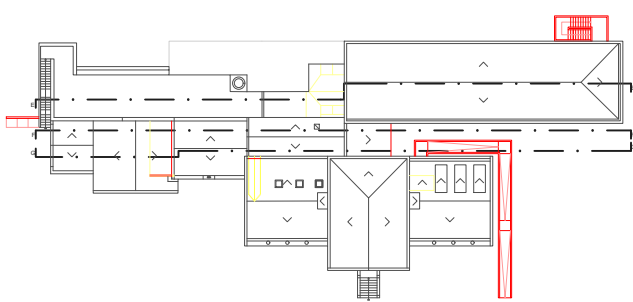
TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS AA', BB', CC', DD' (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



PERFIL EE'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



PERFIL FF'



PERFIL GG'

LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS EE', FF', GG' (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

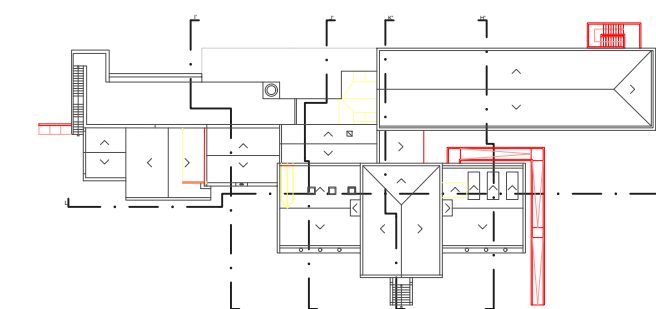


PERFIL II'

PERFIL KK'

PERFIL LL'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

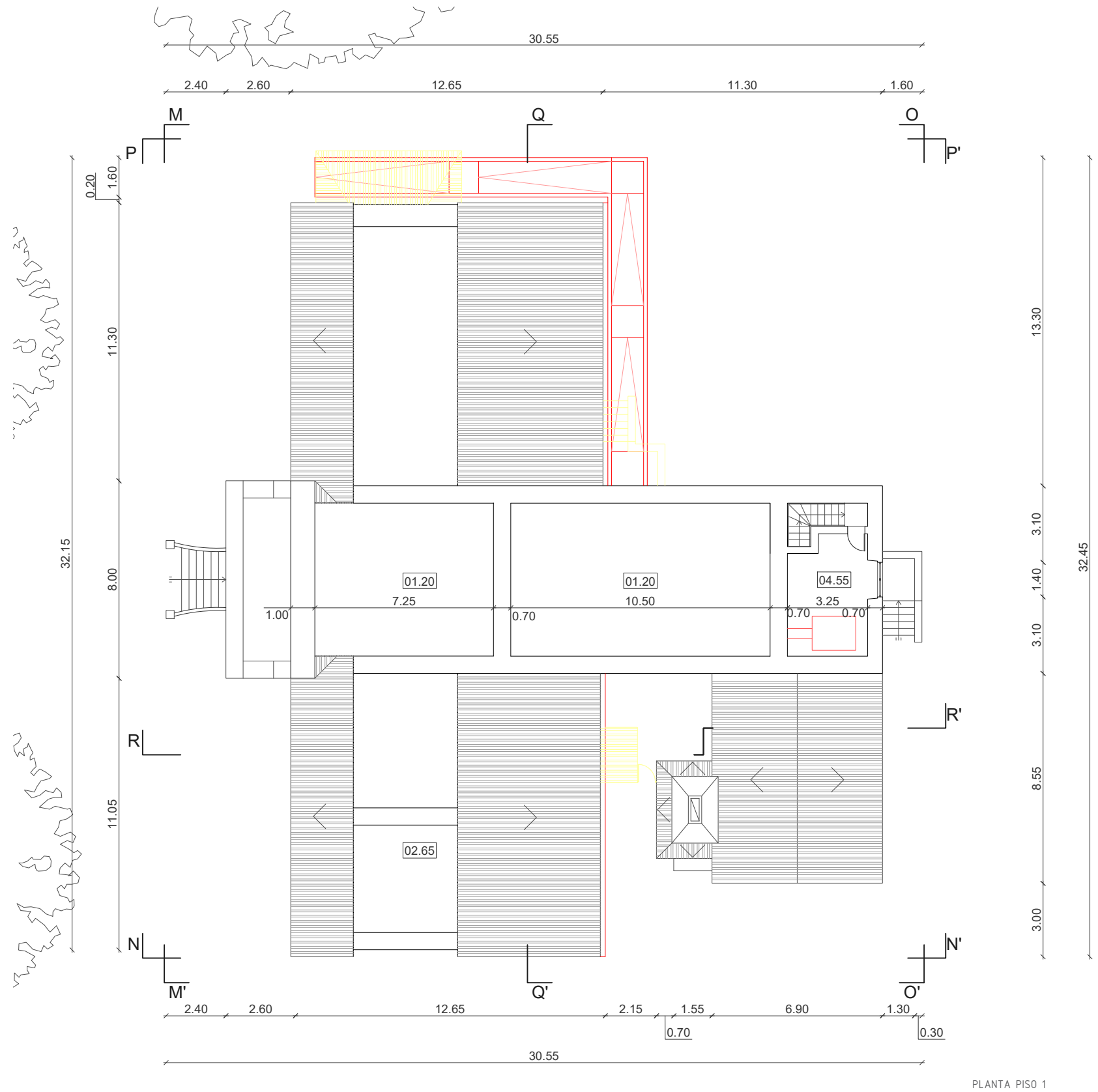
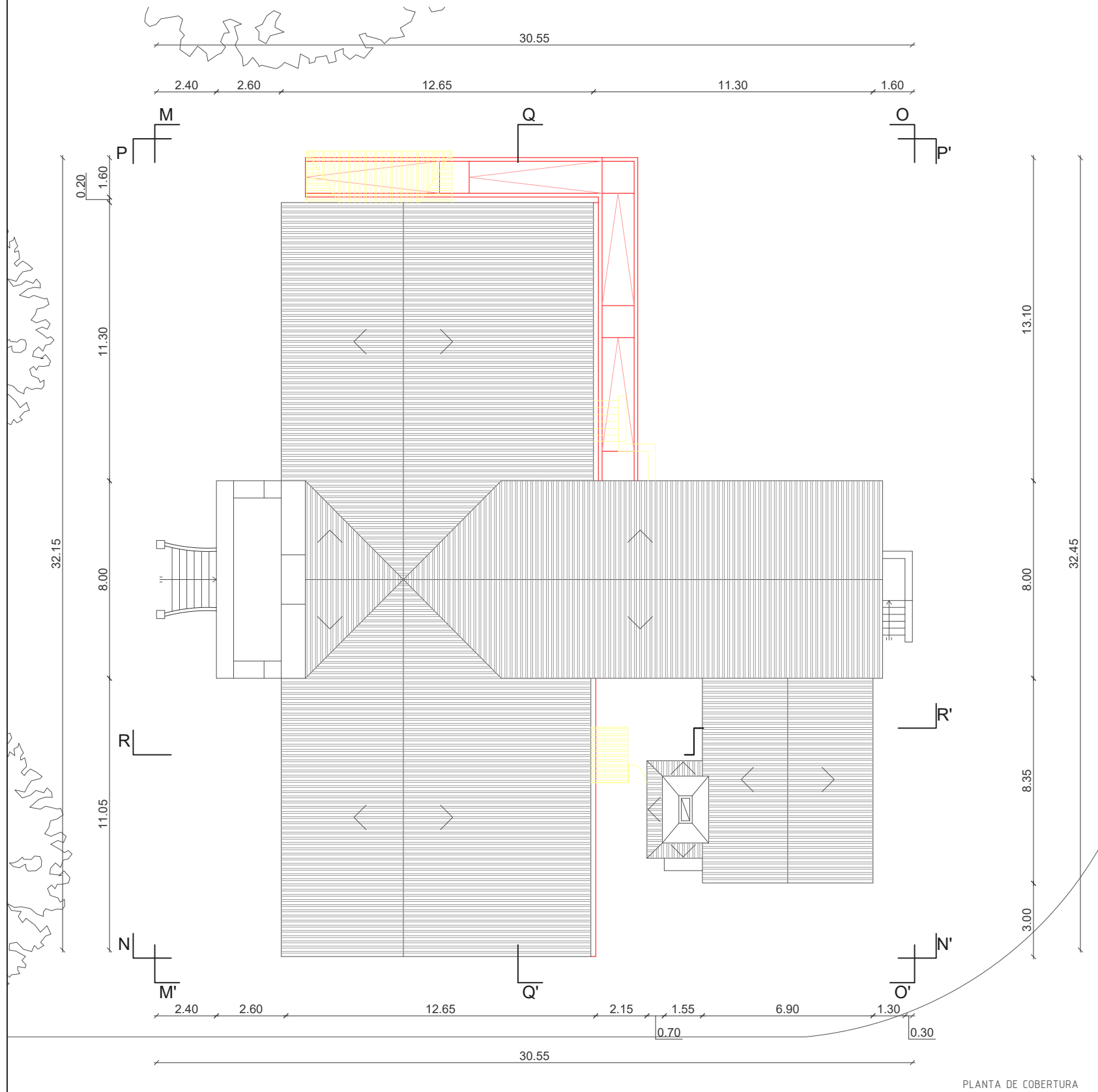
- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS HH', II', JJ', KK', LL' (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. SALÃO - 657,20 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

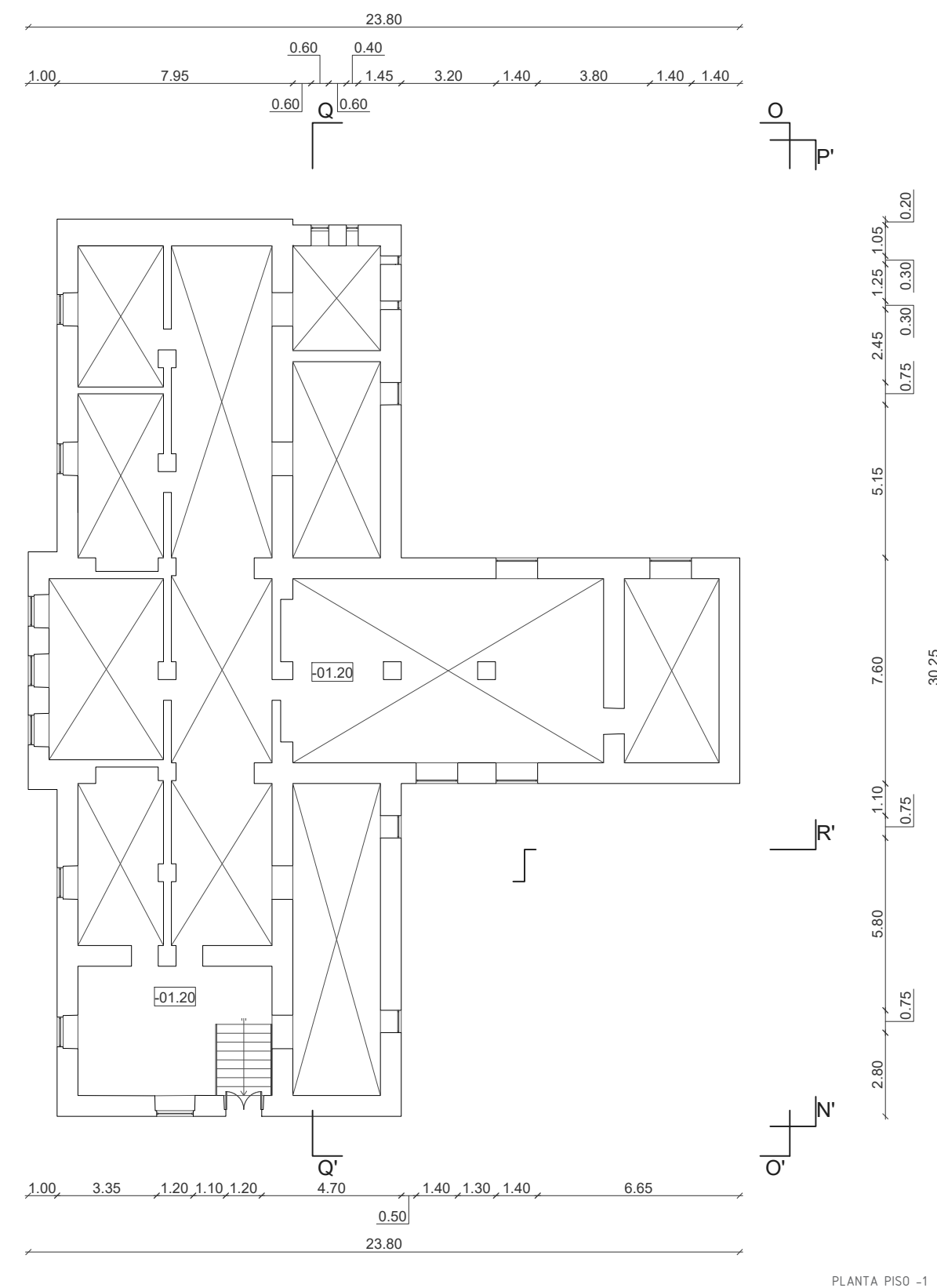
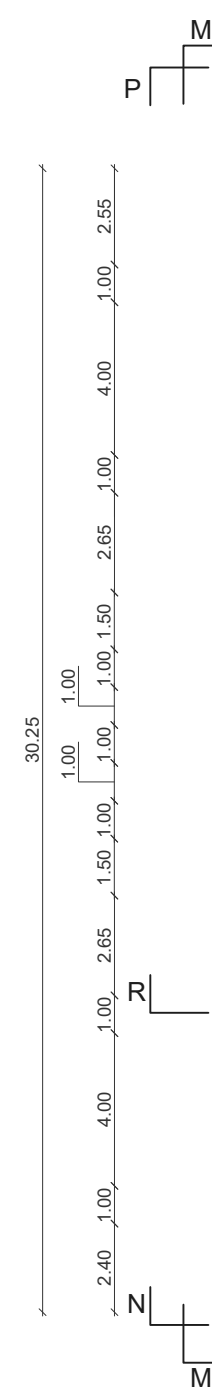
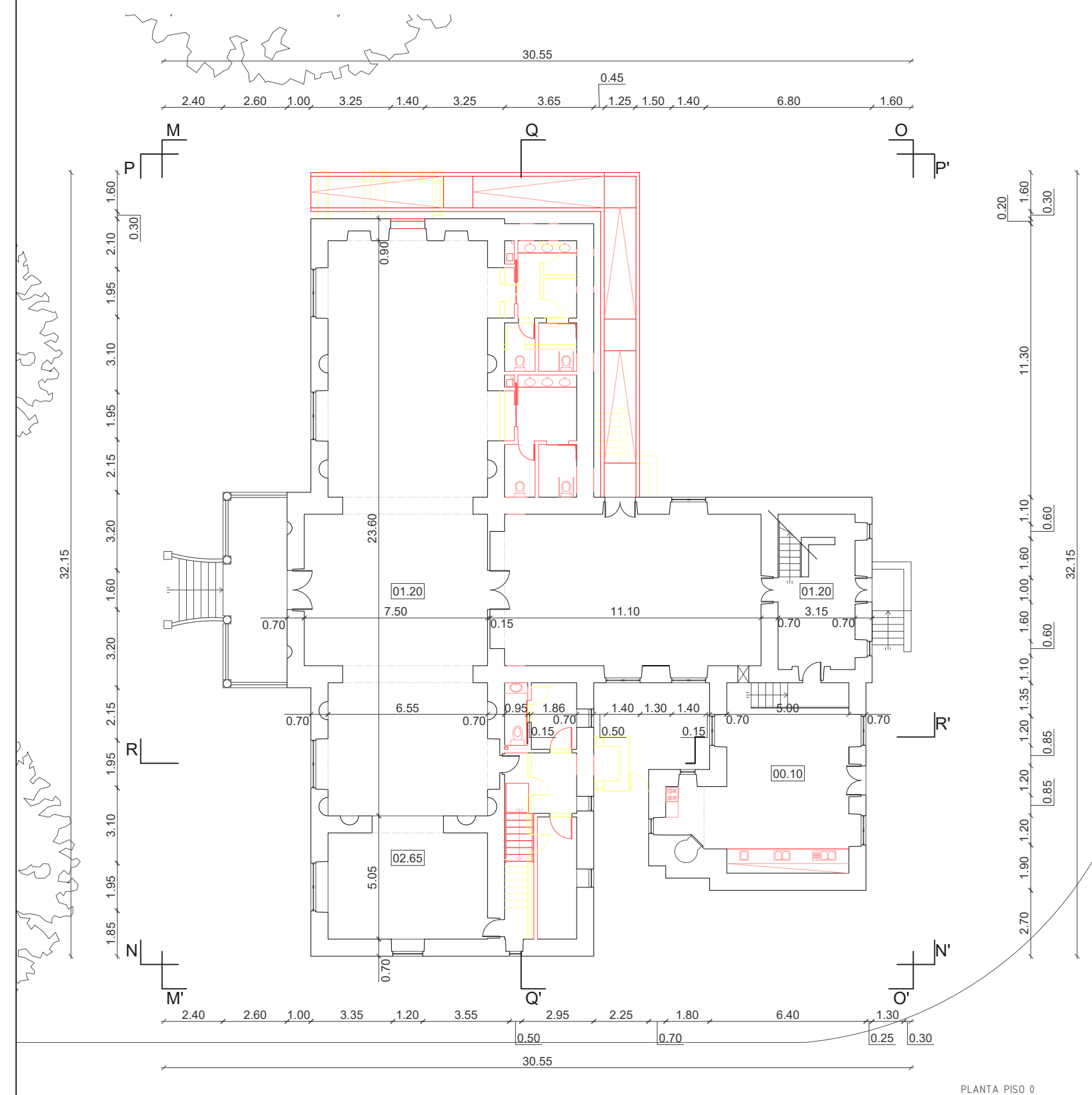
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA DE COBERTURA E PLANTA PISO 1 (SALÃO)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA.

.DEMOLIR _____

.PROPOR _____

MANTER _____

ÁREA TOTAL:
. SALÃO - 657,20 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS

INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

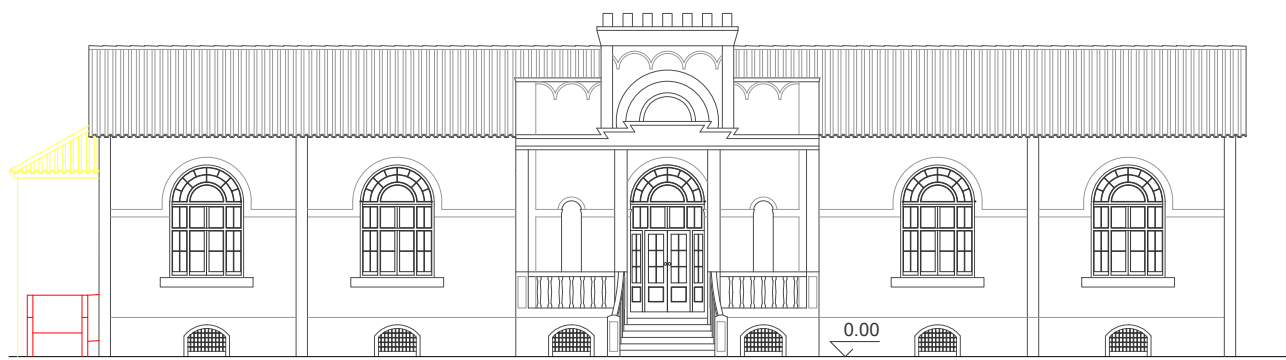
DESENHO.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA PISO 0 E PLANTA PISO - 1 (SALÃO)

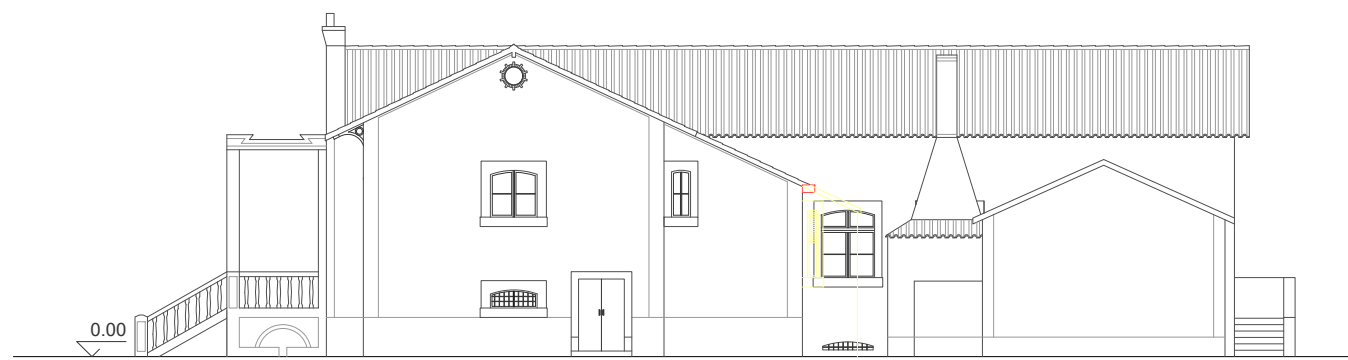
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

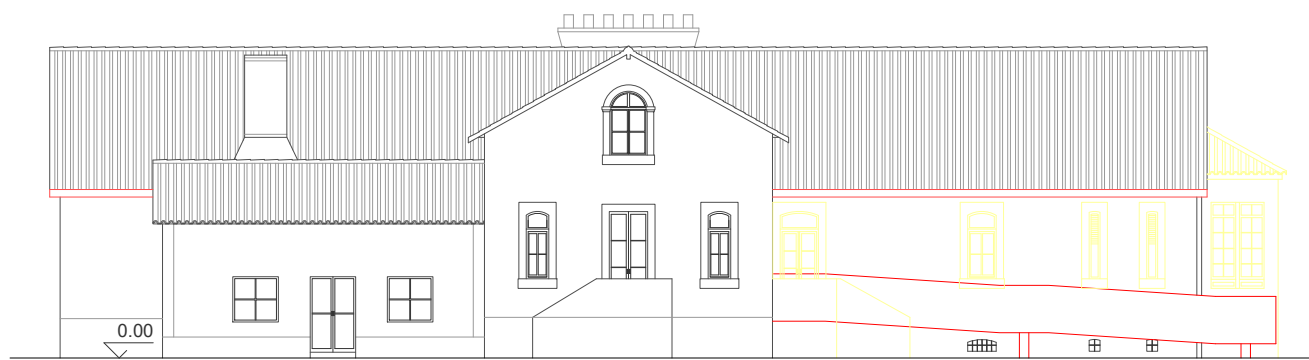
FOLHA.



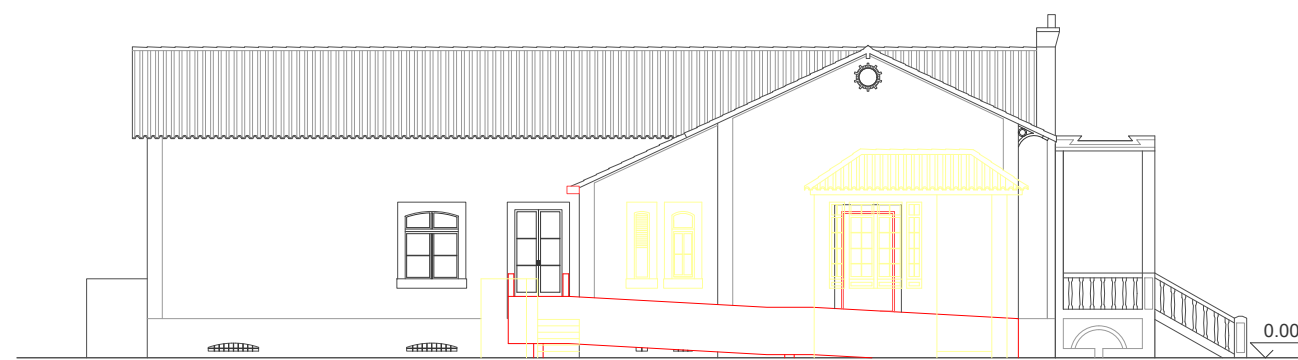
PERFIL MM'



PERFIL PP'



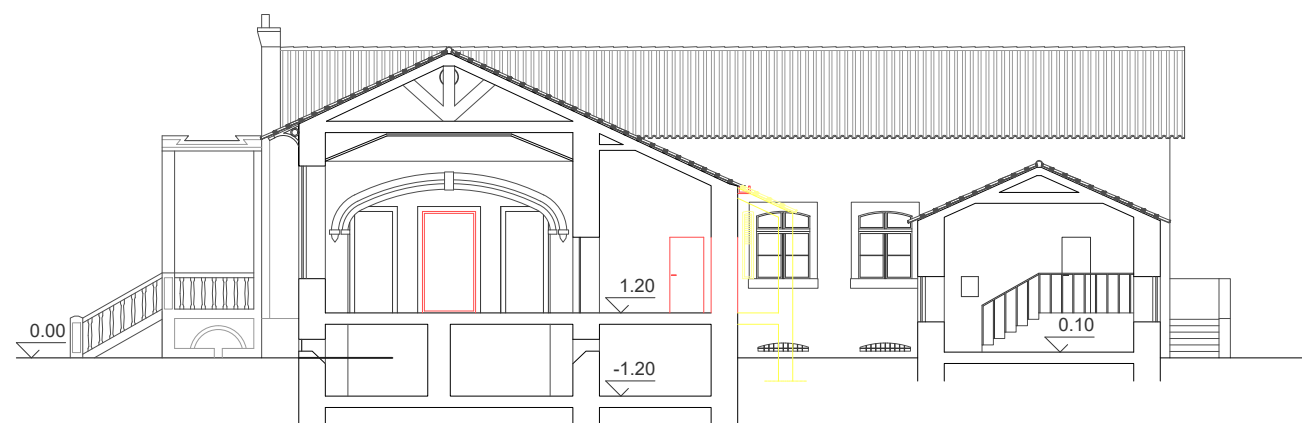
PERFIL NN'



PERFIL QQ'

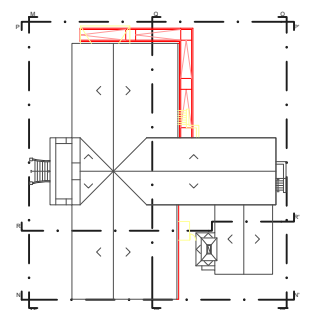


PERFIL OO'



PERFIL RR'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

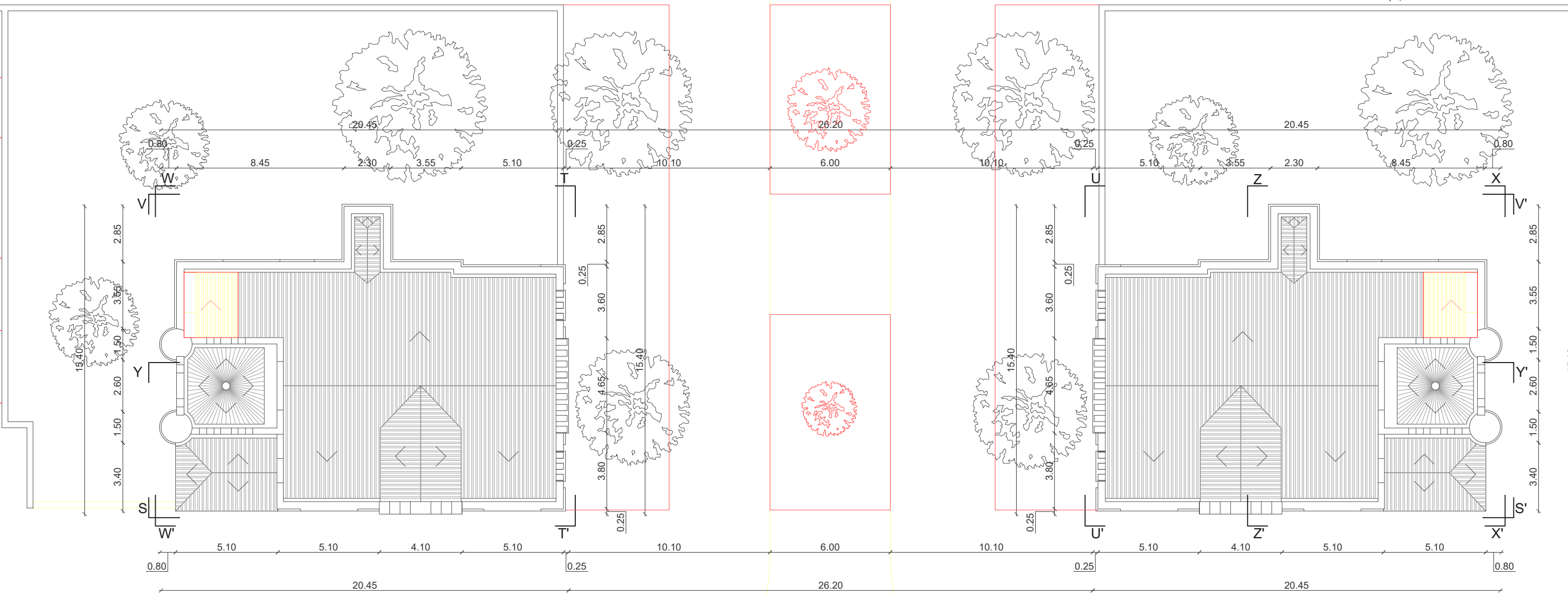
- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. SALÃO - 657,20 m²

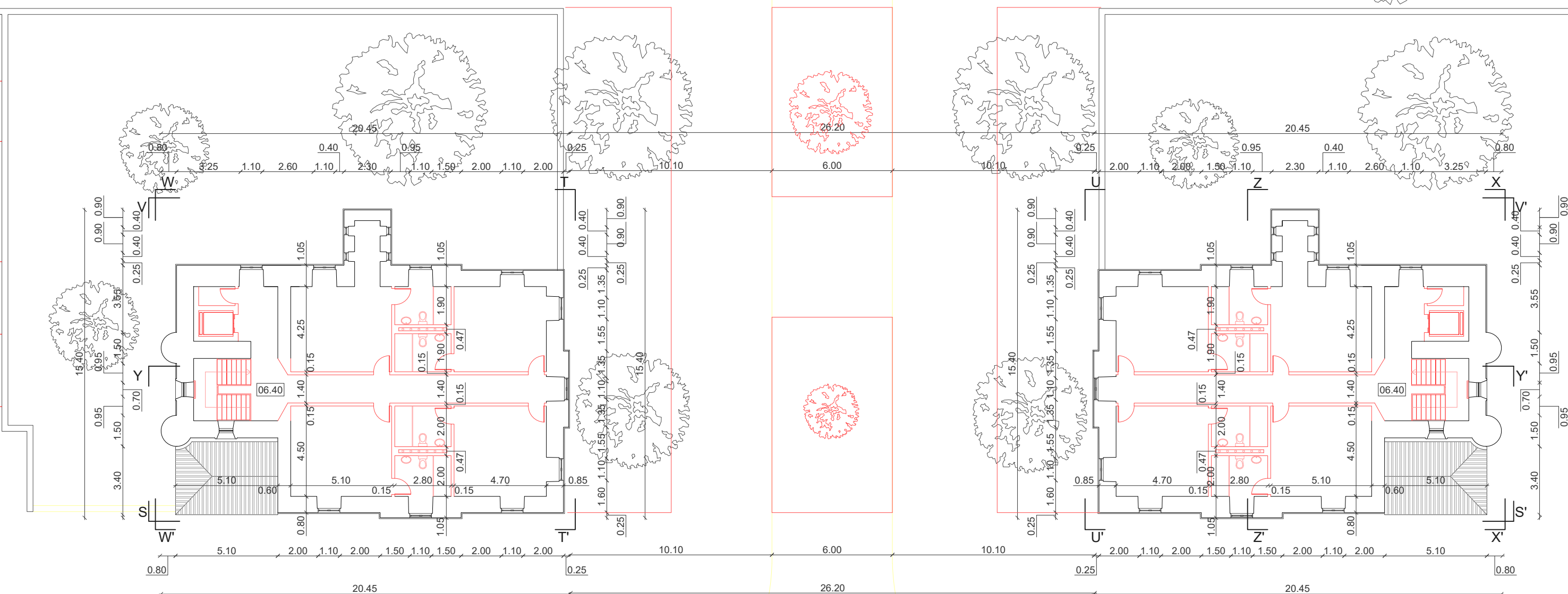
NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS MM', NN', OO', PP', QQ', RR' (SALÃO)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



PLANTA DE COBERTURA



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

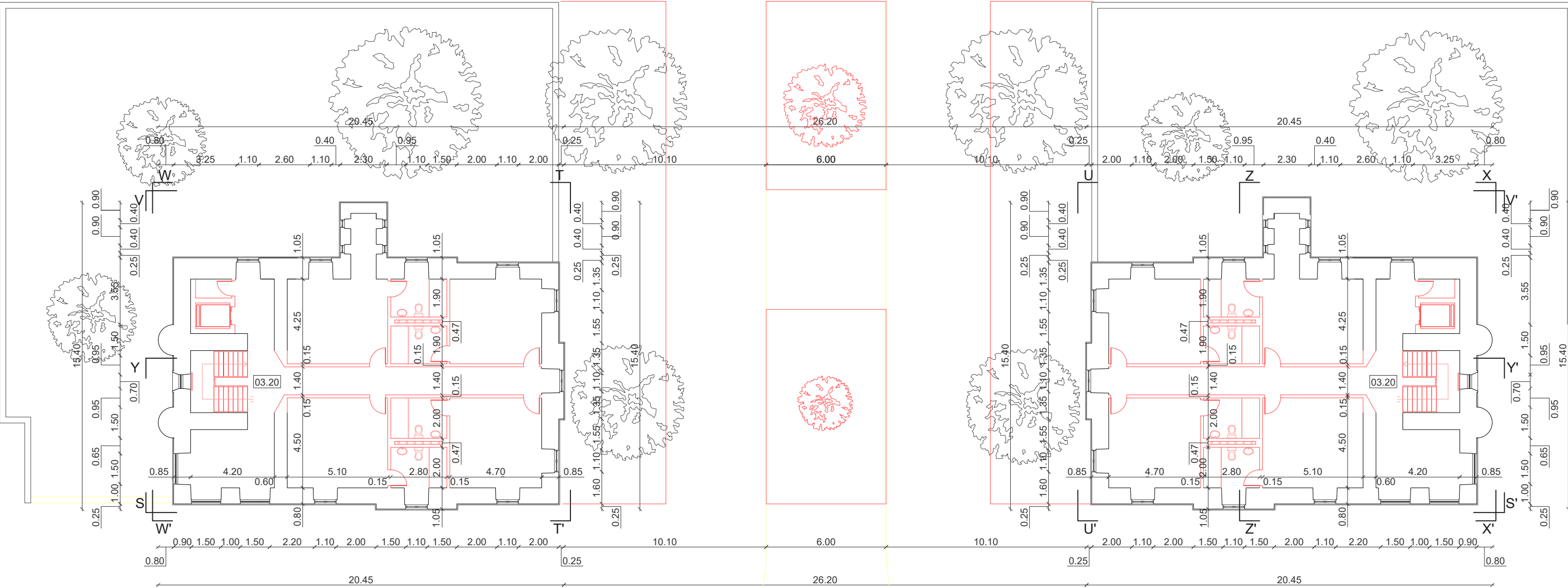
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

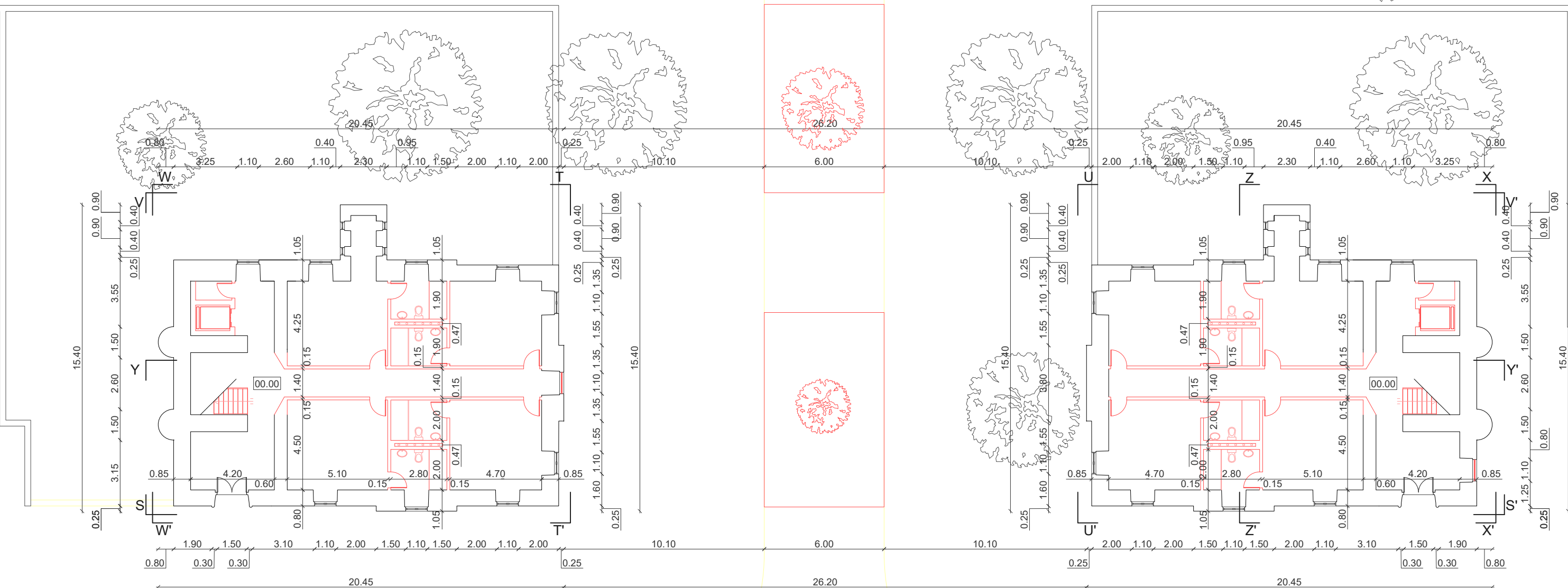
TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA DE COBERTURA E PISO 2 (VIVENDAS)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 0

LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:

- . VIVENDA D.MARIA - 715 m²
- . VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:

- . O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.
- . DIMENSÕES EM METROS LINEARES
- . COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA PISO 1 E PISO 0 (VIVENDAS)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



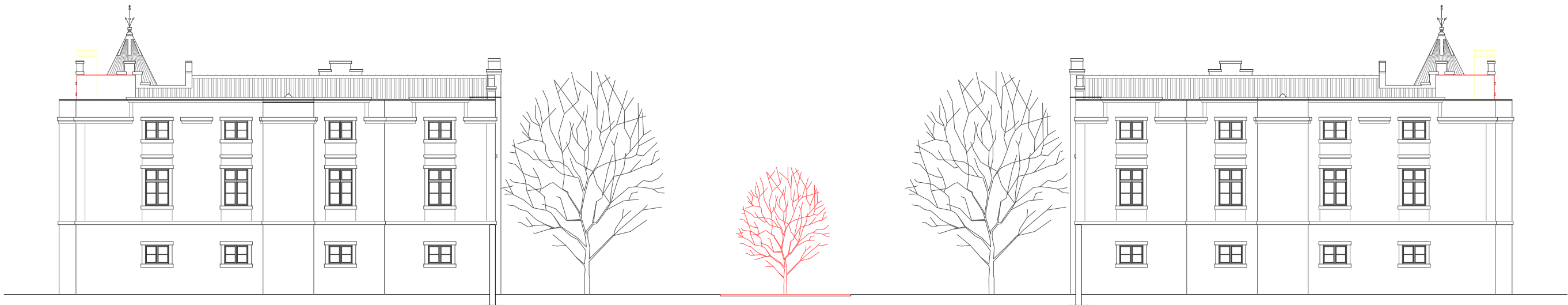
PERFIL SS'



PERFIL TT'

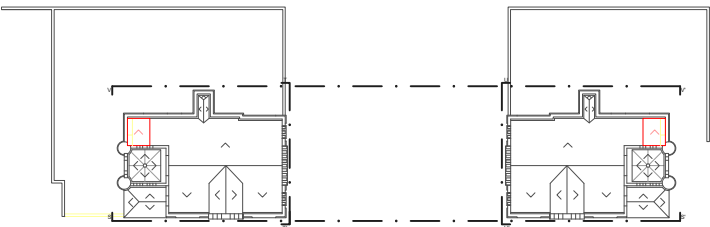


PERFIL UU'



PERFIL VV'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS SS', TT', UU', VV' (VIVENDAS)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

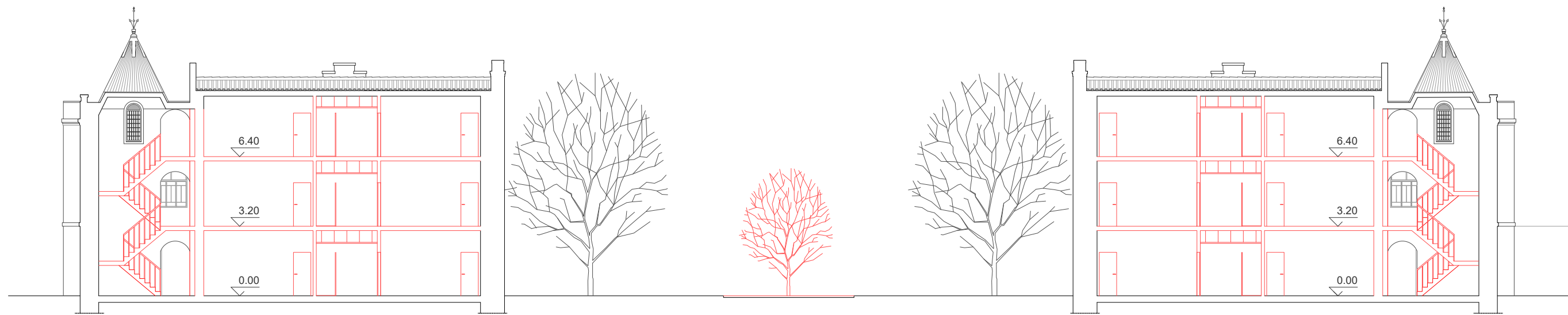
[34]



PERFIL WW'



PERFIL XX'

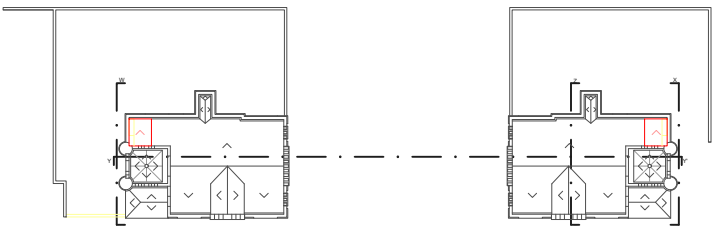


PERFIL YY'



PERFIL ZZ'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

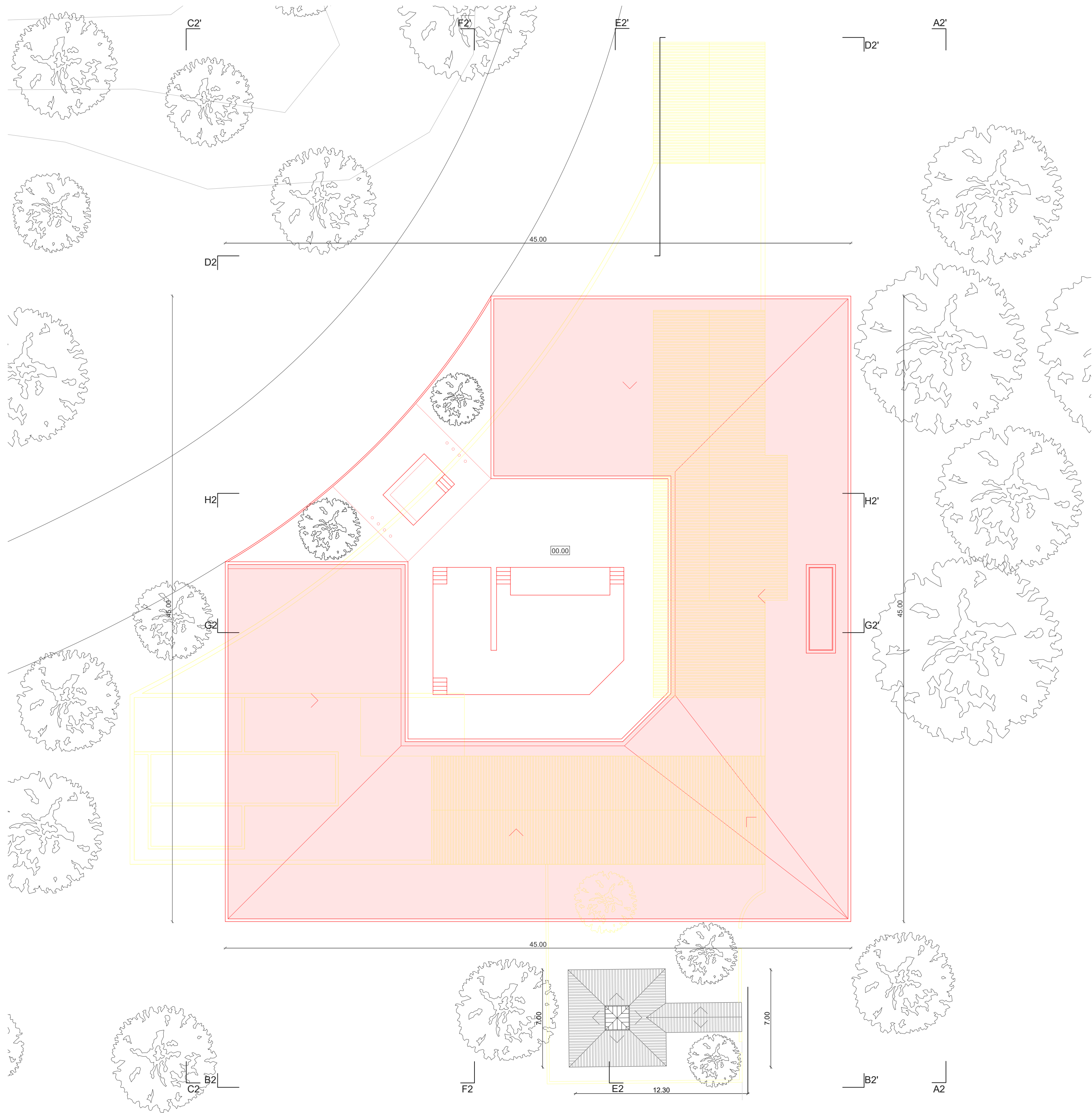
TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS WW', XX', YY', ZZ' (VIVENDAS)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[35]



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60.45 m²
. NOVO BALNEÁRIO - 1811 m²

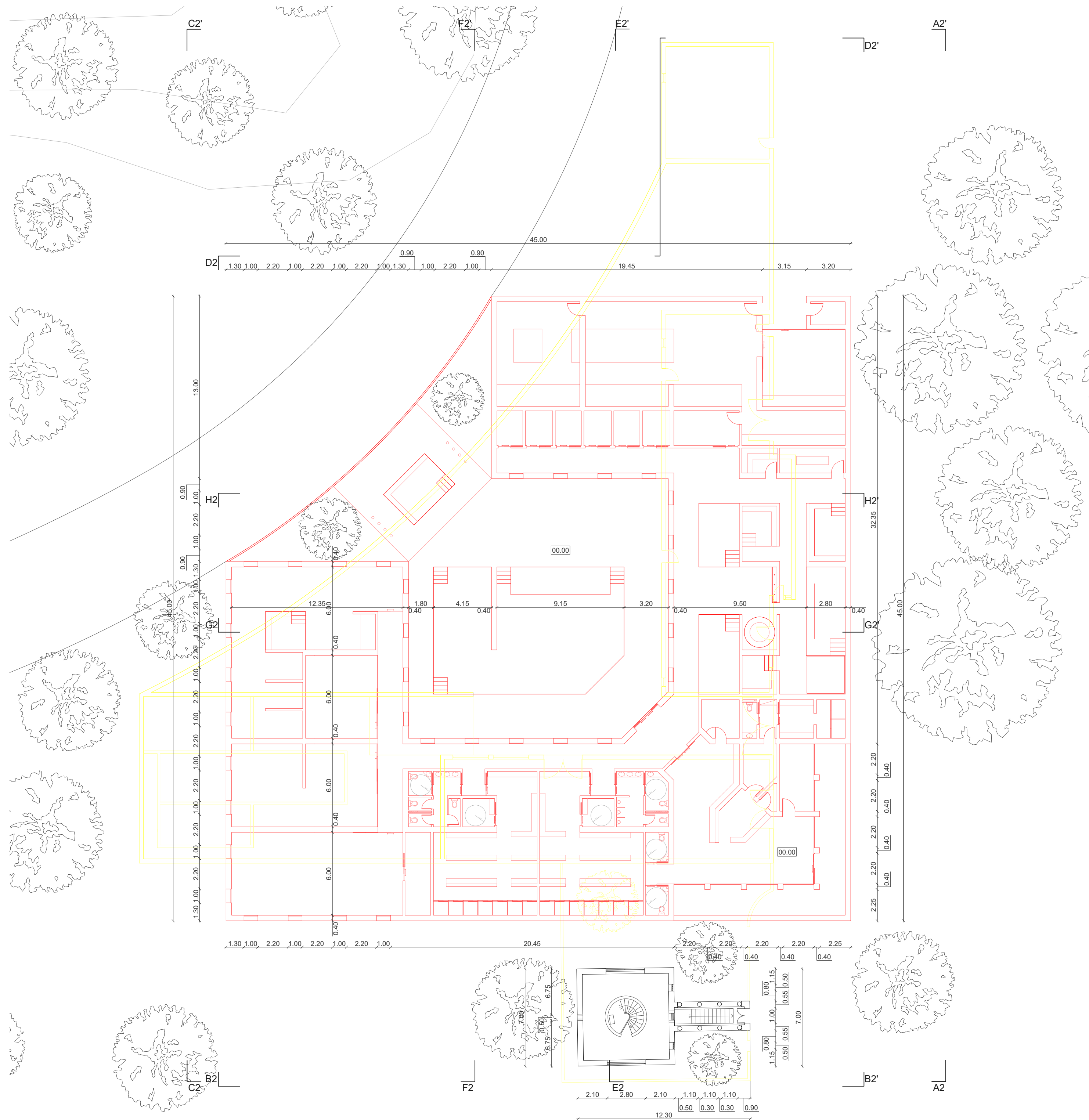
NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA DE COBERTURA (NOVO BALNEÁRIO E BUVETTE)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60,45 m²
. NOVO BALNEÁRIO - 1811 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
. ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

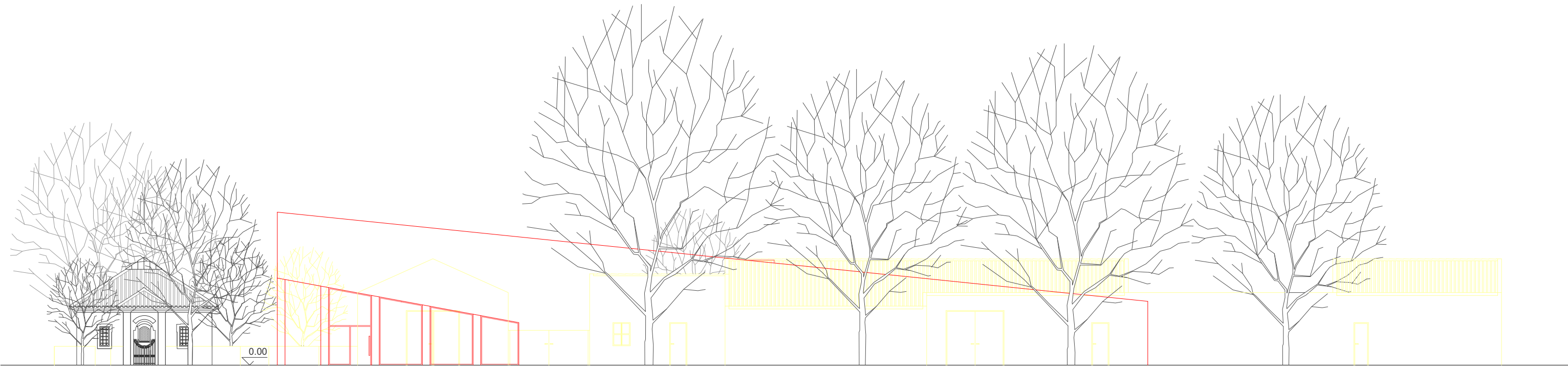
DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PLANTA PISO 0 (NOVO BALNEÁRIO E BUVETTE)

ESC_1:200

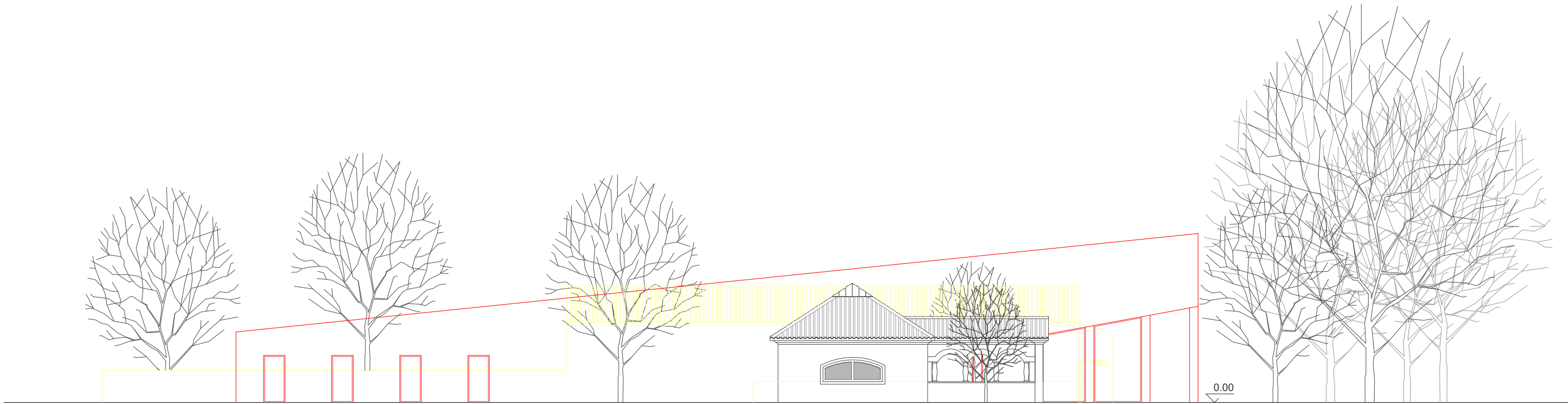
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

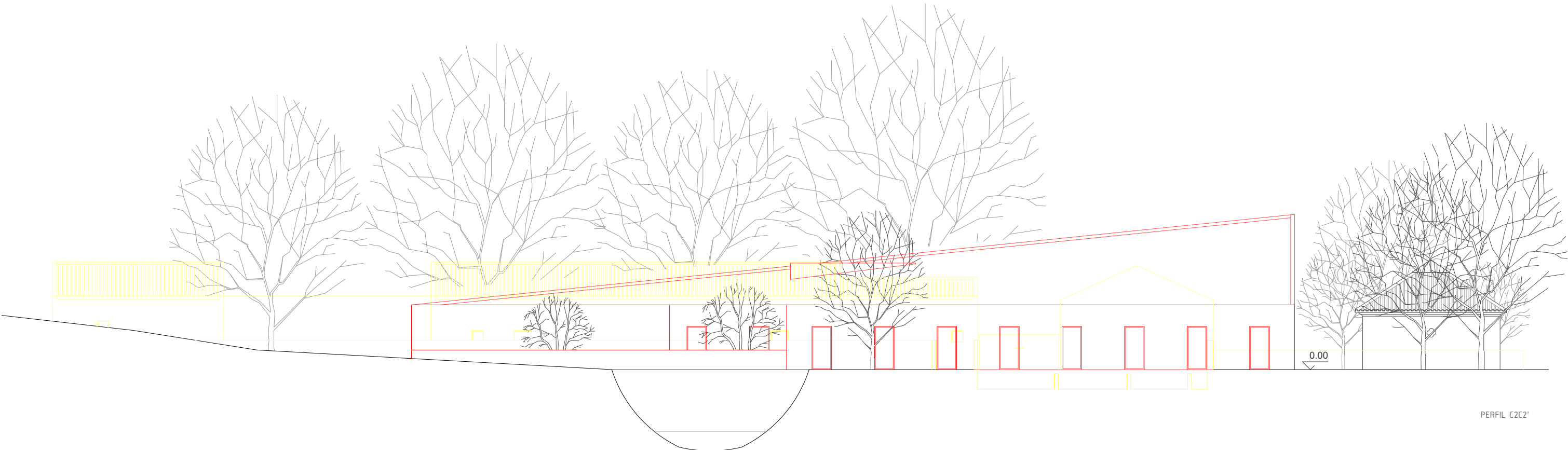
[37]



PERFIL A2A2'

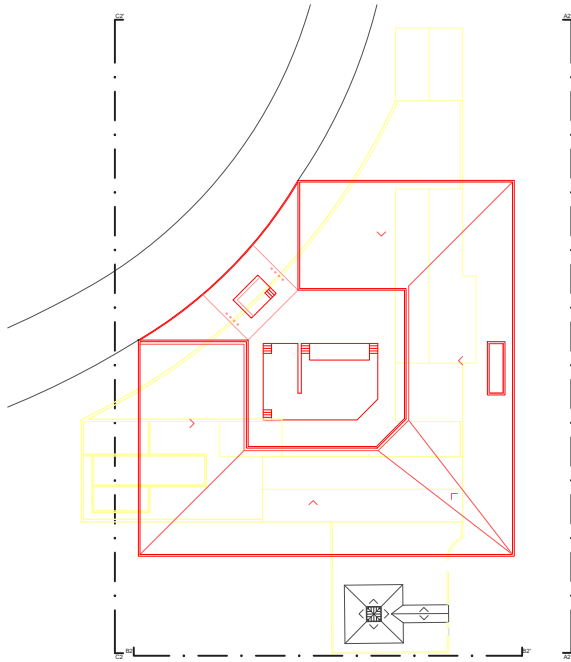


PERFIL B2B2'



PERFIL C2C2'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

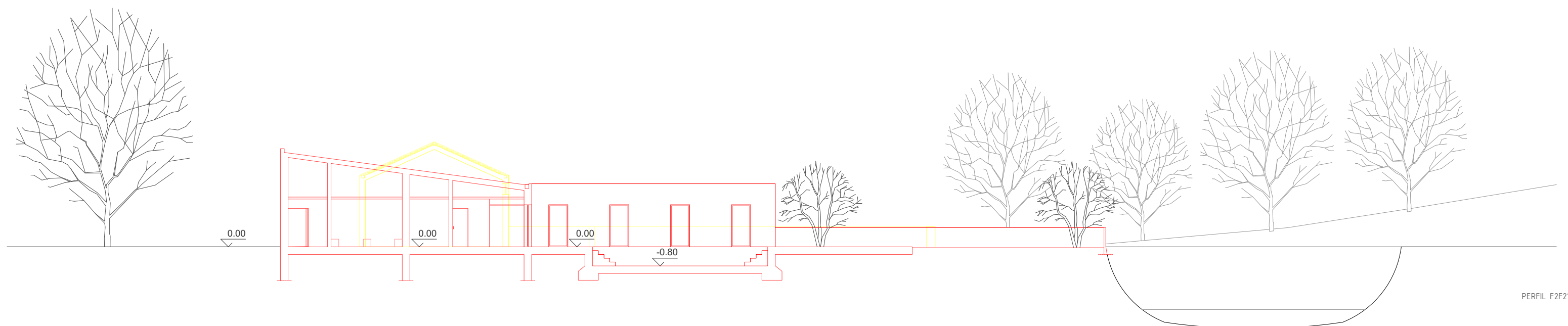
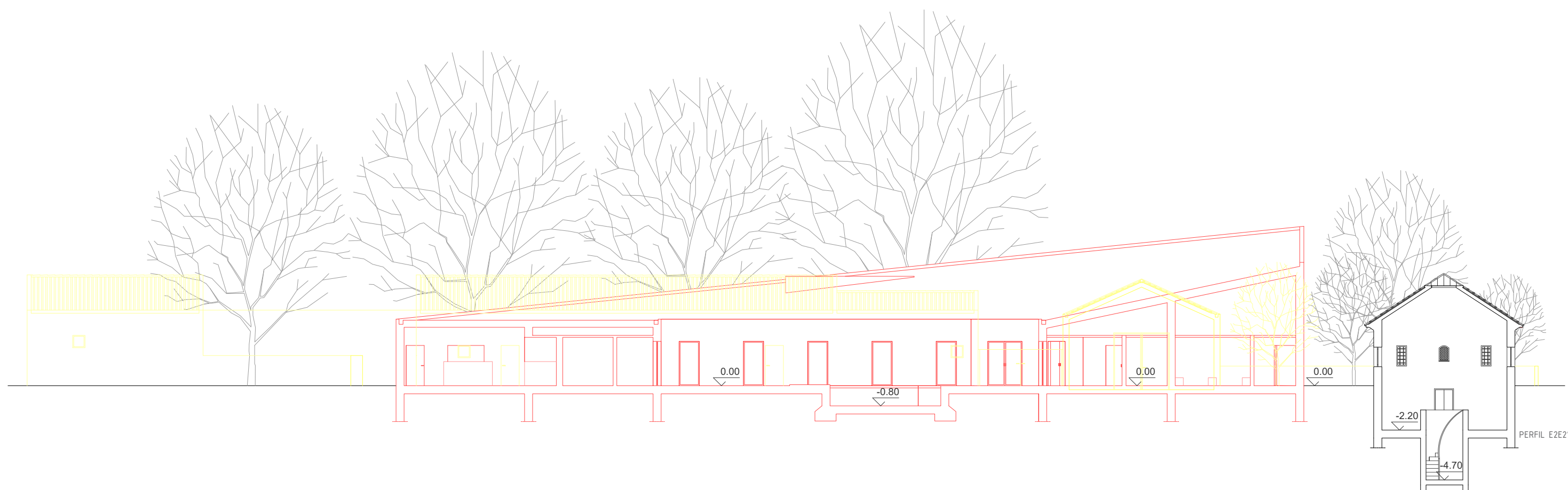
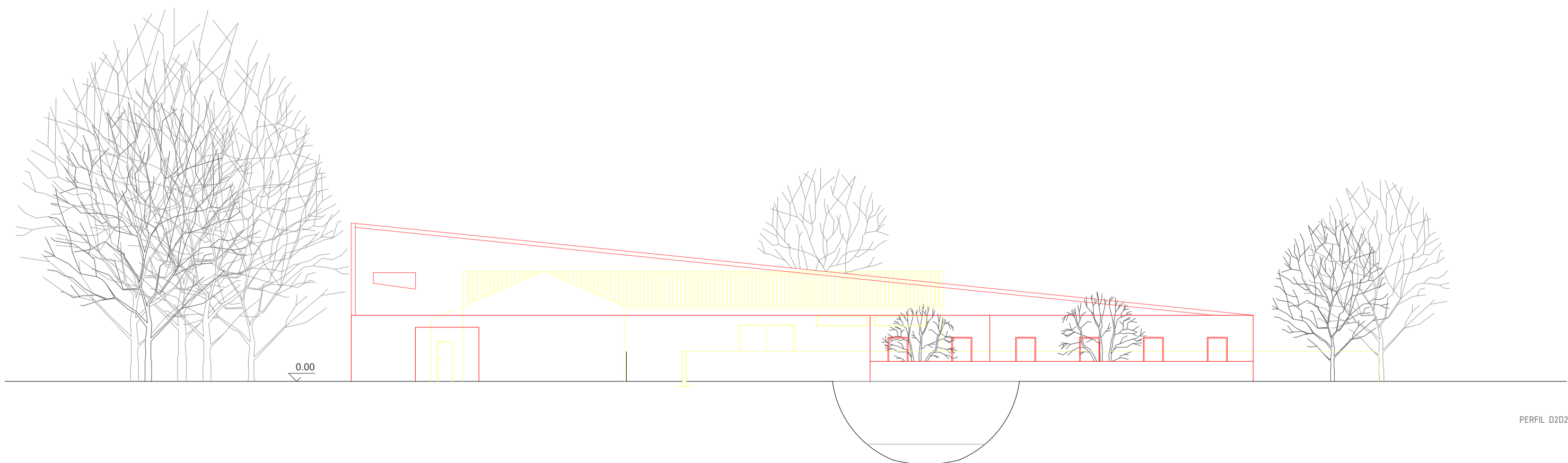
ÁREA TOTAL:
.BUVETTE - 60,45 m²
.NOVO BALNEÁRIO - 1811 m²

NOTAS:
.O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

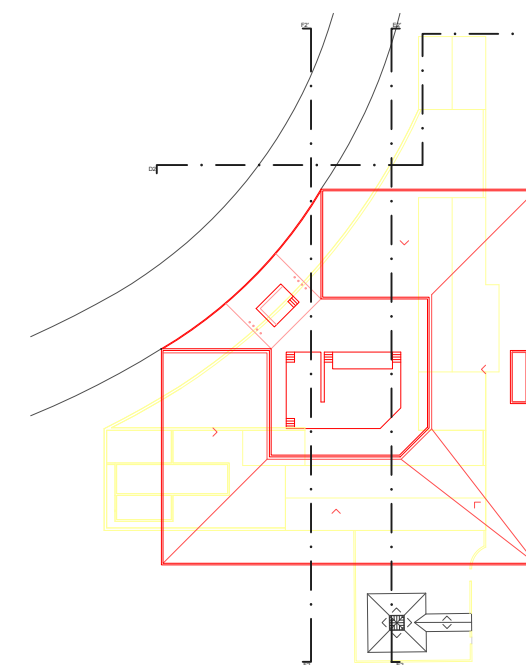
.DIMENSÕES EM METROS LINEARES
.COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS A2A2', B2B2', C2C2' (NOVO BALNEÁRIO E BUVETTE)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60.45 m²
. NOVO BALNEÁRIO - 1811 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

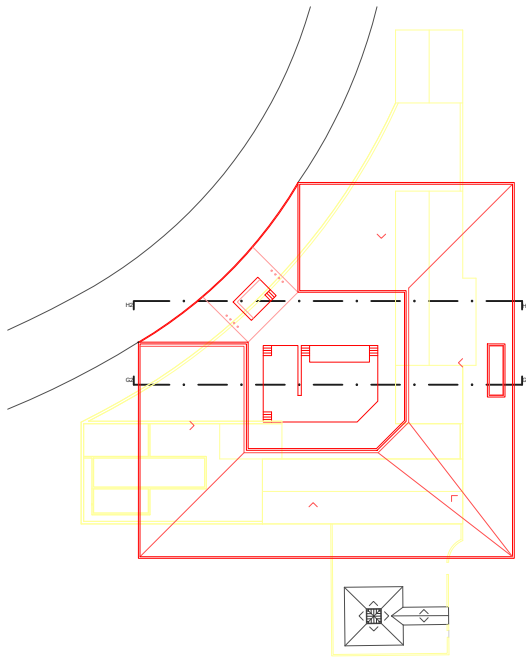
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS D2D2', E2E2', F2F2' (NOVO BALNEÁRIO E BUVETTE)
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

- .DEMOLIR
- .PROPOR
- .MANTER

ÁREA TOTAL:
. BUVETTE - 60.45 m²
. NOVO BALNEÁRIO - 1811 m²

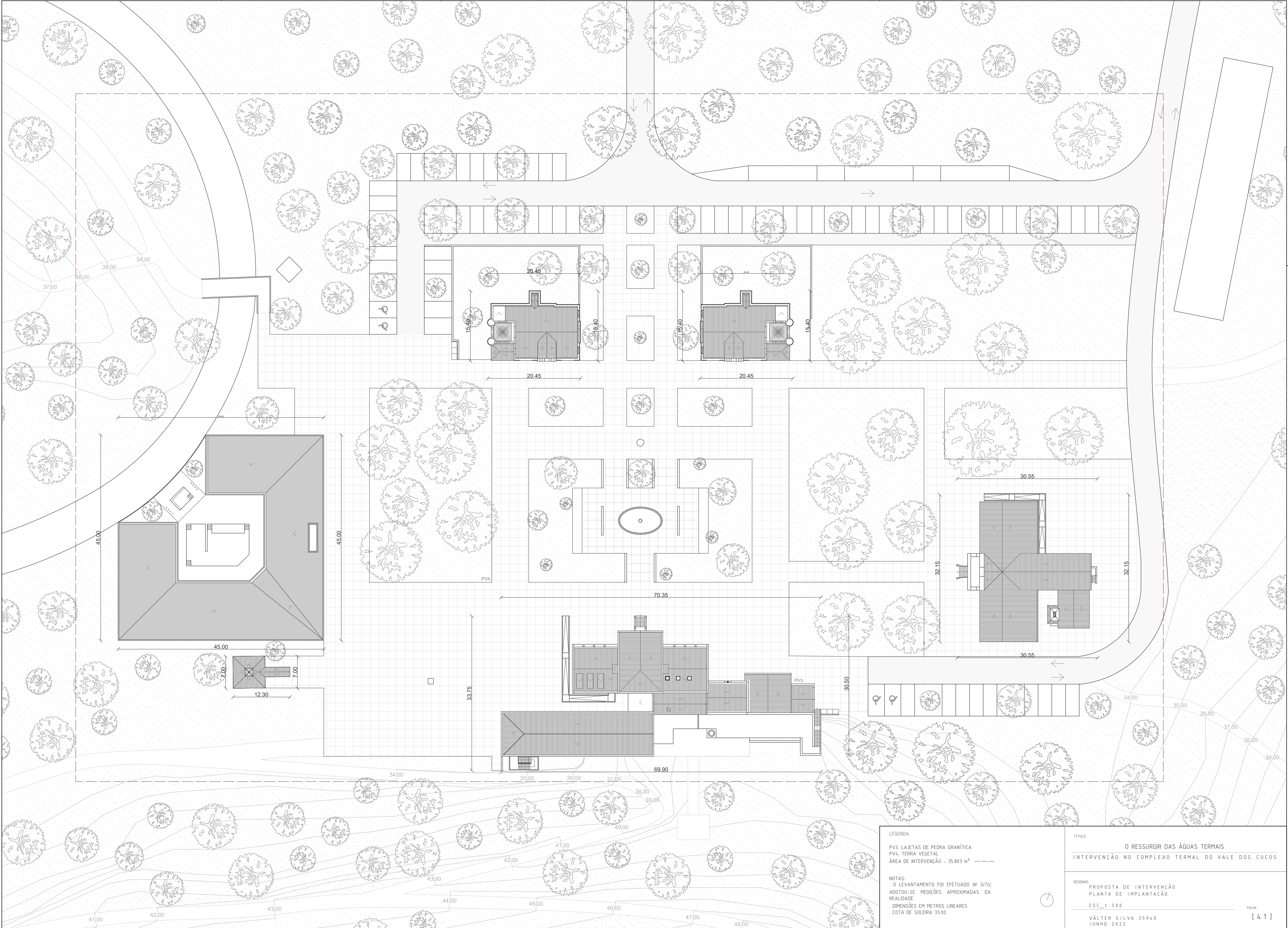
NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VERMELHOS E AMARELOS)
PERFIS G2G2', H2H2' (NOVO BALNEÁRIO E BUVETTE)
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022



LEGENDA

PV3. LAJETAS DE PEDRA GRANÍTICA
PV4. TERRA VEGETAL
ÁREA DE INTERVENÇÃO - 35.803 m²

NOTAS:
- O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
- DIMENSÕES EM METROS LINEARES
- COTA DE SOLEIRA 33,00

TÍTULO

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO

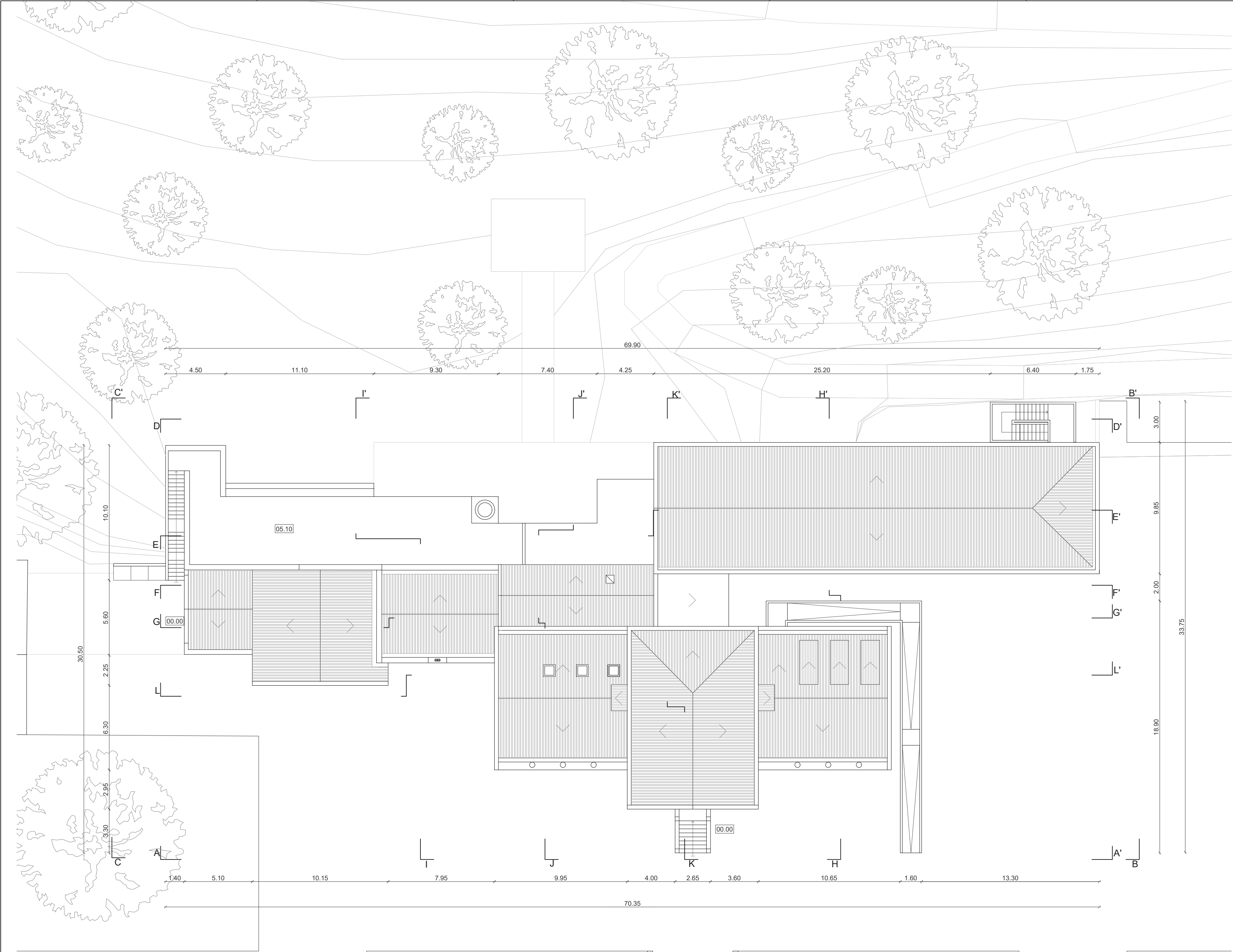
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

ESC_1:500

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[41]



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. LEVANTAMENTO REALIZADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



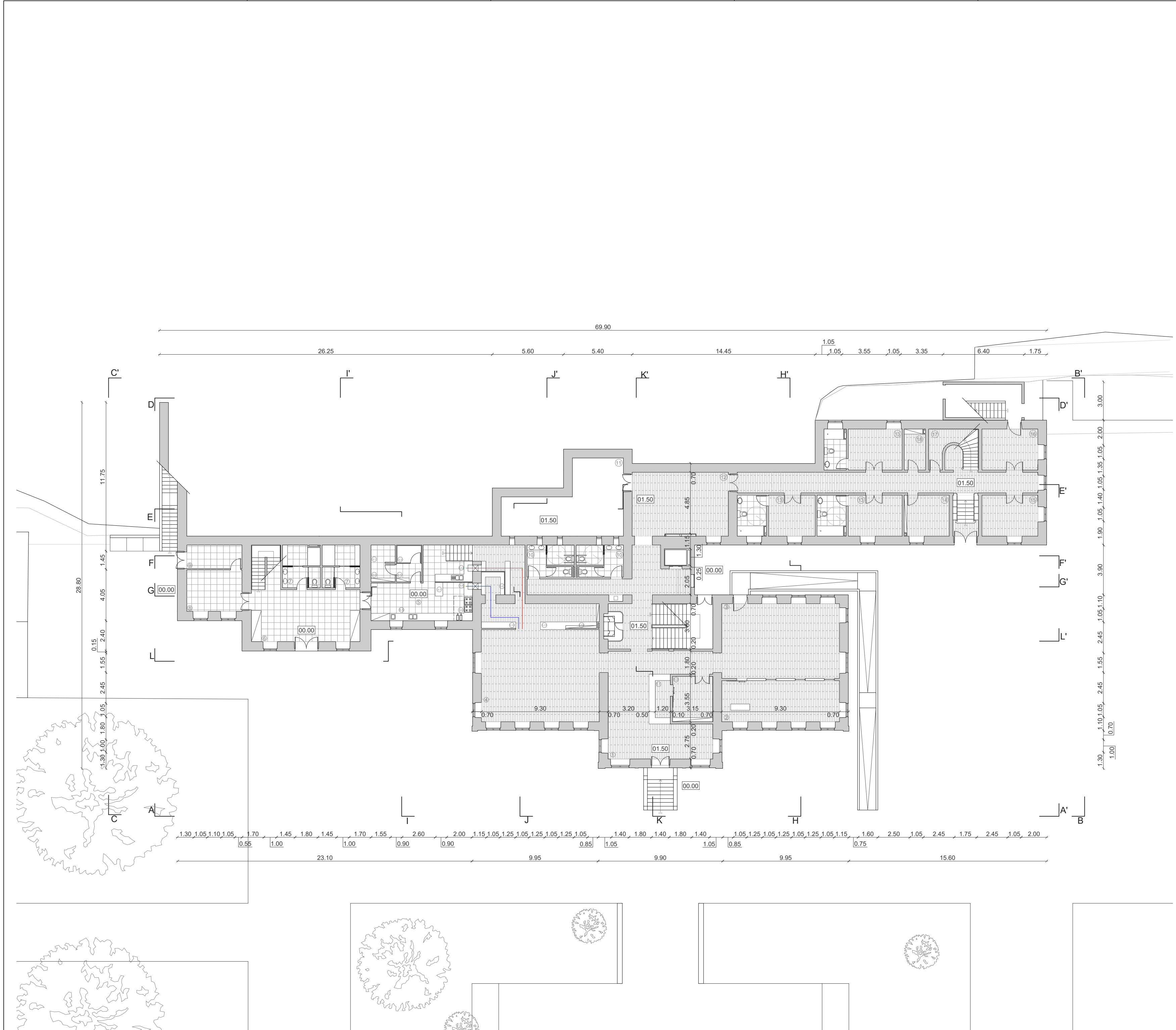
TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
PLANTA DE COBERTURA
ESC_1:200

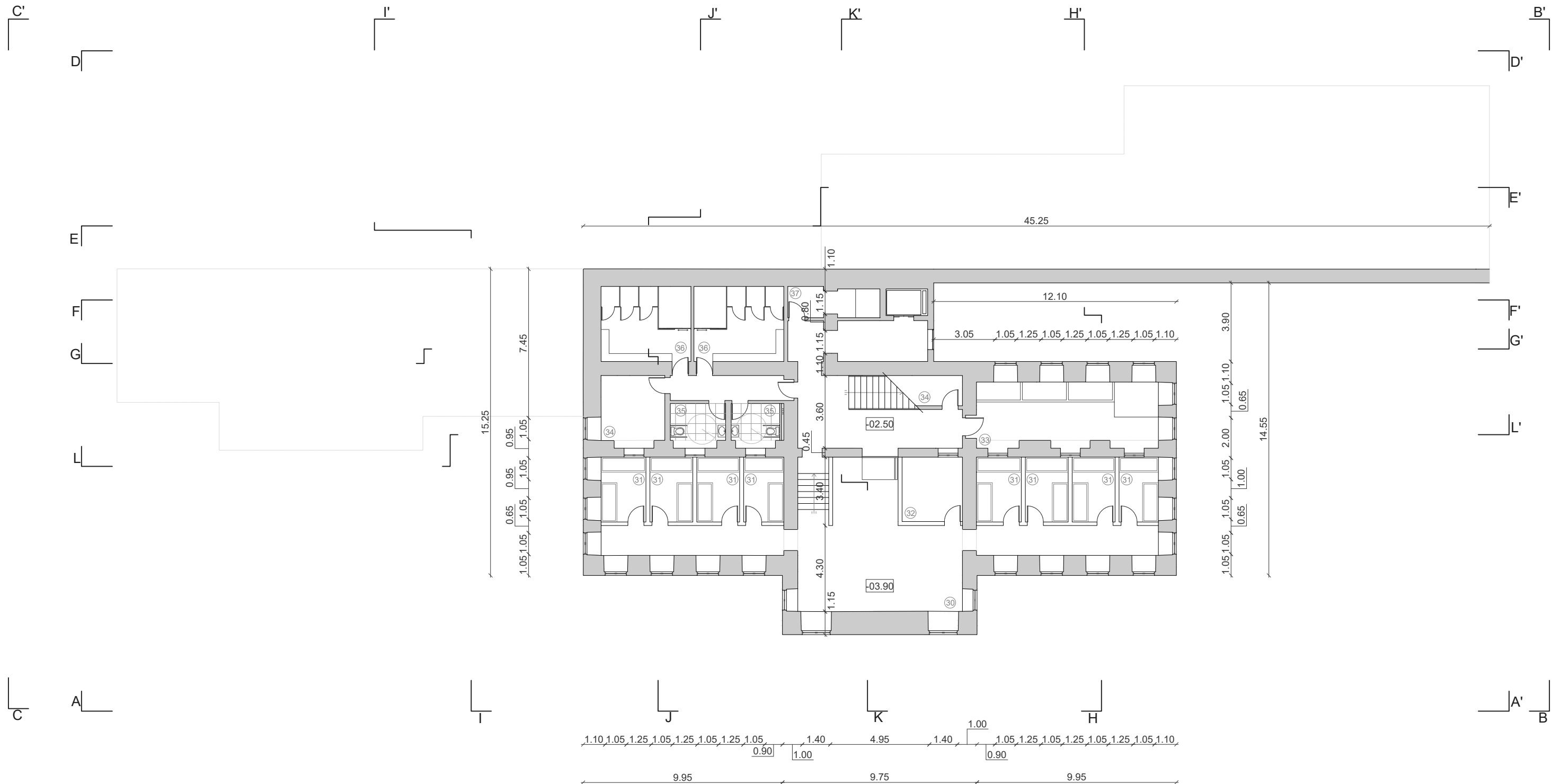
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 2]



LEGENDA.	
COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
1.1. BALCÃO	6,50 m ²
1.2. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPENSA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENCOMENDADORIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	5,35 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	8,80 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	13,53 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² + 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	46,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²
SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²
VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²
OBS: NO BALNEÁRIO PREEXISTENTE A ÁREA DOS QUARTOS COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA CORRESPONDE À VARIAÇÃO DA ÁREA MÍNIMA E MÁXIMA.	
ÁREA TOTAL:	
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m ²	
. PERCURSO DE PRATOS LIMPOS	
. PERCURSO DE PRATOS SUJOS	
NOTAS:	
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO <i>IN SITU</i> , ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.	
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES	
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00	



LEGENDA.

COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
11. BALCÃO	6,50 m ²
12. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPESA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ² - 21,15 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENCOMENDADORIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	5,35 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	8,80 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	13,53 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² - 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ² - 20,50 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	44,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²
SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²
VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²

OBS: NO BALNEÁRIO PREEEXISTENTE A ÁREA DOS QUARTOS COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA CORRESPONDE À VARIAÇÃO DA ÁREA MÍNIMA E MÁXIMA.

ÁREA TOTAL:
BALNEÁRIO PREEEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.

DIMENSÕES EM METROS LINEARES

COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (BALNEÁRIO PREEEXISTENTE)
PLANTA PISO - 1
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 5]



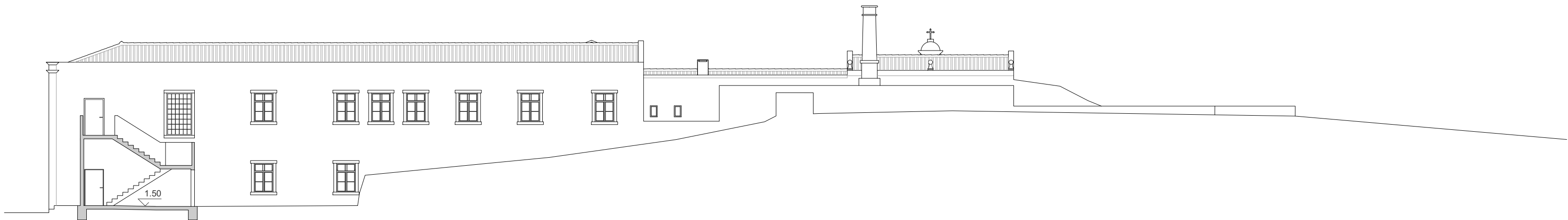
PERFIL AA'



PERFIL BB'

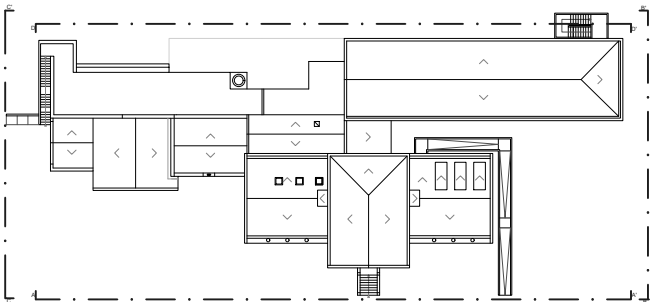


PERFIL CC'



PERFIL DD'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

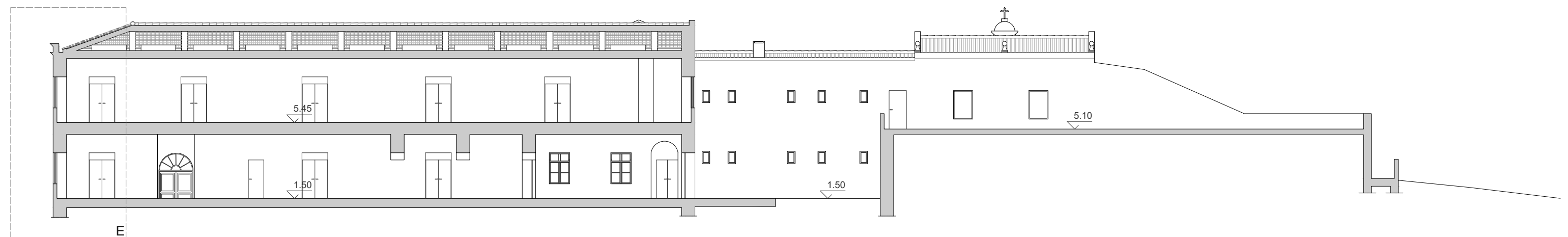
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
PERFIS AA', BB', CC', DD'
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 6]



PERFIL EE'

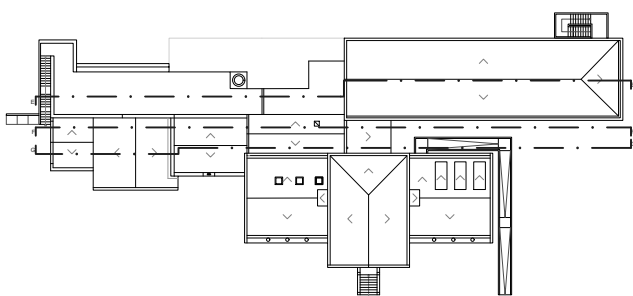


PERFIL FF'



PERFIL GG'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

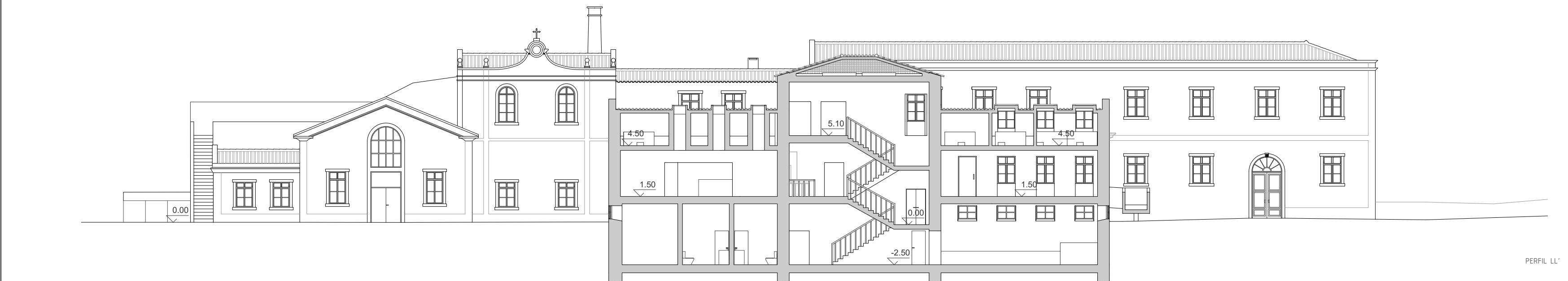
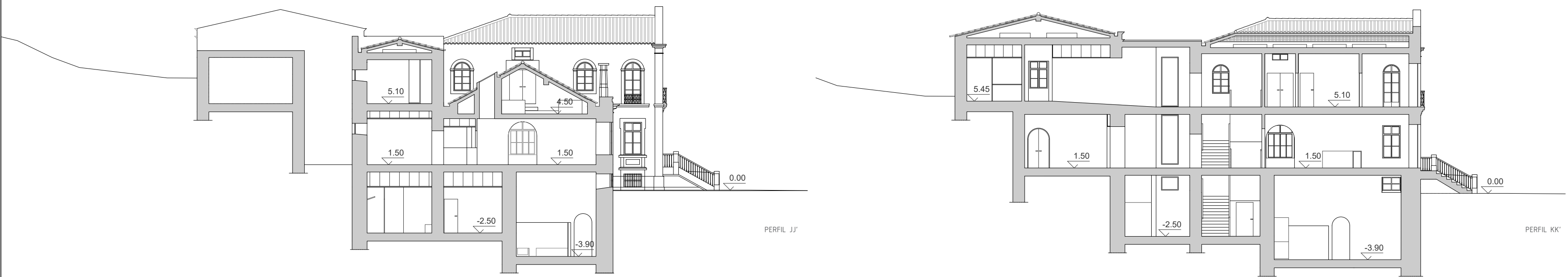
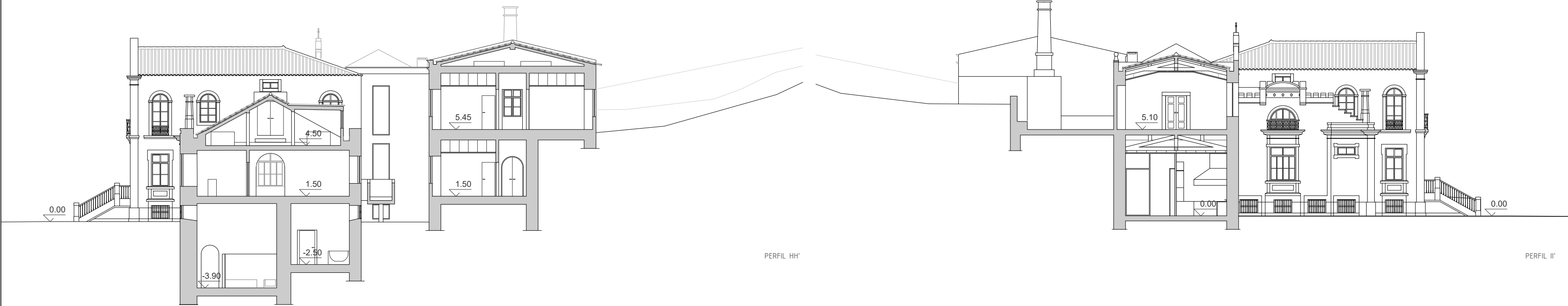
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

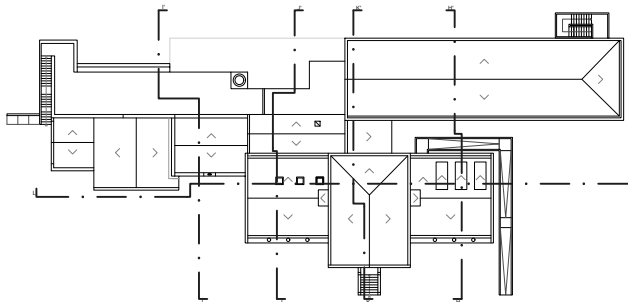
DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
PERFIS EE', FF', GG'
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 7]



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. BALNEÁRIO PREEXISTENTE - 2324 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

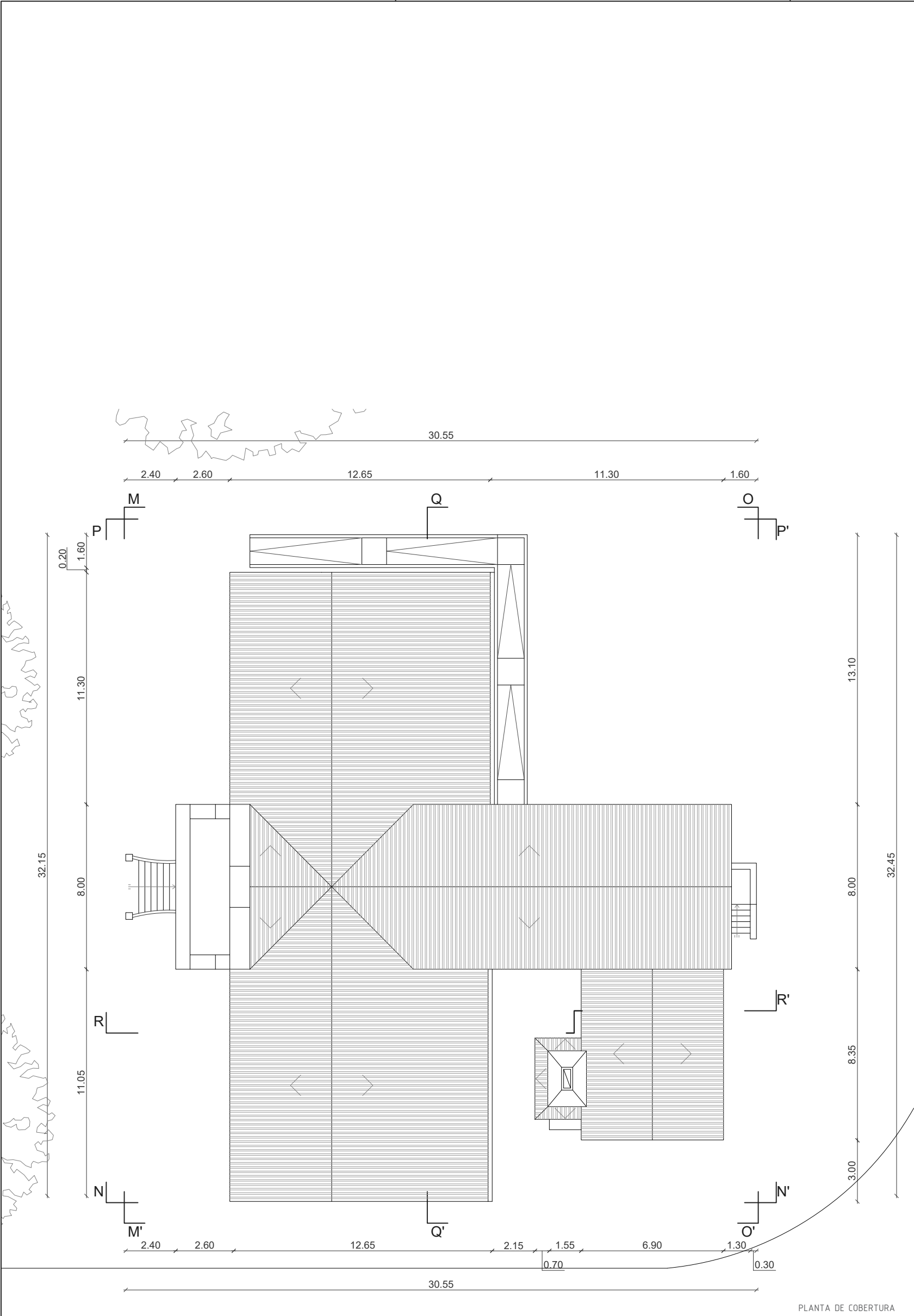
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

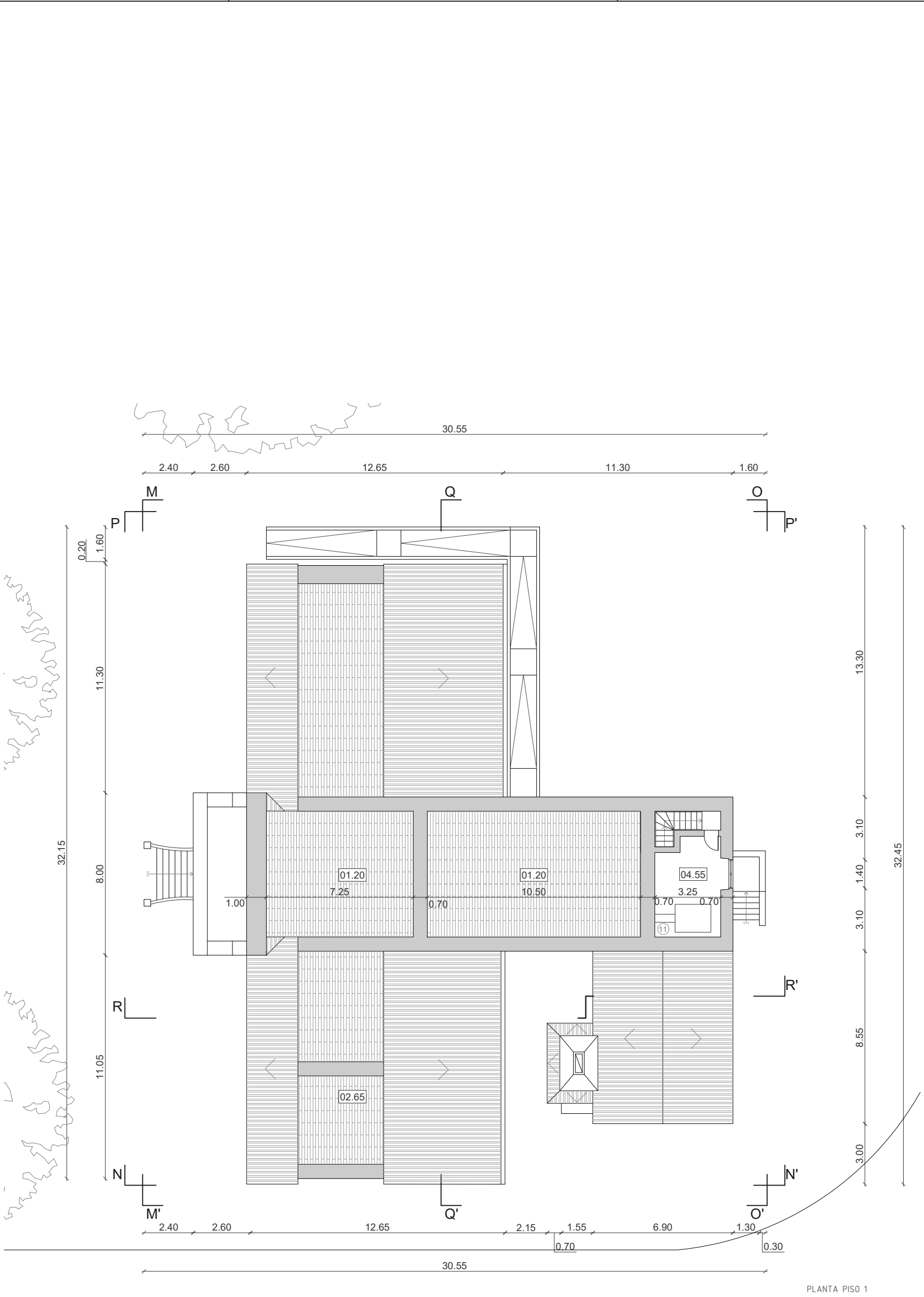
DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (BALNEÁRIO PREEXISTENTE)
PERFIS HH', II', JJ', KK', LL'
ESC_1:200
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 8]



PLANTA DE COBERTURA



PLANTA PISO 1

LEGENDA.

COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
1.1. BALCÃO	6,50 m ²
1.2. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPENSA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ² - 21,15 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENCOMENDADORIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	5,35 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	8,80 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	13,53 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² - 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ² - 20,50 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	46,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²
SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²
VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²

ÁREA TOTAL:
SALÃO - 657,20 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOPTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

DIMENSÕES EM METROS LINEARES

COTA DE SOLEIRA 0.00 ± 33.00



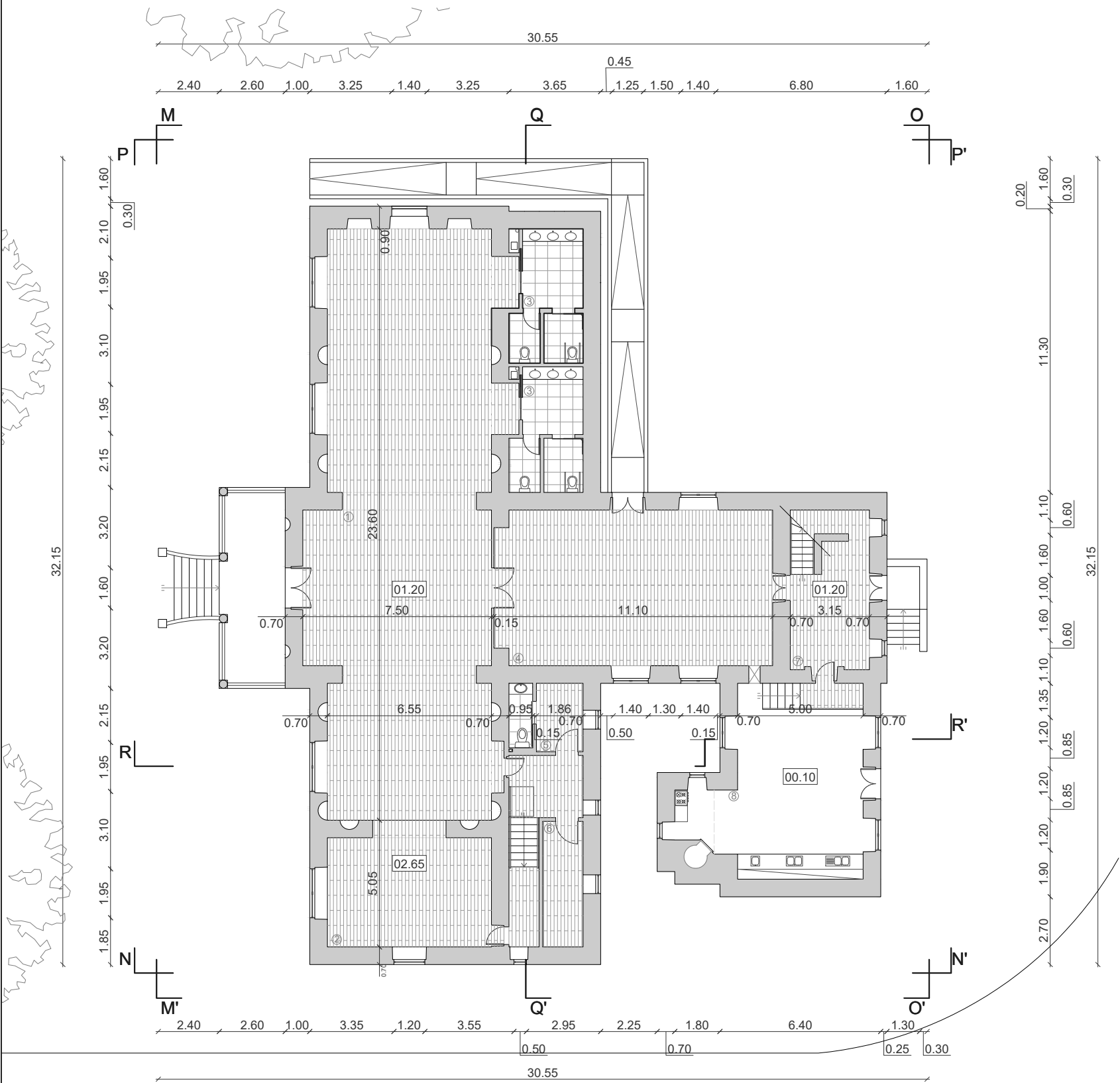
TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (SALÃO)
PLANTA DE COBERTURA E PLANTA PISO 1
ESC_1:200

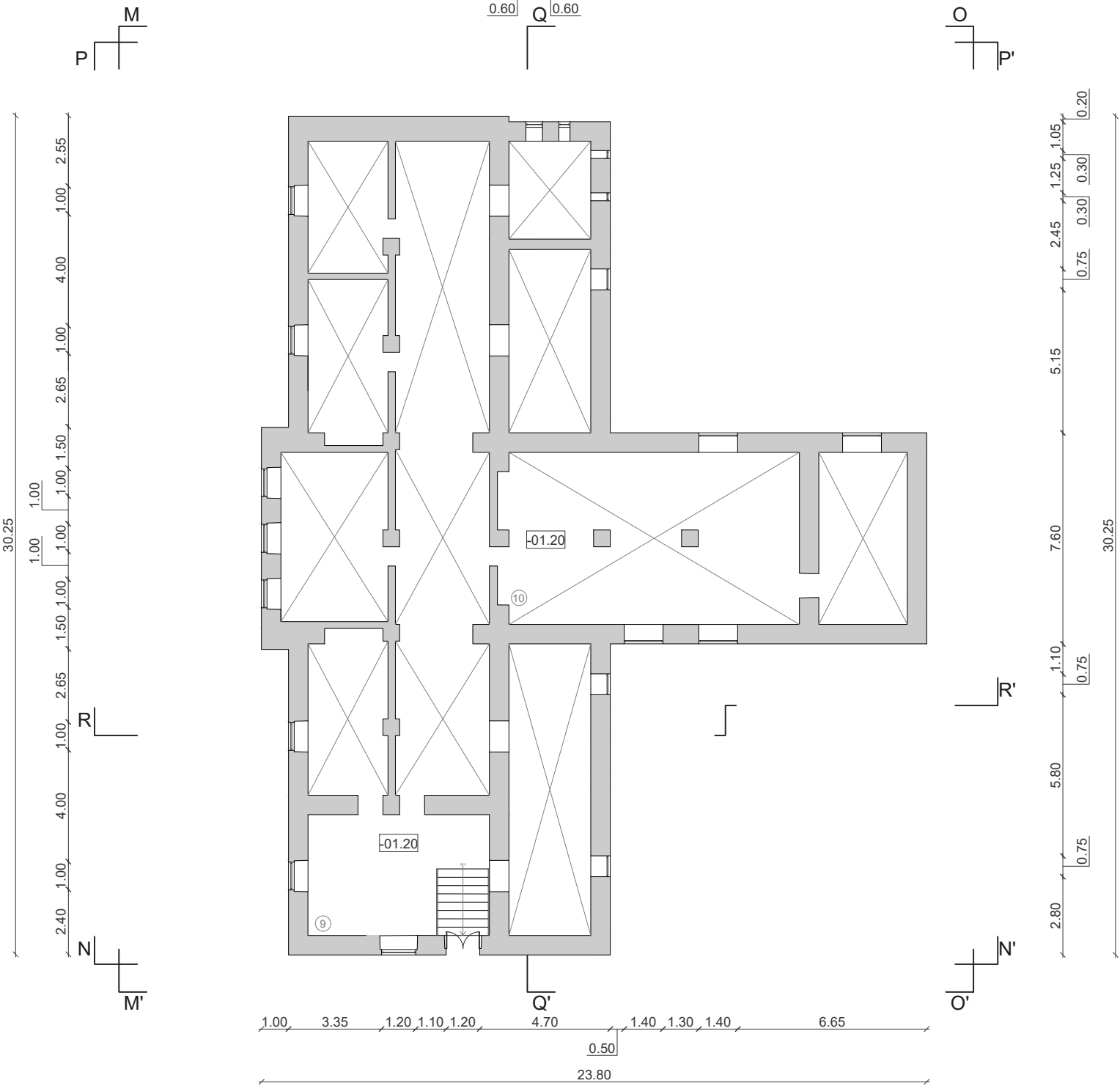
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[4 9]



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO -1

LEGENDA.	
COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
1.1. BALCÃO	6,50 m ²
1.2. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPENSA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENCOMENDADORIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	8,80 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	13,53 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	11,34 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² + 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	46,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²

SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²

VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²

ÁREA TOTAL:
SALÃO - 657,20 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.
DIMENSÕES EM METROS LINEARES
COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (SALÃO)
PLANTA PISO 0 E PLANTA PISO -1
ESC_1:200
FOLHA:
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022 [50]



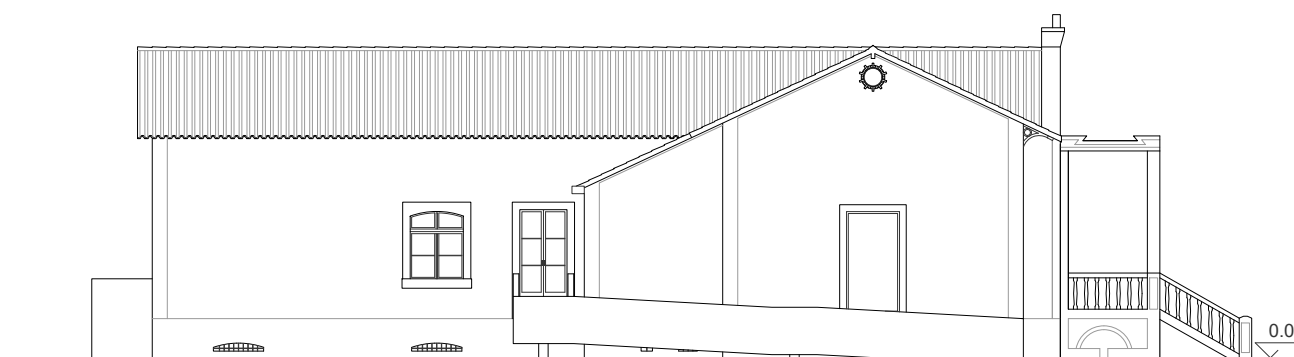
PERFIL MM'



PERFIL PP'



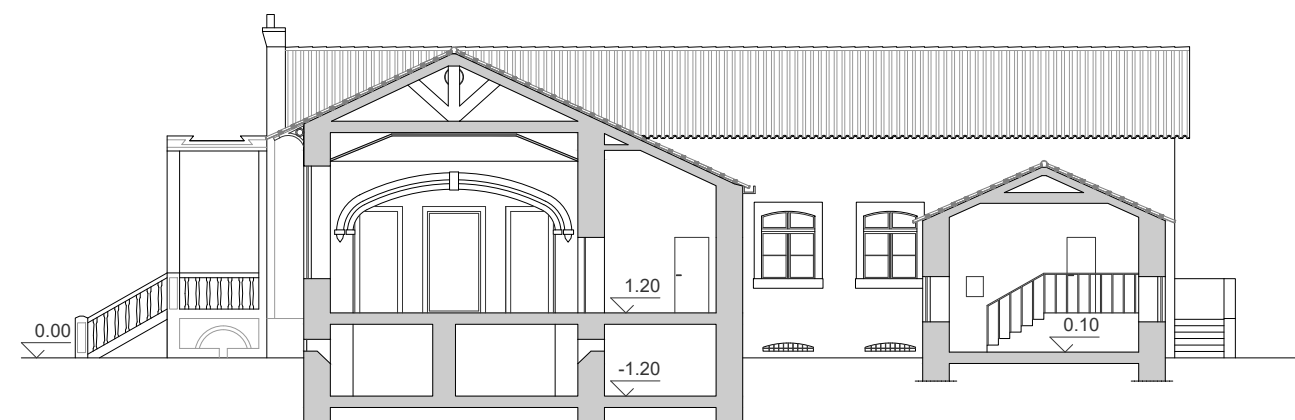
PERFIL NN'



PERFIL QQ'

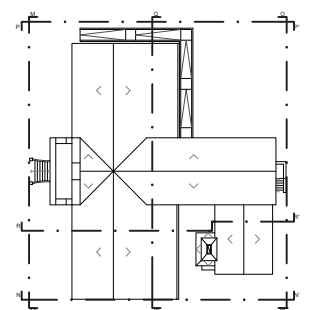


PERFIL OO'



PERFIL RR'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. SALÃO - 657,20 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.

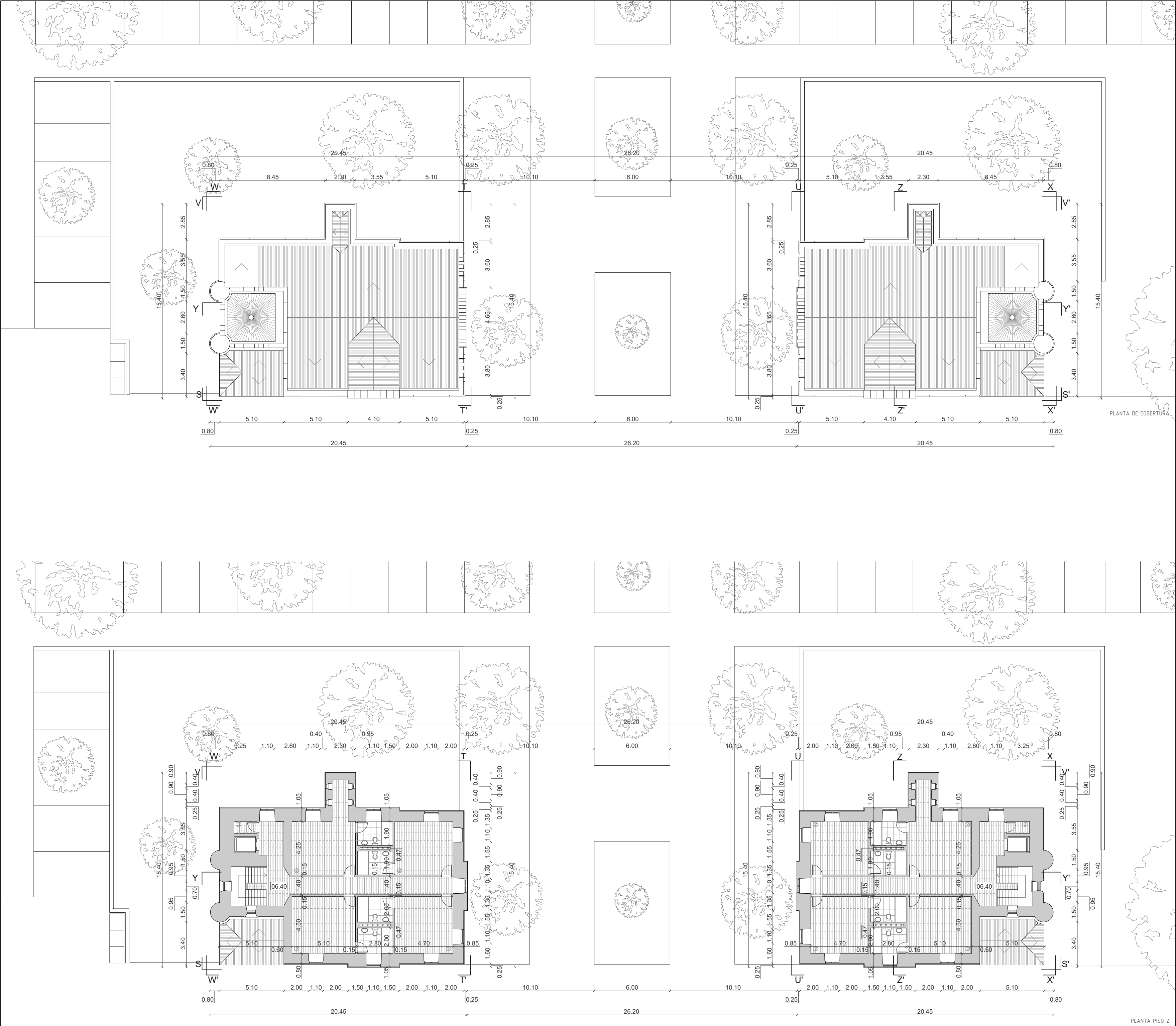
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (SALÃO)
PERFIS MM', NN', OO', PP', QQ', RR'
ESC_1:200

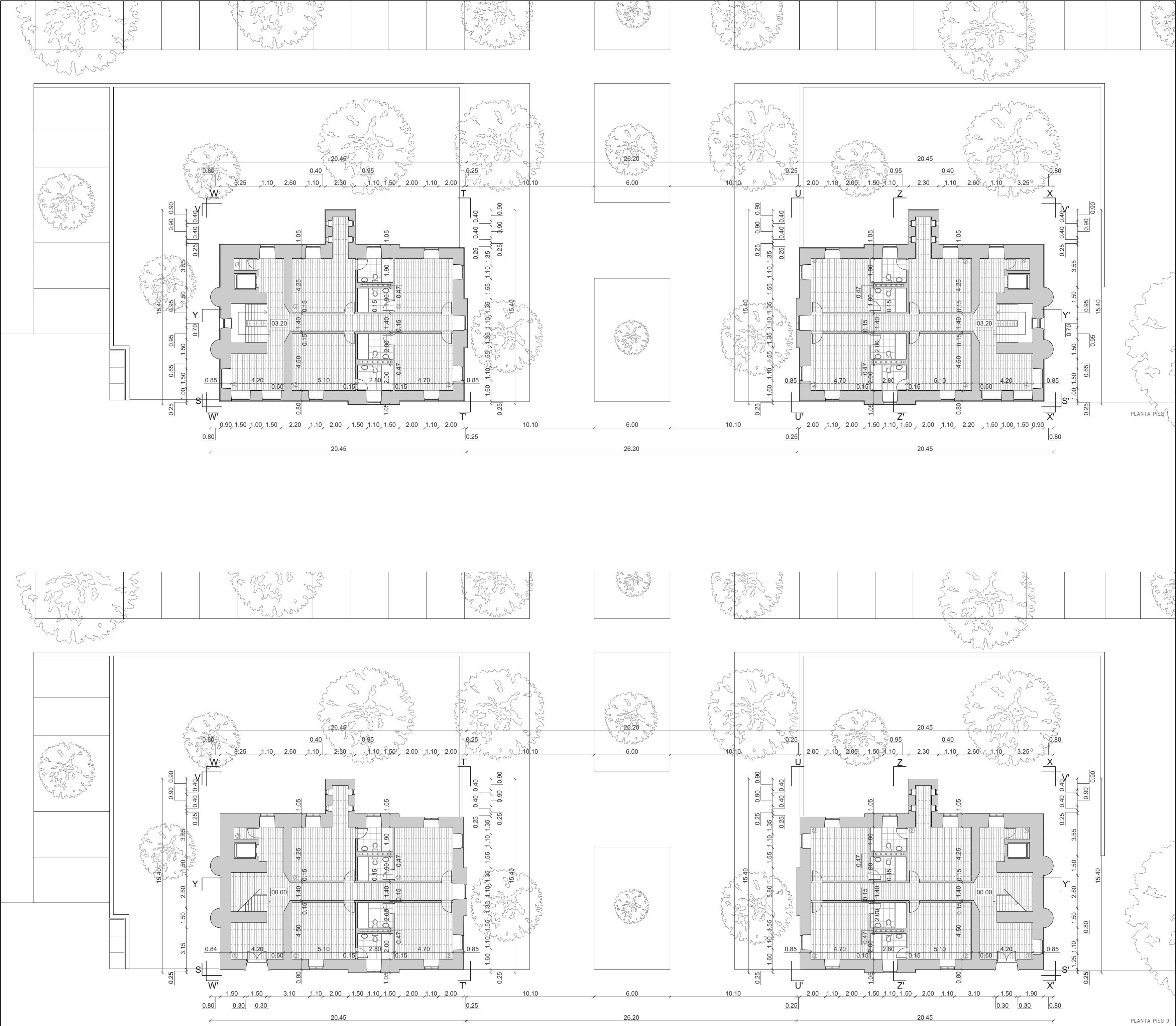
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[51]



LEGENDA.	
COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
1.1. BALCÃO	6,50 m ²
1.2. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPENSA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENGOMADORIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	5,35 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	8,80 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	13,53 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² + 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	46,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²
SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²
VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²
ÁREA TOTAL:	
· VIVENDA D.MARIA - 715 m ²	
· VIVENDA D.FELICIANA - 715 m ²	
NOTAS:	
· O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO <i>IN SITU</i> .	
· ADOPTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.	
· DIMENSÕES EM METROS LINEARES	
· COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00	
TÍTULO:	
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS	
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS	
DESENHO:	
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VIVENDAS)	
PLANTA DE COBERTURA E PISO 2	
ESC_1:200	
VÁLTER SILVA 35940	FOLHA
JUNHO 2022	[52]



LEGENDA.	
COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO PREEXISTENTE	
1. FOYER	50,30 m ²
1.1. BALCÃO	6,50 m ²
1.2. APOIO AO BALCÃO	11,35 m ²
2. LOJA	30,05 m ²
3. SALA DE ESTAR	54,70 m ²
4. ZONA DE REFEIÇÕES	67,64 m ²
5. COZINHA	82,50 m ²
5.1. ARRUMOS	
5.2. ARMAZÉM	
5.3. ARCA FRIGORÍFICA	
5.4. DESPENSA DO DIA	
5.5. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	
5.6. FOGÃO, FORNO E EXAUSTOR DE FUMOS	
5.7. LIXO	
5.8. ZONA DE EMPRATAMENTO	
5.9. PRATOS PRONTOS	
5.10. BANCADA DE APOIO	
5.11. BAR	
5.12. ARMÁRIO DE APOIO	
5.13. LAVAGEM DE LOUÇA	
6. ENTRADA DE FUNCIONÁRIOS	35,00 m ²
7. BALNEÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	19,00 m ²
8. ÁREA TÉCNICA	14,20 m ²
9. ZONA DE COLETA DE RESÍDUOS	8,00 m ²
10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
11. PÁTIO	42,10 m ²
12. SALA DOS BUSTOS	38,00 m ²
13. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	19,30 m ² - 21,15 m ²
14. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,45 m ²
15. LAVANDARIA	14,25 m ²
16. ENCOMENDARIA	14,25 m ²
17. ARRUMOS	5,80 m ²
18. ARRUMOS	5,35 m ²
19. GABINETE ADMINISTRATIVO	8,80 m ²
20. SALA DE REUNIÕES	13,53 m ²
21. ARQUIVO	11,34 m ²
22. GABINETE	11,34 m ²
23. ÁREA TÉCNICA	55,00 m ² - 25,00 m ²
24. ORATÓRIO	48,80 m ²
25. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	18,00 m ²
26. SALA DE FUNCIONÁRIOS	11,70 m ²
27. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	18,00 m ² - 20,50 m ²
28. SALA DE LEITURA	14,50 m ²
29. SALA DE ESTAR	15,45 m ²
30. ZONA DE TRANSIÇÃO E DE ESPERA	46,05 m ²
31. CABINES PARA TRATAMENTO COM LAMAS	58,00 m ²
32. ZONA DE DUCHES	30,00 m ²
33. ZONA DE PREPARAÇÃO DE LAMAS	29,00 m ²
34. ARRUMOS	10,35 m ²
35. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	10,50 m ²
36. BALNEÁRIOS	32,00 m ²
37. ÁREA TÉCNICA DO ELEVADOR	6,60 m ²
SALÃO	
1. SALA POLIVALENTE I	154,00 m ²
2. PALCO	30,60 m ²
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	27,30 m ²
4. SALA POLIVALENTE II	68,30 m ²
5. CAMARIM COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA	7,05 m ²
6. ARRUMOS	8,05 m ²
7. ZONA DE TRANSIÇÃO	14,30 m ²
8. ZONA DE PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS	40,70 m ²
9. ARRUMOS (PALCO)	24,00 m ²
10. DESVÃO	350,00 m ²
11. ÁREA TÉCNICA	15,20 m ²
VIVENDAS D.MARIA E D.FELICIANA	
1. FOYER	24,50 m ²
2. QUARTO COM INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA	674,94 m ²
3. ARRUMOS	10,20 m ²
4. SALA DE ESTAR/LEITURA	24,50 m ²

ÁREA TOTAL:
VIVENDA D.MARIA - 715 m²
VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
ADOPTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

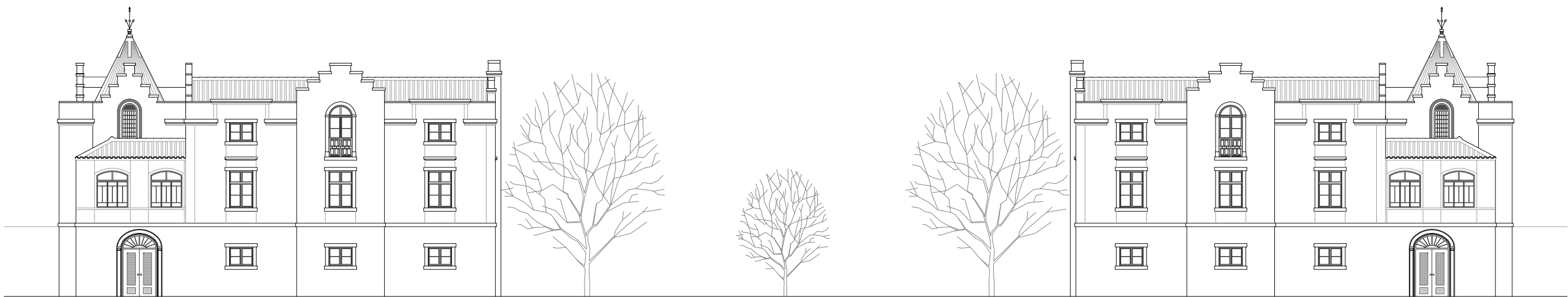
DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VIVENDAS)
PLANTA PISO 1 E PISO 0

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

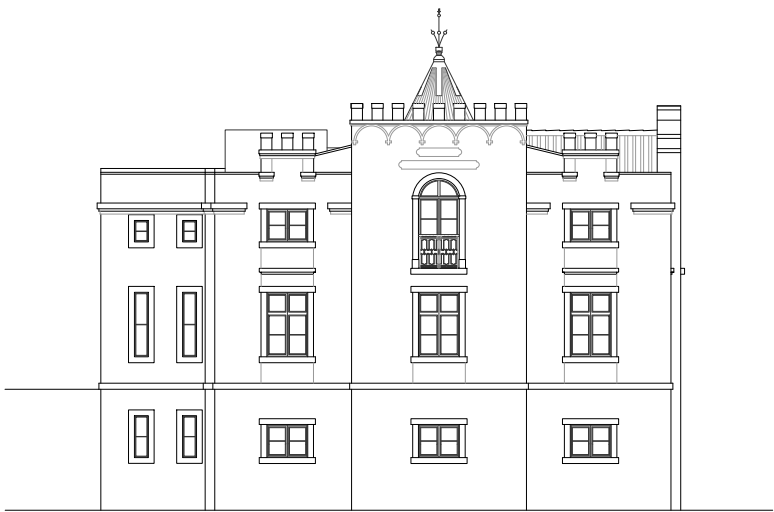
[53]



PERFIL SS'



PERFIL TT'

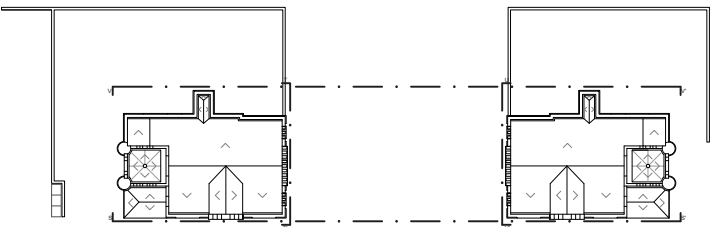


PERFIL UU'



PERFIL VV'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

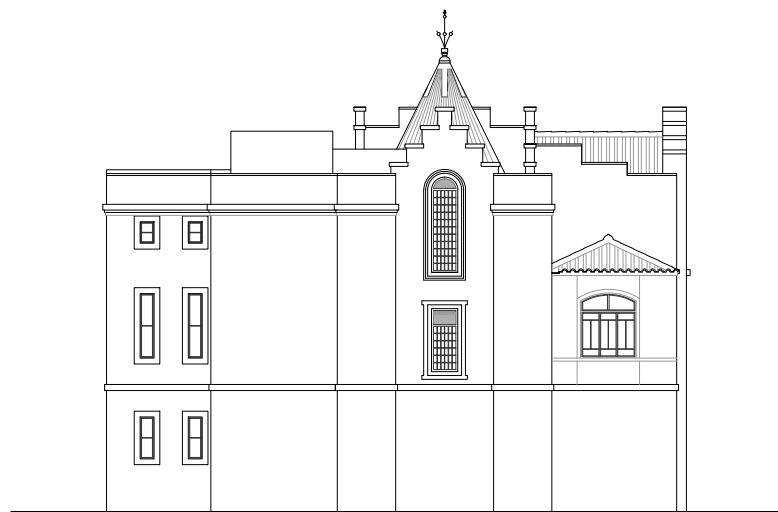
DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VIVENDAS)
PERFIS SS', TT', UU', VV'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

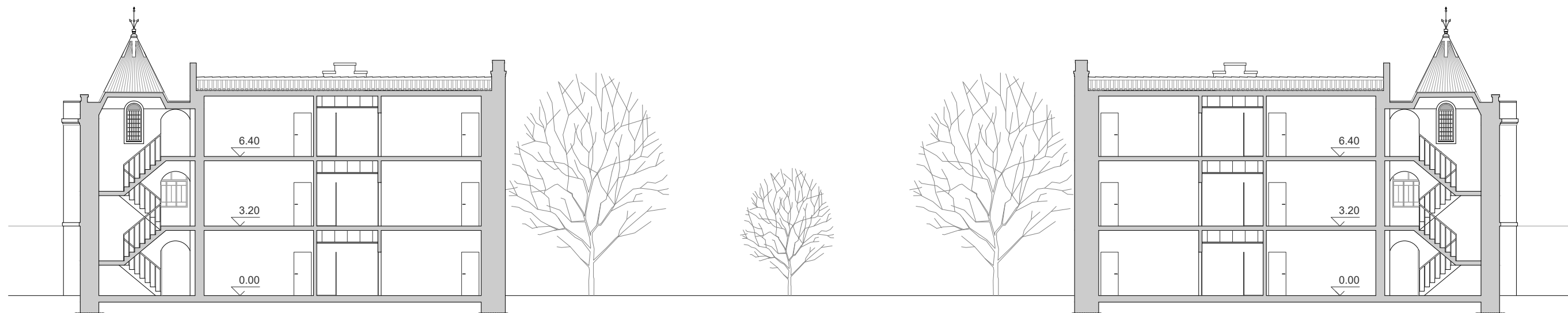
[54]



PERFIL WW'



PERFIL XX'

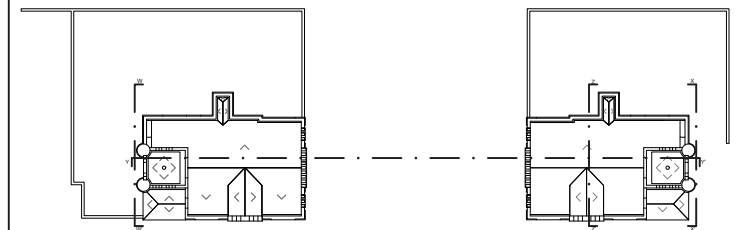


PERFIL YY'



PERFIL ZZ'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. VIVENDA D.MARIA - 715 m²
. VIVENDA D.FELICIANA - 715 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*.
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

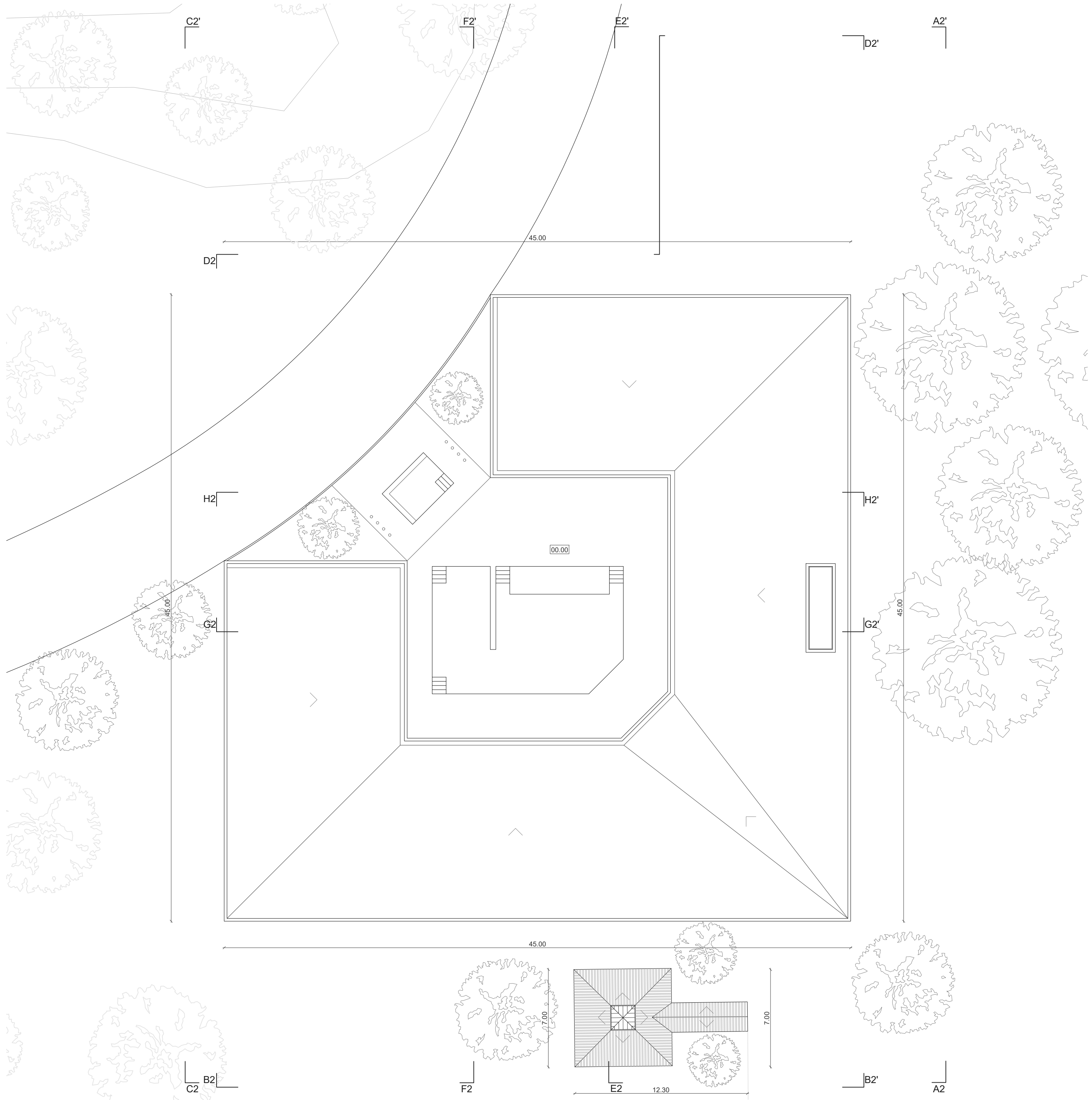
DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (VIVENDAS)
PERFIS WW', XX', YY', ZZ'

ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[55]



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. NOVO BALNEÁRIO - 1811m²
. BUVETTE - 60.45 m²

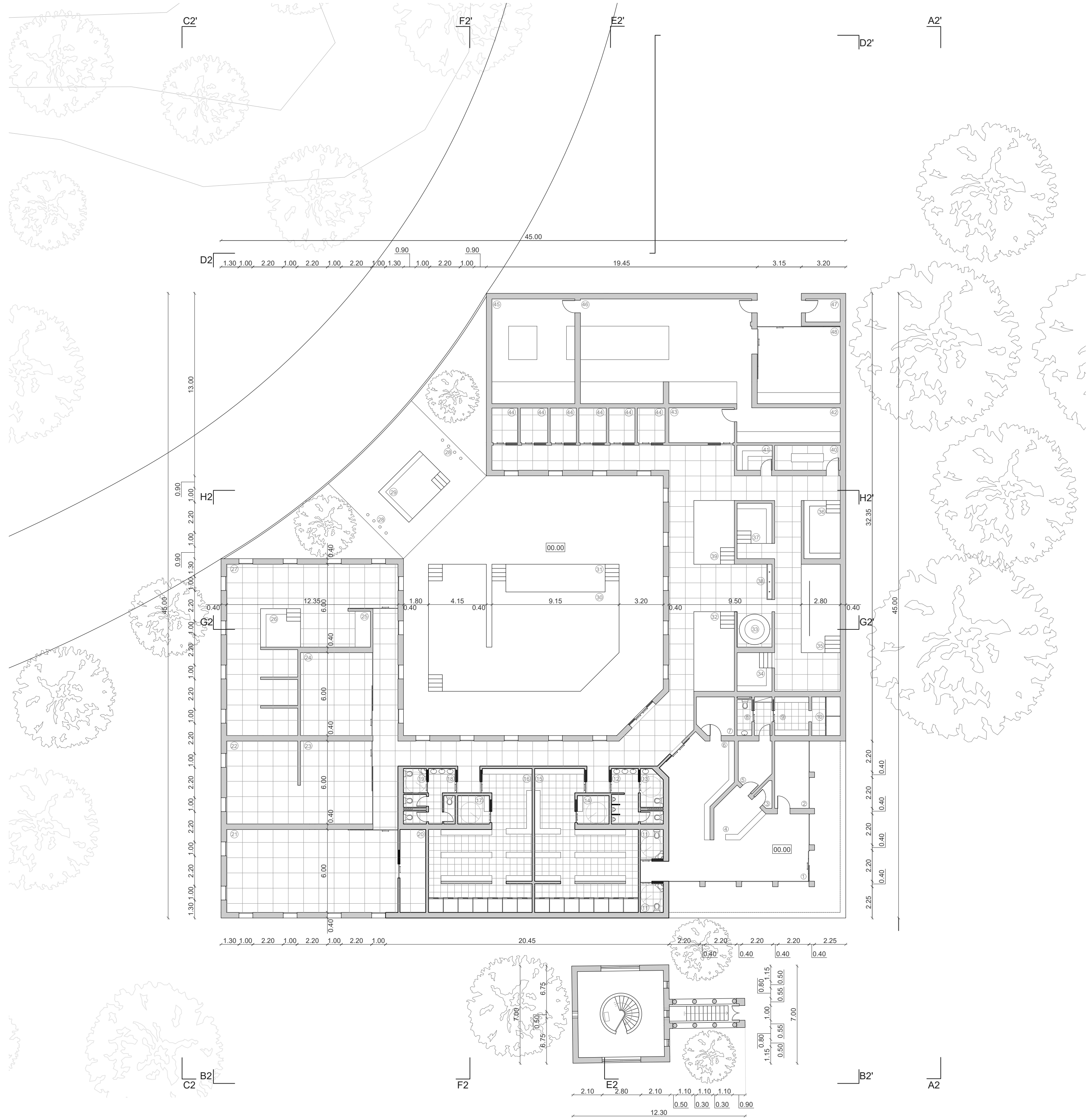
NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO:
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO:
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (NOVO BALNEÁRIO)
PLANTA DE COBERTURA
ESC_1:200



LEGENDA.	
COMPARTIMENTOS	ÁREA TOTAL
BALNEÁRIO NOVO	
1. FOYER	37,40 m ²
2. GABINETE MÉDICO	12,00 m ²
3. ARRUMOS	1,60 m ²
4. RECEÇÃO	9,50 m ²
5. SALA DE FUNCIONÁRIOS	7,70 m ²
6. ZONA DE ESPERA	28,00 m ²
7. ARRUMOS	7,50 m ²
8. INSTALAÇÃO SANITÁRIA (FUNCIONÁRIOS)	2,70 m ²
9. VESTUÁRIO (FUNCIONÁRIOS)	3,50 m ²
10. BALNEÁRIO (FUNCIONÁRIOS)	13,15 m ²
11. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	6,80 m ²
12. INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA	9,35 m ²
13. INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA PARA MOB. REDUZIDA	4,30 m ²
14. DUCHE PARA MOB. REDUZIDA	4,65 m ²
15. BALNEÁRIO MASCULINO	58,50 m ²
16. BALNEÁRIO FEMININO	58,50 m ²
17. DUCHE PARA MOB. REDUZIDA	4,65 m ²
18. INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA	11,50 m ²
19. INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA PARA MOB. REDUZIDA	2,90 m ²
20. ARRUMOS (GNÁSIO)	11,20 m ²
21. GNÁSIO	73,45 m ²
22. SALA DE MASSAGENS	30,60 m ²
23. ZONA DE FISIOTERAPIA	30,65 m ²
24. ZONA DE TRATAMENTOS COM VAPORES	30,85 m ²
25. ZONA DE DUCHE	4,20 m ²
26. PISCINA DE LAMAS INTERIOR	8,00 m ²
27. TRATAMENTOS COM LAMAS	78,30 m ²
28. DUCHES EXTERIORES	
29. PISCINA DE LAMAS EXTERIOR	13,00 m ²
30. PISCINA EXTERIOR 30 ° C - 35 ° C	105,15 m ²
31. PLATAFORMA	14,30 m ²
32. PISCINA INTERIOR 32 ° C	16,75 m ²
33. JACUZZI	6,40 m ²
34. BANHO FRIO 14 ° C	7,20 m ²
35. PISCINA INTERIOR 32 ° C	18,20 m ²
36. BANHO DE FLORES	10,75 m ²
37. BANHO QUENTE 42 ° C	7,25 m ²
38. BEBEDOUROS COM ÁGUA POTÁVEL	6,80 m ²
39. PISCINA INTERIOR 32 ° C	13,40 m ²
40. BANHO TURCO	9,50 m ²
41. SAUNA	4,60 m ²
42. ÁREA TÉCNICA (SISTEMAS DE AQUECIMENTO)	18,60 m ²
43. ARRUMOS	11,90 m ²
44. DUCHE VICHY	30,00 m ²
45. ÁREA TÉCNICA (PREPARAÇÃO DE LAMAS)	45,05 m ²
46. ÁREA TÉCNICA (PREPARAÇÃO DE ÁGUAS)	93,10 m ²
47. ARRUMOS EXTERIORES	4,15 m ²
48. ARRUMOS PARA MANUTENÇÃO EXTERIOR	33,25 m ²

LEGENDA.

ÁREA TOTAL:

- NOVO BALNEÁRIO - 1811m²
- BUVETTE - 60,45 m²

NOTAS:

- O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*, ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA REALIDADE.
- DIMENSÕES EM METROS LINEARES
- COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00



TÍTULO.

O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS

INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (NOVO BALNEÁRIO)

PLANTA PISO 0

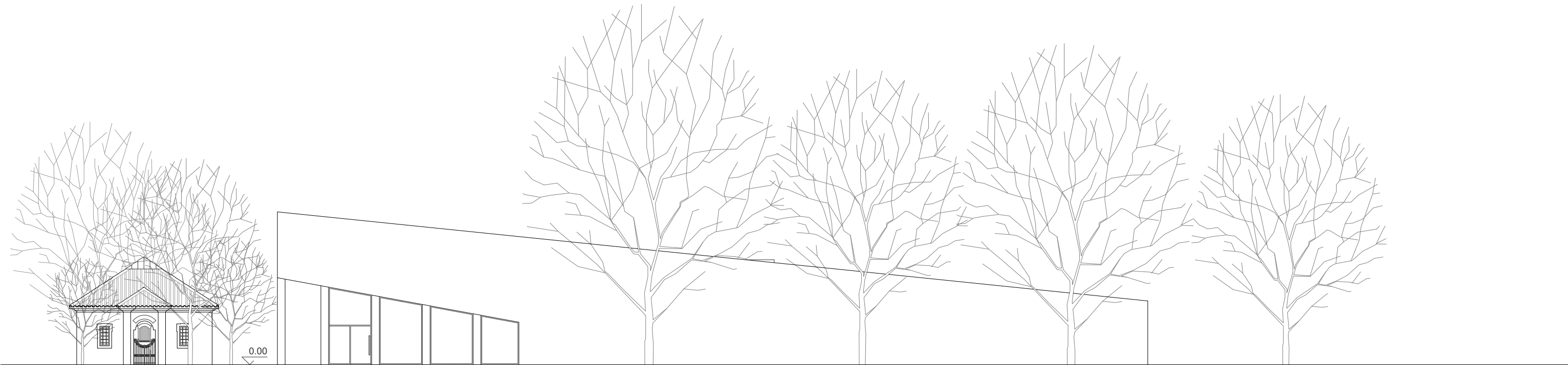
ESC_1:200

VÁLTER SILVA 35940

JUNHO 2022

FOLHA

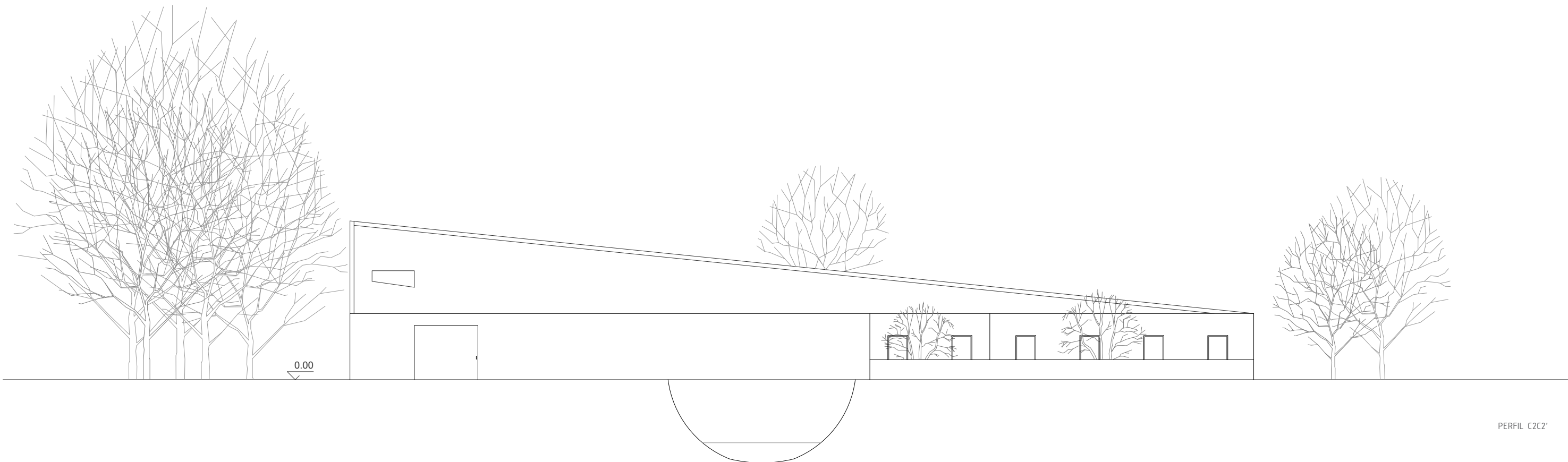
[57]



PERFIL A2A2'

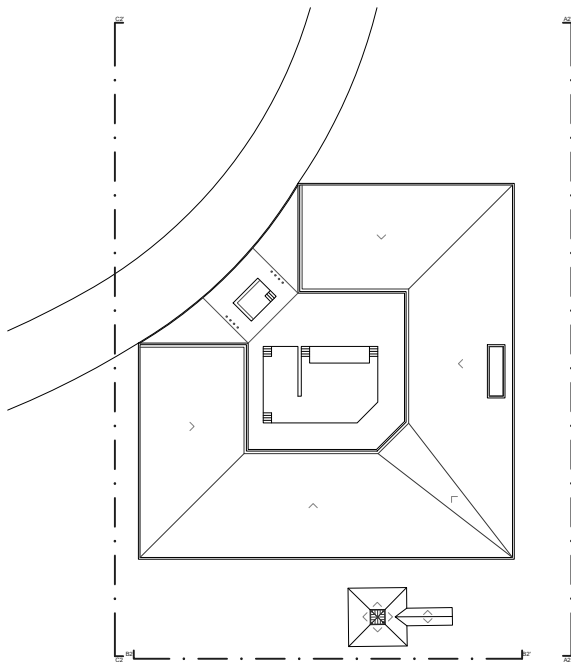


PERFIL B2B2'



PERFIL C2C2'

IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. NOVO BALNEÁRIO - 1811m²
. BUVETTE - 60,45 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES

. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

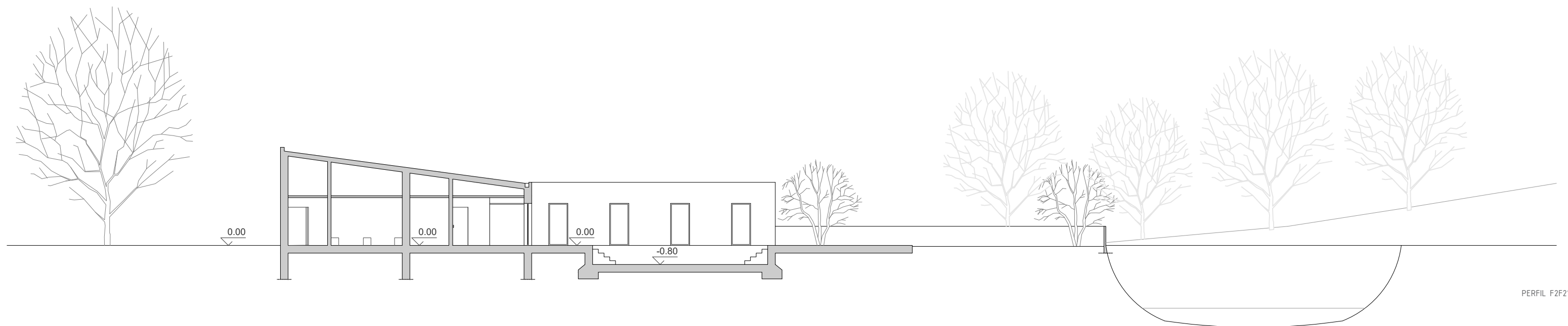
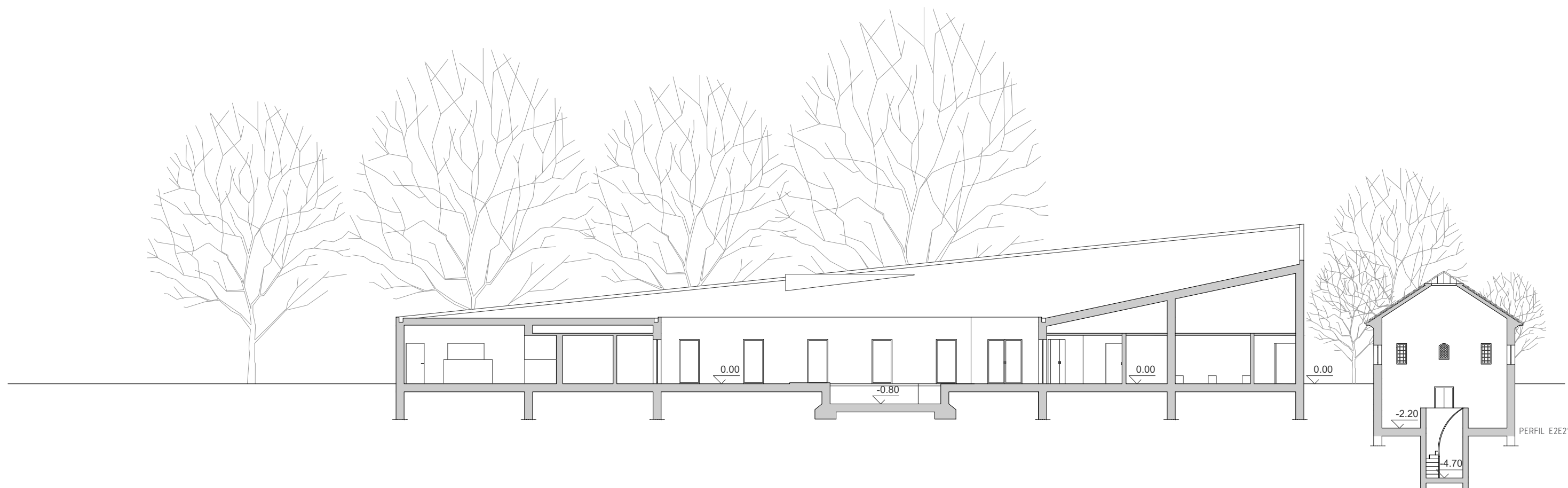
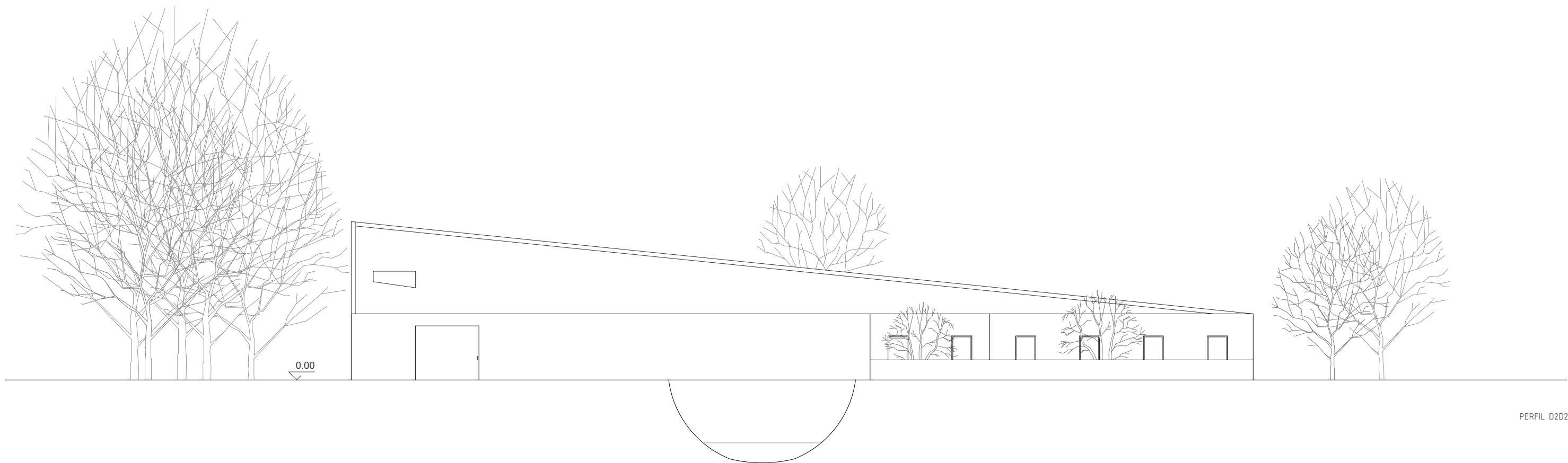
DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (NOVO BALNEÁRIO)
PERFIS A2A2', B2B2', C2C2'

ESC_1:200

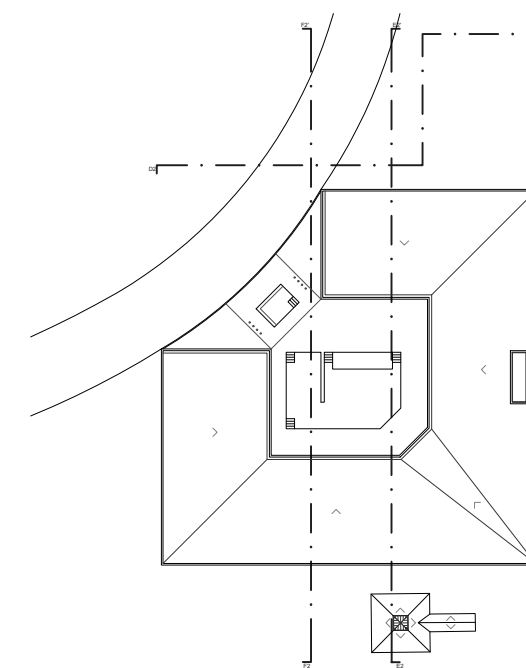
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[58]



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. NOVO BALNEÁRIO - 1811m²
. BUVETTE - 60,45 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

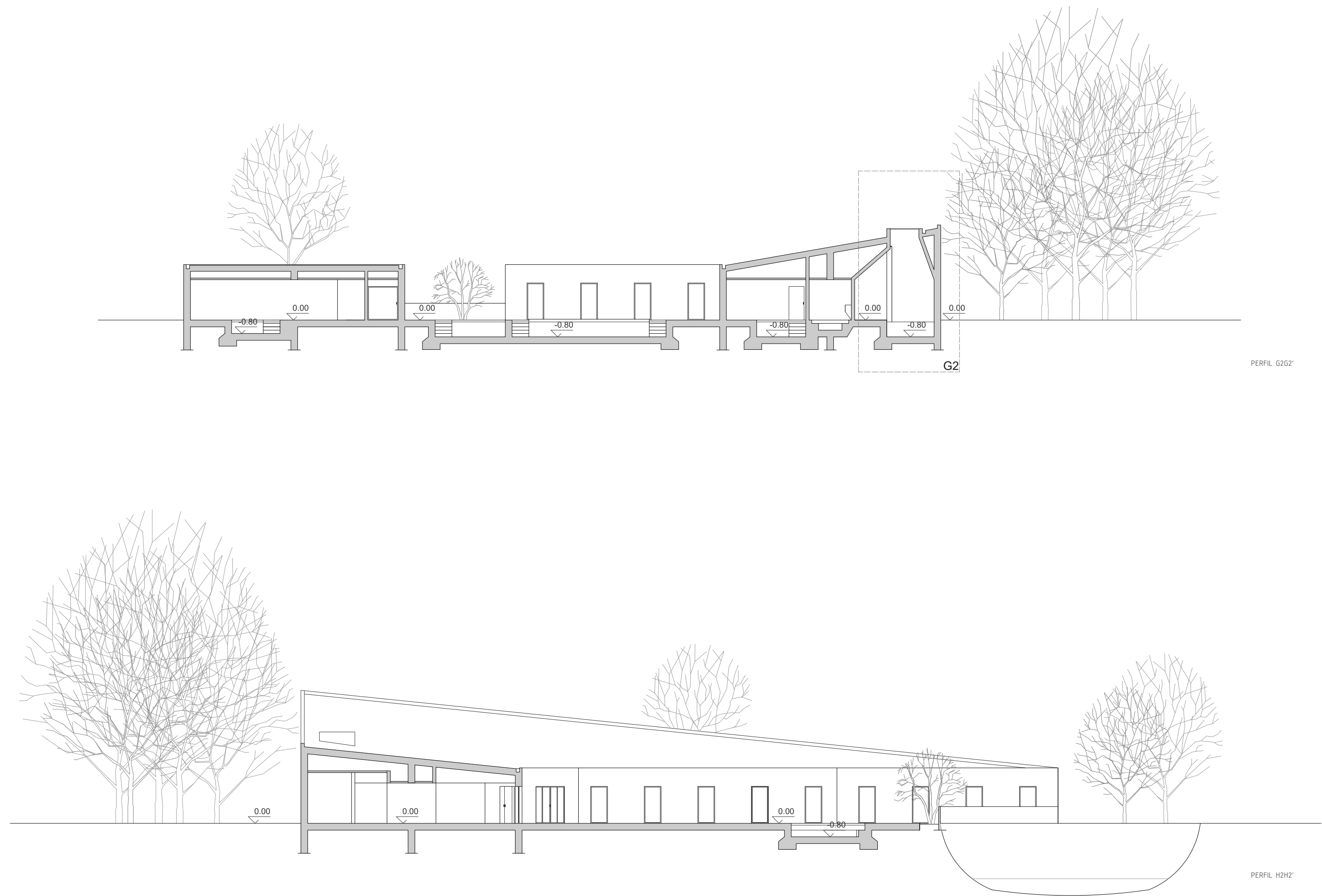
. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

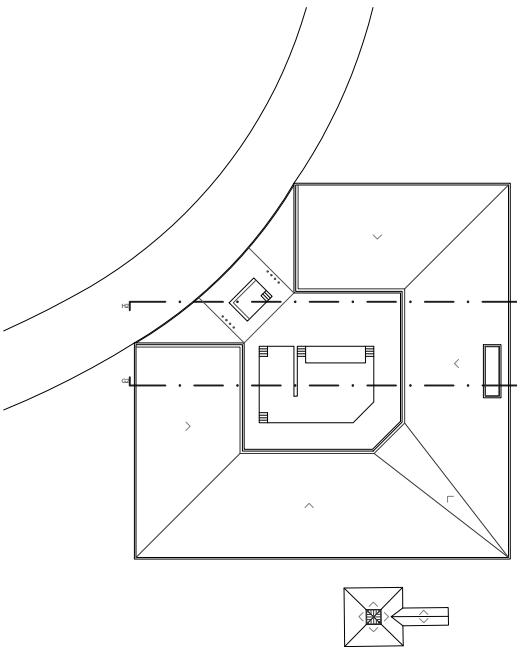
DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (NOVO BALNEÁRIO)
PERFIS D2D2', E2E2', F2F2'
ESC. 1:200

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA
[59]



IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES.



LEGENDA.

ÁREA TOTAL:
. NOVO BALNEÁRIO - 1811m²
. BUVETTE - 60,45 m²

NOTAS:
. O LEVANTAMENTO FOI EFETUADO *IN SITU*,
ADOTOU-SE MEDIÇÕES APROXIMADAS DA
REALIDADE.

. DIMENSÕES EM METROS LINEARES
. COTA DE SOLEIRA 0.00 = 33.00

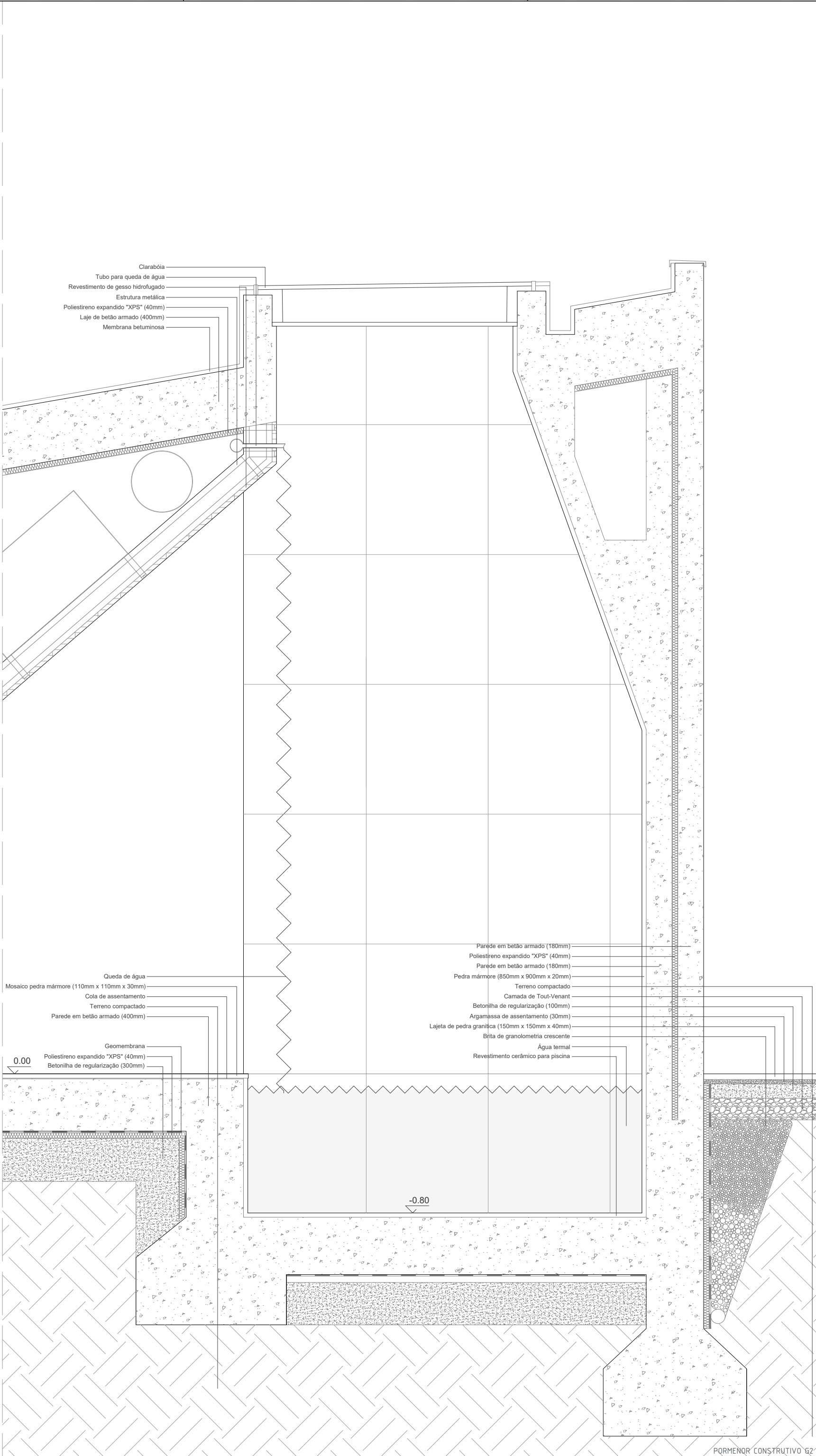
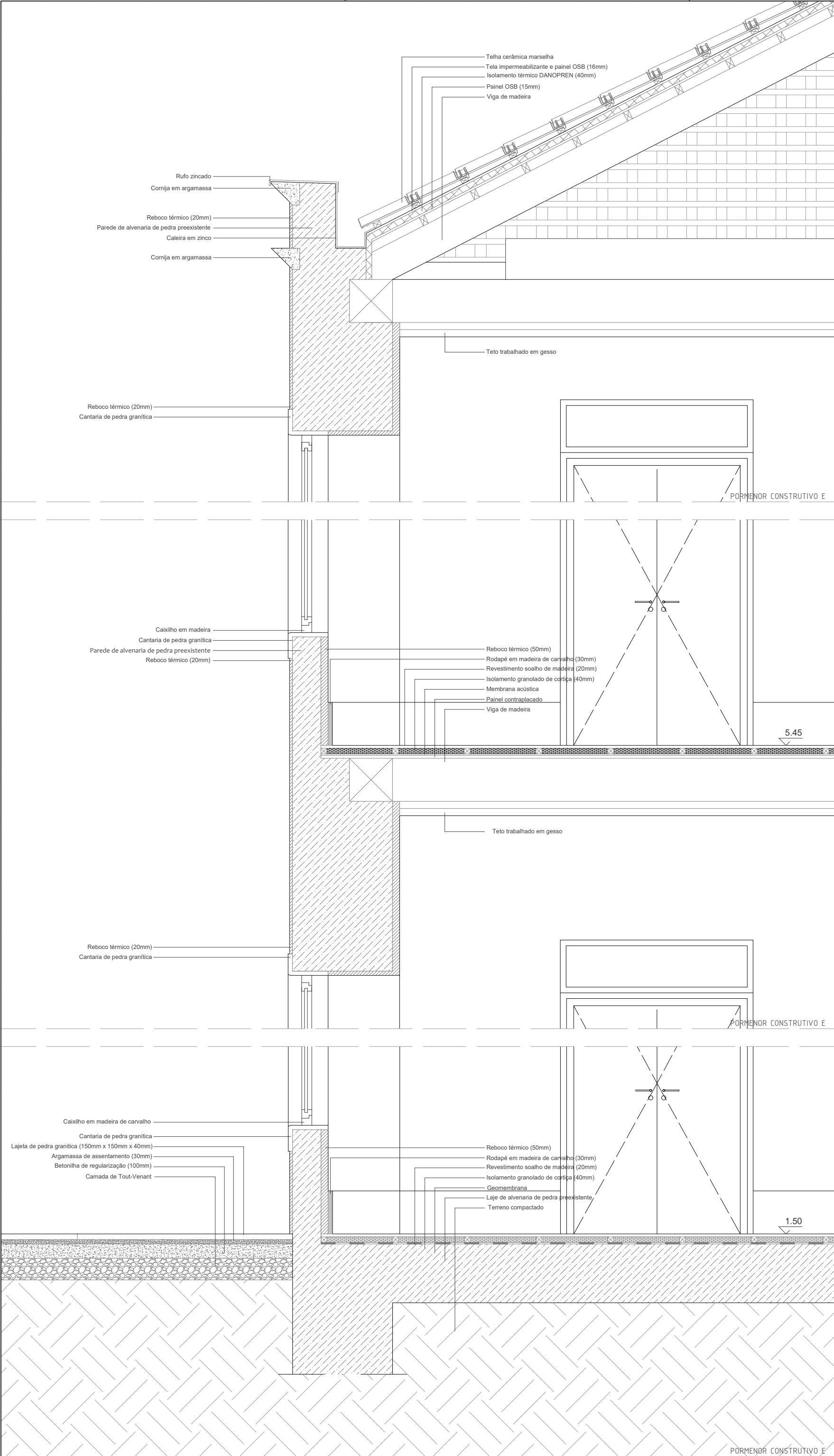
TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (NOVO BALNEÁRIO)
PERFIS G2G2', H2H2'
ESC_1:200

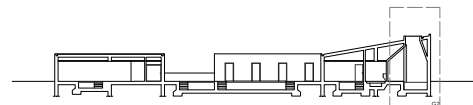
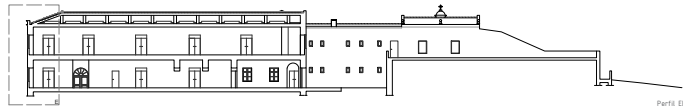
VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[60]



IDENTIFICAÇÃO DOS PORMENORES.



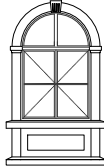
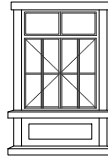
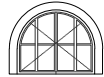
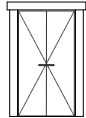
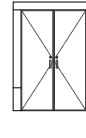
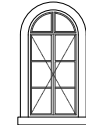
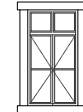
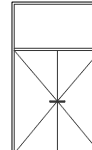
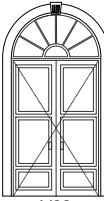
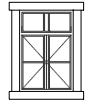
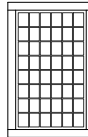
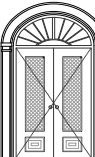
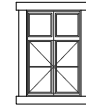
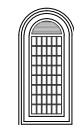
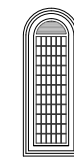
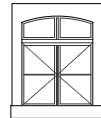
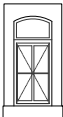
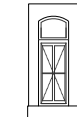
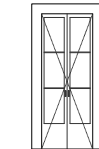
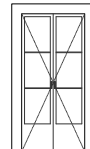
TÍTULO.
O RESSURGIR DAS ÁGUAS TERMAIS
INTERVENÇÃO NO COMPLEXO TERMAL DO VALE DOS CUCOS

DESENHO.
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PORMENORES CONSTRUTIVOS E, G2
ESC_1:25

VÁLTER SILVA 35940
JUNHO 2022

FOLHA

[61]

Designação										
Quantidade	1	2	10	3	2	23	2	4	2	3
Dimensão	2.70mX1.40m	2.15mX1.40m	1.90mX1.00m	2.50mX1.15m	0.80mX1.40m	0.80mX1.00m	2.50mX1.00m	1.70mX1.00m	0.35mX0.90m	0.50mX1.00m
Funcionamento	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Porta-janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 1 folha batente e guarda	Janela composta por 1 folha batente e guarda	Porta-janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes
Materiais	Madeira - cor castanho - ferragens	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco
Designação										
Quantidade	2	2	1	3	1	4	1	2	2	1
Dimensão	2.00mX1.50m	1.30mX1.50m	2.10mX1.15m	1.00mX1.00m	0.40mX1.60m	1.50mX1.00m	2.00mX1.30m	2.10mX1.00m	1.90mX1.00m	3.00mX1.80m
Funcionamento	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Porta composta por 2 folhas batentes
Materiais	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Madeira - cor castanho - ferragens	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Madeira - cor castanho - ferragens	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Madeira - cor castanho - ferragens
Designação										
Quantidade	1	1	35	1	1	35	20	6	4	4
Dimensão	2.40mX1.80m	3.60mX1.80m	1.60mX1.00m	2.35mX1.40m	2.80mX1.60m	0.90mX1.00m	1.70mX1.00m	1.70mX1.45m	2.35mX1.00m	1.10mX0.40m
Funcionamento	Janela fixa	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela fixa	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 3 folhas batentes	Porta-janela composta por 2 folhas batentes	Janela guilhotina
Materiais	Caixilharia de madeira - cor castanho	Madeira - cor castanho - ferragens	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Madeira - cor castanho e branco - ferragens	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco
Designação										
Quantidade	4	4	2	2	2	1	4	1	1	3
Dimensão	1.70mX0.40m	0.60mX0.40m	1.90mX0.70m	2.50mX0.70m	1.70mX0.70m	3.90mX1.95m	3.00mX2.00m	0.50mX1.20m	1.20mX1.20m	1.80mX1.40m
Funcionamento	Janela guilhotina	Janela guilhotina	PV4 Janela fixa	Janela fixa	Janela fixa	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela fixa	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes
Materiais	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco
Designação										
Quantidade	1	3	2	1	2	1	1	1	1	6
Dimensão	1.20mX0.50m	1.80mX0.75m	1.20mX1.20m	2.00mX1.20m	1.80mX0.60m	2.70mX1.00m	1.70mX1.00m	2.70mX1.20m	0.50mX0.50m	0.60mX1.00m
Funcionamento	Janela guilhotina	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela fixa	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Porta composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela composta por 2 folhas batentes	Janela fixa	Vão sem janela
Materiais	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor castanho e branco	Caixilharia de madeira - cor branco	Ferragens
Designação										
Quantidade	3	1	2							
Dimensão	0.20mX1.30m	0.30mX0.75m	0.30mX0.30m							
Funcionamento	Vão sem janela	Vão sem janela	Vão sem janela							
Materiais	Ferragens	Ferragens	Ferragens							